



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**PRÁTICA SOCIAL LAZER DE UM GRUPO DE MULHERES DO
JARDIM PANORAMA - RIO CLARO – SP:
PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES**

Silvino Marques da Cunha Júnior

SÃO CARLOS
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**PRÁTICA SOCIAL LAZER DE UM GRUPO DE MULHERES DO
JARDIM PANORAMA - RIO CLARO - SP:
PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES**

Silvino Marques da Cunha Júnior

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

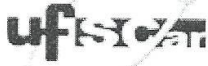
SÃO CARLOS
2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C972p Cunha Júnior, Silvino Marques da
Prática social lazer de um grupo de mulheres do
Jardim Panorama - Rio Claro - SP : processos
educativos decorrentes / Silvino Marques da Cunha
Júnior. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
133 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
São Carlos, 2016.

1. Processos educativos. 2. Lazer. 3. Periferia
urbana. I. Título.

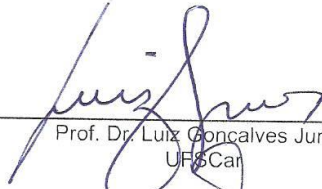


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

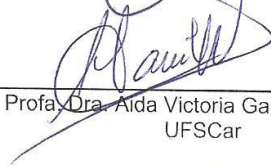
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

inaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do
didato Silvano Marques da Cunha Júnior, realizada em 25/02/2016:



Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior
UFSCar



Prof. Dra. Aida Victoria Garcia Montrone
UFSCar



Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos
IFSP

Dedico este trabalho a minha mulher Claudia e meu filho Giuseppe, que a todo momento compartilharam comigo meus anseios e inquietações. Dedico também ao grupo de mulheres do Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama, que me fizeram enxergar a vida com mais amor e alegria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu Pai Silvino e minha Mãe Alet, por todo amor e carinho recebido durante toda a minha vida. Vocês foram os melhores pais do mundo.

Aos meus irmãos, Justina e Agostinho, por todas as aventuras, brigas, e histórias engraçadas que marcaram nossas vidas.

A minha mulher Claudia que companheira nas crises, nas alegrias, sempre com paciência leu várias vezes este trabalho. E meu filho Giuseppe que abriu mão de vários fins de semana para me ajudar com o trabalho. Muito obrigado por tudo;

Ao meu grande amigo e orientador Luiz Gonçalves Junior, por acreditar no meu potencial e ter paciência com seu orientando;

A todos as mulheres e funcionários, do Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama, em especial ao Domingos e Adriana que vivem intensamente aquele local;

Aos professores Victória Montrone e Fábio Mizuno por confiarem e aceitarem a tarefa de fazer parte da minha banca, e que contribuíram muito com suas sugestões feitas na qualificação.

Aos educadores da linha de Práticas Sociais e Processos Educativos que com sua experiência e sabedoria me ensinaram a enxergar o mundo com outros olhos.

Aos amigos do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), pelos aprendizados, trocas de experiências e incentivo, em especial ao Gorpo, Denise, Spina, Fábio e Claudinha.

Aos alunos e direção da escola prof. Roberto Garcia Losz, da qual me mantive afastado por esse período, mas que sempre estiveram me auxiliando e apoiando, em especial, Izilda, Rose, Nilce e as professoras Ana Lara e Maria Izabel.

Aos colegas da Secretaria de Esportes de Rio Claro em especial ao meu grande “irmão” e hoje mestre Alexandre Colagrai.

E, finalmente, a todos, que de alguma forma, fizeram parte deste momento tão maravilhoso e significativo de minha vida.

*[...] O amor é o carinho,
É o espinho que não se vê em cada flor.
É a vida quando
Chega sangrando aberta
em pétalas de amor*

Vinicius de Moraes (O velho e a flor)

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido no Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama, bairro periférico do município de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo, junto a um grupo de doze mulheres que se reúnem semanalmente para prática de exercícios, caminhadas, brincadeiras e bate papo em contexto de fruição de lazer. A pesquisa teve como objetivo central caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados nesse grupo de mulheres. Justifica-se esse estudo pois o lazer é uma temática presente em nossa sociedade atual, porém atrelado a fatores financeiros e econômicos, deixando sua essência em segundo plano. A perspectiva metodológica utilizada foi a investigação qualitativa baseada na fenomenologia. Para tanto, foram realizados treze encontros no local, a partir do segundo semestre de 2015. Desses encontros foram realizadas anotações em diários de campo, na sequência realizado procedimento de análise de dados inspirado na fenomenologia, passando por redução fenomenológica e construção da matriz nomotética, na qual foram construídas as seguintes categorias: A) Valorização da vida de qualidade, na qual evidenciou-se, a partir da convivência, cuidado e atenção de umas para com as outras, a valorização da vida de qualidade; B) Engajamento e luta, em que o engajamento do grupo foi percebido pelo compromisso com os combinados e cobranças de umas para com as outras e através desse engajamento lutam para a melhoria pessoal, do grupo e da comunidade onde se inserem; C) Compreensões sobre o lazer, são apresentadas as compreensões do grupo de mulheres sobre suas vivências de lazer e sobre as possibilidades de lazer no município. A partir do estudo, podemos considerar que os processos educativos desencadeados foram: o aprender e o cuidado de umas para com as outras, o amadurecimento da consciência política, as diferentes formas de fruição do lazer, o afeto e a sensibilidade, o trabalho coletivo, o respeito e a solidariedade para com o outro, assim como, a aprendizagem do pesquisador com esse grupo de mulheres que com alegria e humor, mesmo nas intempéries, irradiavam atenção, acolhimento e amorosidade, favorecendo nossa humanização, nosso Ser Mais.

Palavras-chave: Processos Educativos. Lazer. Periferia Urbana.

ABSTRACT

This study was developed in Multisport Jardim Panorama Gym, outlying district of the city of Rio Claro, in the state of São Paulo, with a group of twelve women who meet weekly for exercise, hiking, play and chat in leisure enjoyment context. The research had as main objective to characterize and educational processes triggered this group of women. It justified this study because leisure is a theme present in our society, but linked to financial and economic factors, leaving your background essence. The methodological approach used was qualitative research based on phenomenology. Therefore, we were held thirteen meetings on site, from the second half of 2015. From these meetings were held in notes field diaries, following performed data analysis procedure inspired by phenomenology, through the phenomenological reduction and construction of nomothetic matrix, in which the following categories were constructed: a) quality of life valuation, which was evident from the living, care and attention of one towards the other, the appreciation of the quality of life; B) Engagement and struggle, in which the engagement of the group was perceived by the commitment to a combined and charges for other and through this engagement strive for personal improvement, the group and the community in which they operate; C) Understandings about leisure, they present the understanding of the group of women about their leisure and experiences about leisure possibilities in the city. From the study, we can consider that triggered educational processes were learning and care of one towards the other, the maturing of political consciousness, the different forms of leisure enjoyment, affection and sensitivity, collective work, respect and solidarity with the other, as well as the researcher's learning with this group of women with joy and humor, even in bad weather, radiated attention, care and loveliness, favoring our humanization, our Being More

Keywords: Educational Processes. Leisure. Urban periphery.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista da Rua 28, próxima à quadra com lixo jogado na rua.....	43
Figura 2: Presença de barracos ao longo da última rua do bairro.	43
Figura 3: Mapa da cidade de Rio Claro.....	56
Figura 4: Distância entre a Igreja de São João Batista (marco zero da cidade) e o Jardim Panorama.....	58
Figura 5: Ginásio Poliesportivo Jardim Panorama.....	59
Figura 6: Vista do local antes da construção da quadra com o antigo campo de futebol.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese dos dados das mulheres participantes do grupo do Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama.....	45
Quadro 2: Frequência das mulheres participantes aos encontros do grupo no Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama.....	46
Quadro 3: Matriz Nomotética	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo 1 – O lazer da/na periferia como prática social	24
1.1 O lazer da/na periferia.....	30
1.2 A mulher na sociedade e no lazer	33
1.3 Qualidade de vida e vida de qualidade	36
1.4 Periferia Urbana	40
Capítulo 2 – Trajetória Metodológica	45
2.1 Apresentação das mulheres.....	46
2.1.1 Bela.....	47
2.1.2 Débora	47
2.1.3 Esmeralda	48
2.1.4 Ester.....	48
2.1.5 Fátima.....	49
2.1.6 Flor do Campo.....	50
2.1.7 Isabel	51
2.1.8 Juliana.....	52
2.1.9 Mirian	53
2.1.10 Raquel.....	54
2.1.11 Thelma.....	54
2.1.12 Tita	55
2.2 O processo de Inserção	60
2.3 O processo de pesquisa	62
2.4 Levantamento das Unidades de Significado	65
2.5. Compreendendo e identificando	67

2.6 Redução Fenomenológica.....	67
2.6.1 Diário de Campo I (DCI)	67
2.6.2 Diário de Campo II (DCII).....	69
2.6.3 Diário de Campo III (DCIII)	70
2.6.4 Diário de Campo IV (DCIV).....	72
2.6.5 Diário de Campo V (DCV)	73
2.6.6 Diário de Campo VI (DCVI).....	75
2.6.7 Diário de Campo VII (DCVII)	77
2.6.8 Diário de Campo VIII (DCVIII)	78
2.6.9 Diário de Campo IX (DCIX).....	79
2.6.10 Diário de Campo X (DCX)	80
2.6.11 Diário de Campo XI (DCXI).....	81
2.6.12 Diário de Campo XII (DCXII)	82
2.6.13 Diário de Campo XIII (DCXIII)	84
Capítulo 3 – Análise de dados	87
3.1 A – Valorização da Vida de qualidade	89
3.2.B – Engajamento e luta.....	92
3.3.C – Compreensões sobre o lazer.....	98
Considerações	101
Referências	105
Apêndice.....	111
Apêndice1 – Diários de Campo	111
DIÁRIO DE CAMPO I.....	111
DIÁRIO DE CAMPO II.....	112
DIÁRIO DE CAMPO III	114

DIÁRIO DE CAMPO IV	116
DIÁRIO DE CAMPO V	117
DIÁRIO DE CAMPO VI.....	119
DIÁRIO DE CAMPO VII.....	121
DIÁRIO DE CAMPO VIII	122
DIÁRIO DE CAMPO IX	123
DIÁRIO DE CAMPO X	124
DIÁRIO DE CAMPO XI.....	125
DIÁRIO DE CAMPO XII.....	127
DIÁRIO DE CAMPO XIII	128
Apêndice2 – Modelo de Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido.....	131
Anexo - Parecer do Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	132

INTRODUÇÃO

Vivemos numa cultura eurocêntrica. A nós foi imposto desde o descobrimento o seguimento dos padrões culturais vindos do modelo europeu. Como bem diz o poema de Oswald de Andrade (1972) “Quando o português chegou / Debaixo de uma bruta chuva / Vestiu o índio / Que pena! Fosse uma manhã de sol / O índio tinha despido / O português”. É uma realidade que já deixa claro que os padrões culturais a serem seguidos não são os de respeito à multiculturalidade, mas a um padrão único o Eurocêntrico.

O Eurocentrismo ganha força a partir da Revolução Industrial no início do século XIX, segundo Dussel: “A Europa nunca foi o centro da história mundial até finais do século XVIII” (2009, p. 285). A igreja se junta aos conceitos do Eurocentrismo e passa a ser instrumento de propagação do mesmo. Assim descaracterizando todas as culturas por onde passavam através de uma “guerra justa”¹, a qual através da força impingiu aos povos colonizados de toda a América Latina e África, jargões de que seriam povos inferiores e que para chegarem a ter algum valor deveriam apreender a cultura europeia, pois dessa maneira abstrairiam alguma cultura.

Porém, nem todos poderiam ter esse direito, afinal ainda assim algumas etnias se manteriam como “inferiores” caso dos negros africanos trazidos ao Brasil para o trabalho escravo nas plantações de café.

Especificamente no Brasil, as culturas indígenas que aqui viviam foram as que mais sofreram com a imposição proposta pelo Eurocentrismo, com descaracterização de toda sua cultura, e com a dizimação de muitas das etnias que se colocaram contra essa imposição.

Com base nessa descaracterização cultural que vinha sendo transmitida e incentivada, geração após geração, ao homem branco civilizado, dentro da Educação, diversos/as autores/as passassem a criticar esse modelo Eurocêntrico de viver. Segundo Quijano (2009), esse movimento que teve seu início na América, passou a ser mundialmente imposto. Dessa forma:

A população de todo o mundo foi classificada, antes de mais, em identidades “raciais” e dividida entre os dominantes/superiores

¹ Nome dado ao modelo de pensamento que justificava a conquista de outros povos pela força, segundo Ginés, citado por Dussel (2009), “a violência necessária que se devia exercer para que o bárbaro se civilizasse”. (p.297)

“europeus” e os dominados/inferiores “não europeus”. Assim, diferenças raciais como a cor da pele, o cabelo e a cor dos olhos eram determinantes de “superioridade” (p.107).

Ainda segundo Quijano (2009), nos séculos XIX e XX, outros traços como “forma da cara, o tamanho do crânio e a forma e tamanho do nariz” foram incorporados a essas avaliações (p.107). Chegavam-se então as gradações de que aos “[...] dominadores/superiores ‘europeus’ atribuía-se a denominação de ‘raça branca’ e a todos os dominados/inferiores ‘não europeus’ a denominação de ‘raças de cor’” (p.108). Para o autor, um dos caminhos para a superação ainda vigente do eurocentrismo seria a “naturalização” das relações sociais, indo além do dualismo eurocêntrico (alma-corpo, psique-corpo).

Outra autora que aborda de forma crítica o eurocentrismo é Araújo-Olivera (2014), segundo a qual, que se utiliza da expressão “Sulear²” em seu texto, vem carregado de significados, pois busca uma separação do pensamento eurocêntrico de forma a “[...] dar lugar e se abrir para diferentes e diversas fontes de produção de saberes e conhecimentos e, sem desqualificar ou menosprezar nenhuma, coloca-las em diálogo” (p.48). Assim, a autora busca quebrar a visão de superioridade proposta pelo eurocentrismo e colocar todas as culturas, independentemente de sua raça, cor ou qualquer outra característica como capazes e produtoras de conhecimentos que serão úteis para outrem.

Nossa sociedade vive valores propostos num padrão que impõe o *ter* muito mais que o *ser*, o que tem levado a movimentos de exclusão social e cultural, à opressão e descaracterização do outro.

A linha de pesquisa em Práticas Sociais e Processos Educativos³, da Universidade Federal de São Carlos, desenvolve trabalhos que contribuam para a denúncia e diminuição dessas exclusões e descaracterizações socioculturais. Tem como um de seus referenciais principais o autor brasileiro, Paulo Freire, o qual, por suas ideias e pensamentos, foi exilado do Brasil na época da ditadura, apenas porque queria a construção de um mundo mais justo e humano e que, a base da construção para esse

² O neologismo *SU*Lear é apresentado por Campos (S/D) e busca dar visibilidade ao sul como uma forma de contrariar a lógica eurocêntrica dominante na qual o Norte é apresentado como fonte de referência universal.

³ Práticas Sociais e Processos Educativos: ações e relações que as pessoas e os grupos mantêm entre si para passar as normas de vida, de manutenção ou transformação da sociedade e os aprendizados decorrentes dessas ações e relações.

mundo seria feita através do diálogo e da convivência, dos quais se destacam esses processos através das Práticas Sociais.

Para Freire (2005), somos seres inacabados, inconclusos e conscientes dessa inconclusão. “Porém, a busca do ser mais, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos” (p.72).

O conceito do ser mais proposto por Freire (2005, p.8) evoca que todos nós devemos aprender escrever nossas vidas para não sermos meros coadjuvantes, daí que o sentido de alfabetização para ele seja “aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história [...] isto é historicizar-se”. Ainda para o autor, toda essa escrita de mundo deve acontecer dentro de um processo de diálogo. Segundo Freire o monólogo é fonte de negação do ser humano, já o diálogo o fenomeniza, fornece possibilidades de trocas e aberturas às experiências que possibilitam a criação de uma consciência de mundo na qual o aspecto dialógico é fundamental.

Outro autor referencial da linha é o professor Ernani Maria Fiori que, assim como Freire, luta para uma educação libertária, que rompa com a dominação. Afirma que “[...] é preciso romper com preconceitos e engajar-se em “luta contra a dominação” a qual só “alcançará seus fins se romper as estruturas para dar surgimento ao homem novo” (2014, p. 62).

Assim, dentro de uma concepção de luta pela libertação e liberdade, proposta pelo autor:

As lutas pela libertação, desde seus primórdios, devem restituir ao homem a sua responsabilidade de reproduzir, isto é, de educar-se e não de ser educado. Nessa emergência de uma autoconsciência crítica de nossos povos, é de vital importância uma reflexão comprometida com a práxis da libertação, que nos permita captar, com lucidez e coragem, o sentido último desse processo de conscientização. Só assim será possível repor os termos dos problemas de uma educação autenticamente libertadora: força capaz de ajudar a desmontar o sistema de dominação, e promessa de um homem novo, dominador do mundo e libertador do homem (FIORI, 2014, p.52).

Com base no entendimento dos autores, clareia-se nosso entendimento sobre a construção das Práticas Sociais como aquelas que ocorrem em todas as situações de encontro, sejam elas de lazer, de estudo, cotidianas ou até mesmo de conflitos, em todas elas encontramos relações e aprendemos alguma coisa.

Segundo Oliveira et al (2014):

As práticas sociais se estendem em espaço/tempo construído por aqueles que delas participam seja compulsoriamente, seja por escolha política ou de outra natureza. Sua duração – permanência, desaparecimento, transformação - depende dos atores que as constroem, desenvolvem, mantêm ou suprimem; bem como dos objetivos que com elas se quer atingir e do momento histórico. Os atores são participantes das relações sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, políticas e históricas, o que permite que se apropriem dos valores e comportamentos de seu tempo e lugar, lutando pela sua existência. Não são, portanto, essas pessoas, meros receptáculos das situações que ocorrem na sociedade na qual vivem. (p.34)

Nesse contexto é que emergirão os processos educativos, os quais procuramos apresentar melhor a seguir.

Conforme Oliveira et al (2014, p.30): “[...] em todas as práticas sociais há processos educativos”, assim procuramos perceber com mais atenção os processos que contribuiriam com o educar-se. Os autores da linha afirmam que o ato de se educar vai muito além da educação bancária que estamos acostumados e da qual falaremos adiante. Corroborando, Oliveira e Silva (2014) afirmam:

Educar-se implica abrir-se para o mundo, para experiências de conhecer e buscar compreender o que se expõem diante dos olhos, tudo que se abre aos sentidos, à inteligência, aos sentimentos e que por meio de reflexão se constitui em processo “que não se conclui jamais” (p.56). [...] O educar-se permite tomar consciência dos significados e rumos das experiências que vivemos. Permite identificar nos intercâmbios com as outras pessoas, isto é, nas trocas entre subjetividades, reconhecimento a jeitos próprios de ser, viver, ou discriminação, opressão. As pessoas se educam no seio da cultura que “é o mesmo processo histórico em que o homem se constitui e reconstitui, em intersubjetividade, através da mediação humanizadora do mundo” (p.53).

Para Fiori (2014), a educação e a conscientização estão implicadas, afirma o autor que “Educar, pois é conscientizar e conscientizar equivale a buscar essa plenitude da condição humana” (p.56). Ainda, segundo o autor “[...] as estruturas podem aprisionar o homem ou propiciar sua libertação, porém, quem se liberta é o próprio homem” (p.56).

Refletindo sobre a afirmação, podemos notar que o ser humano então assume o papel principal em seu processo de educar-se, porém as estruturas são direcionadas de forma a não privilegiarem tal emancipação, para as estruturas dominantes, a

manutenção do ser humano como “coisa” torna-se algo interessante, pois o mesmo assumirá um papel de mero reprodutor das estruturas. Segundo o autor o ser humano só poderá refazer sua forma se houver uma mudança no sistema de valores.

Despertar, então, a consciência de mundo, da revalorização do ser humano também fará parte do processo do educar-se. Assim, segundo Fiori (2014), “[...] na medida em que o homem dá significados ao mundo, neste se reencontra, reencontrando sempre e cada vez mais a verdade de ambos (p.58). Através dos significados que atribui ao mundo o ser humano encarnado toma consciência dele através de uma reciprocidade dialética, afinal o que distingue o homem dos demais seres é a responsabilidade de superar o dado da natureza pelo fazer da cultura: de transformar-se a si pelo poder da libertação” (p.63).

Freire (2005) também aborda a educação de forma que transcenda o receber informações para uma educação que seja humanizadora e propicie a libertação do ser. Segundo o autor “quanto mais os opressores conseguem controlar os oprimidos, mais os transformam em coisa, de forma que quanto mais os controlem menos livres eles possam ser” (p.52). Outro ponto que reforça essa concepção de oprimido, segundo o autor, é que “De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua incapacidade” (p.56).

Freire (2005) questiona a educação bancária, já citada anteriormente, entendendo-se bancária como uma instituição financeira (banco), onde cada aluno é uma conta na qual se deverão depositar conteúdos, tendo como objetivo “encher” os educandos como se fossem vasilhas a serem cheias pelo educador. Nessa visão de educação o saber torna-se então doação daquele que sabe para aquele que nada sabe.

Como se pode imaginar que alguém que busque educar-se, chegue à escola ou outro local para educar-se sem nenhum tipo de conhecimento? São seres vazios de saber? Transcender esse tipo de educação não é fácil, pois por muitos anos fomos “treinados” a aceitar que ao professor cabe a responsabilidade de transmitir conhecimentos, afinal ele é o que sabe, e aos alunos aceitar o que ele diz sem questionar, pois, são aqueles que nada sabem.

Freire propõe como forma de superação a utilização do saber de “experiência feito” um saber baseado nas concepções e experiências de vida dos próprios educandos de forma que quando trabalhem algum conteúdo, os mesmos tenham a ver com a realidade já vivida por eles e assim possam contextualizar o aprendizado com aquilo

que já vivenciaram. Para isso, Freire (2005) propõe que a educação seja dialógica. Para ele a palavra tem uma força muito grande, pois é através dela que os seres humanos enraízam suas existências. Assim, em acordo com Freire (2005):

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo (p.90).

Para Freire (1992) a questão fundamental, que se revela na leitura da palavra, a qual deve ser precedida de uma leitura de mundo, é que “a leitura e a escrita da palavra implica uma releitura mais crítica do mundo como ‘caminho’ para ‘reescrevê-lo’, quer dizer, para transformá-lo” (p.44).

Parece fácil, porém não o é, sair de décadas de educação bancária reproduzida por gerações, para uma educação libertadora, dialógica. Uma constatação dessa dificuldade pode ser observada pelo livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, que propõe essa educação libertadora e dialógica, o qual foi publicado pela editora Paz e Terra no ano de 1967, e até hoje, depois de diversas reedições e releituras, ainda não é seguido como um referencial central na maior parte das escolas ou programas educacionais governamentais, que ainda seguem padrões da educação bancária e mesmo eurocêntrica.

Parece-nos que há uma grande resistência à adoção das propostas dos autores sobre uma educação libertadora com receio de que possam ser quebradas as correntes que ainda aprisionam a grande maioria e os mantêm como oprimidos dentro de um sistema que os impede e reprime a vocação de “ser mais”. Para o autor para que se possa atingir a vocação do ser mais, é necessário que haja diálogo e amor, um amor incondicional, pois segundo Freire (2005): “[...] não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (p.91). Através então desses componentes o ser humano será capaz de “[...] pronunciar o mundo, que é um ato de criação e recriação” (p.91).

Freire (2005) propõe, então, que toda prática educativa se fundamente no *saber de experiência feito* como ponto de partida, de forma a superá-lo e não ficar nele. Uma construção pautada pela humildade e pelo amor como linha mestre de todo o processo educativo, afinal segundo o próprio autor “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p.79).

Sabemos que essas propostas de Freire em sua maioria se mantêm no campo da discussão, porém na prática, devido à nossa organização social contemporânea, focada no consumo e na individualidade são deixadas de lado e substituídas pela reprodução que vem se mantendo há vários anos.

As práticas sociais, auxiliam na construção desse ser que busca educar-se e crescer de forma a construir identidades. Segundo Oliveira et al. (2014) estas práticas:

Estão presentes em toda a história da humanidade, inseridas em culturas e se concretizam em relações que estruturam as organizações das sociedades. Permitem, elas, que os indivíduos, a coletividade se construam. Delas, participam, por escolha ou não, pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças/etnias, necessidades especiais, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais. Participam pessoas com diferentes percepções e conhecimentos, em diferentes processos de trabalho e lazer, em diferentes espaços, escolares e não escolares. Nelas, as pessoas expõem, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los (p.35).

Através dessas práticas sociais, os seres humanos passarão a vivenciar a construção de relações, *uns com os outros*, dentro de seu convívio, de forma a superar a ótica vigente e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Quando se pesquisa em práticas sociais, são necessários alguns cuidados por parte do pesquisador. Dentre esses cuidados, a inserção do pesquisador na comunidade pode ser algo conflituoso. Assim, para que se possa pesquisar em práticas sociais é necessário que o pesquisador se insira na comunidade. Oliveira et al. (2014), no que tange à inserção do pesquisador propõe que:

[...] as pesquisas junto a pessoas e grupos, principalmente os socialmente, “marginalizados” devem ser realizadas após cuidadosa e paciente inserção dos pesquisadores na comunidade, na instituição, no espaço social, num conviver, realizado em interação e confiança. Essa inserção deve se dar na tentativa de assumir o lugar de um integrante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos que se encontram naquela prática social. Isto só é possível, quando somos acolhidos, nos dispomos a ser acolhidos e a acolher. Participar com a intenção de compreender, não para julgar. Esta inserção é insuficiente, se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar sobre o processo (p.39-40).

Dessa forma as práticas sociais de minha pesquisa, emergiram dentro de uma convivência, onde me valho de Oliveira e Stotz (2004) para entender o conviver como:

[...] é estar junto, olhar nos olhos, conversar frente à frente [...] é a arte de se relacionar, dá intensidade à relação, sabor ao fazer e gera afetividade e saber [...]. Conviver se aprende convivendo e para essa convivência há algumas moedas: simpatia, confiança, humildade, sensibilidade, respeito, flexibilidade em relação aos tempos (p.15).

Como citam Oliveira et al (2014), este processo de pesquisa “passou a ser uma busca pela compreensão do caminhar, e nele, compreender-se” (p.40).

Todas as ações foram pautas pelo que propõe Freire (1992, p.66), “a coerência, demanda de nós a inserção num permanente processo de busca, exige de nós paciência e humildade, virtudes também, no trato com os outros”. Assim, partimos dessas ideias, para iniciar nossa caminhada. Um caminhar dinâmico construído a partir das ideias de Freire (2009, p.70-71) “pôr-se a caminho, ir-se deslocar-se de um ponto a outro e não ficar, permanecer”. Nessa perspectiva então, “nosso”⁴ trabalho não é, mas foi sendo construído através de nossas experiências.

A experiência aqui entendida com base nas propostas de Oliveira et al (2014), segundo as autoras:

É essencial considerar que ao nos referirmos à experiência, acreditamos que esta só é possível de corpo encarnado, de nosso ser dotado de intencionalidade, e que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que se dá no pano de fundo do mundo, já que o encontro de consciência e mundo é a origem de ambos (p. 41)

Assim, foram aflorando dentro dos diálogos e da convivência diversas temáticas, dentre elas o lazer enquanto uma prática social.

A temática do lazer não é algo novo em minha formação. No ano de 1992 comecei a trabalhar no Serviço Social da Indústria (SESI), no Centro de Atividades (CAT) da cidade de Mogi Guaçu, como Monitor de Esportes e Recreação da Divisão de Esportes e Lazer. Desde então, interessei-me em compreender como o lazer frui no cotidiano das pessoas.

Este estudo se originou num grupo de mulheres que desde 2003 se reúnem semanalmente as segundas e quartas-feiras para a prática de exercícios, caminhadas,

⁴ Uso a expressão nosso, afinal as mulheres são coautoras desse, que se desenvolve a partir das vivências das mesmas.

brincadeiras e conversas no Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama, localizado na cidade de Rio Claro, interior do estado de São Paulo.

Meu primeiro contato com as pessoas do local aconteceu em uma tarde quando a prefeitura municipal me levou até o espaço e me apresentou aqueles que seriam meus futuros alunos de futsal. Dias depois de iniciar esse trabalho fomos fazendo divulgação para aulas de ginástica e em poucos dias as mulheres que residem no bairro já haviam formado um grupo que nos primeiros meses de atividades atingiu um total de oitenta participantes e que ao término da pesquisa apresentava uma frequência média de doze mulheres.

Essas mulheres possuíam um grande anseio em poder praticar atividades corporais, físicas e atividades relacionadas ao lazer, afinal trabalhavam durante todo o dia e ao fim de tarde almejavam que no bairro houvesse algum espaço destinado a esse fim. Num primeiro momento houve uma grande procura pelas atividades, e muitas pessoas que procuravam informações tinham a ideia de que no local seria montada uma academia como aquelas que elas veem na televisão. Desenvolvemos, então, trabalhos com atividades corporais voltadas para um condicionamento muscular e na recuperação postural, uma das grandes reclamações das mulheres, que devido as tarefas diárias, tanto em casa, como no trabalho, reclamam bastante de dores nas costas e pescoço, além de atividades relacionadas ao lazer.

Me mantive como professor do grupo por oito anos, o que motivou a escolha específica desse grupo, assim, minha inserção junto ao mesmo, como pesquisador foi facilitada. Além disso, durante todos os anos de contato com o grupo refletia sobre possibilidades instigantes de estudo de mestrado.

Inquietava-me sobre o que elas teriam como entendimento de lazer, visto que muitas vezes tocavam nessa temática nas aulas. Outro tema comum nas conversas em aula era de terem um espaço para prática de atividades mesmo morando na periferia urbana e manterem-se no espaço realizando as atividades mesmo quando o poder público não mais deu apoio formal e, por fim, sobre a maior parte delas se identificarem como idosas e relacionarem a prática das atividades com vida de qualidade.

Assim, buscando encontrar um ancoradouro seguro para essas inquietações, me foi indicado por uma colega de trabalho o Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), que se reúne semanalmente às sextas-feiras na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), coordenado pelo professor doutor Luiz Gonçalves Junior. Entrei em contato com o professor Luiz e durante todo o ano de 2013 participei

das reuniões regulares do NEFEF, onde pude ter contato com autores Jaramillo-Echeverri (2013), Dewey (2010), Ramose (2010), Ricoeur (2007), Merleau-Ponty (1996), Freire (1992, 1996) e, ao final do ano, com grande incentivo dos colegas do Núcleo, elaborei projeto de pesquisa e ingressei no mestrado para o ano de 2014.

Quando me surgiu a possibilidade de construção de um projeto de mestrado, sob a perspectiva do lazer, chamaram-me a atenção as releituras das atividades que havíamos realizado. Segundo Freire (1992) ao realizarmos a releitura daquilo que já havíamos lido, experienciado, podemos encontrar novos olhares. Desta maneira optei por ir ao encontro do grupo e pedir a elas a autorização para acompanhar as suas atividades, agora como pesquisador, inserido ali na perspectiva da convivência, que como já citada por Oliveira e Stotz (2004) se caracteriza pelo estar junto, buscando nessa junção intensificar relações e trocas.

Elas tinham atividades em dois dias da semana, segundas e quartas com um professor e eu iria acompanhar as atividades do grupo no encontro das quartas-feiras. Nesse trabalho foram apresentados diversos relatos delas e para preservar a identidade, evitando assim qualquer constrangimento, os nomes das participantes foram alterados, sendo escolhido um nome fictício pelas próprias mulheres, os nomes de funcionários e professores foram mantidos a pedido dos mesmos.

Desse grupo inicial de dois mil e doze, cinco participantes ainda permaneciam lá até o término da pesquisa, Débora, Fátima, Flor do Campo, Raquel e Tita. As mulheres que participaram e as que atualmente participam, são pessoas economicamente desfavorecidas, possuem um grau de escolaridade baixo, pois trabalham desde muito novas e hoje já se encontram em grande parte aposentadas, porém, trabalhando em casa, auxiliando nas despesas domésticas e cuidando dos netos. Buscam melhorar suas condições financeiras e pessoais com o intuito de uma vida com mais qualidade.

Desse modo, a vinda para o bairro de um espaço como a quadra, que será descrita em maiores detalhes na trajetória metodológica, foi um grande ganho pois essas mulheres e toda a comunidade puderam desfrutar de um espaço para a convivência, a prática de atividades corporais e a fruição de lazer, afinal ali constituiu-se não apenas um local de aulas de esportes e ginástica, mas também um ponto de encontro da comunidade.

A possibilidade do estudo da prática social lazer, enquanto intencionalidade, atitude, “sendo uns com os outros no mundo” (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS 2006), e não apenas relacionado a questões de tempo ou qualidade de vida dentro de

uma ótica capitalista, foi a proposta deste trabalho. No segundo semestre de 2014, com a participação nas atividades da disciplina de Seminários de Dissertação em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar) muitos esclarecimentos sobre a temática que propus estudar, a prática social do lazer em um grupo de mulheres, foram abordados, mas também muitas dúvidas despertadas, as quais tenho procurado elucidar com um aprofundamento teórico mais rigoroso e pesquisa de campo.

As discussões e diálogos nas disciplinas e nos Seminários são, a meu ver, fundamentais para que o aluno, principalmente o mestrando do Programa, possa ampliar seus horizontes e suas reflexões sobre seu tema de estudo, além de poder trocar experiências com diferentes profissionais de diversas áreas como educação, saúde, psicologia, música, artes cênicas, dentre outros.

Além disso, foi possível frequentar a disciplina “Lazer, Trabalho e Educação” também do PPGE, a qual me colocou em contato com autores como: Marcellino (2000), Brandão (2005), Dumazedier (1976, 1980), Baudrillard (1995), Schwartz (2003), além dos trabalhos de Gonçalves Junior e Santos (2006), Gonçalves Junior (2008) e Gonçalves Junior, Lemos e Rodrigues (2010) e Gonçalves Junior, Carmo, Colloca e Corrêa (2011), professor responsável pela disciplina e meu orientador, autores esses que me auxiliaram na construção de meu projeto e na elaboração dos objetivos de minha pesquisa a qual buscou caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados no grupo específico de mulheres que realizam atividades corporais em contexto de lazer no ginásio do jardim Panorama na cidade de Rio Claro – SP.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos. No capítulo I foram abordadas as temáticas do lazer da e na periferia focando a prática social do mesmo e o papel social da mulher na sociedade e no lazer, apresentando as diferentes faces do lazer na discussão de gênero e encerrando o capítulo fala-se sobre a qualidade de vida e a vida de qualidade.

No capítulo II é descrita a trajetória metodológica, iniciando com a apresentação do grupo de mulheres e uma delimitação sobre o bairro, a cidade e detalhes sobre o local, o processo de inserção, os procedimentos de pesquisa.

No capítulo III são apresentadas as análises, discussões e resultados encontrados.

Capítulo 1

O lazer da/na periferia como prática social

O lazer tem se caracterizado como algo essencial na vida das pessoas, principalmente, do ponto de vista econômico onde acaba contribuindo para o fortalecimento do capital. Não há consenso entre pesquisadores acerca da definição do fenômeno lazer, embora muitos (DUMAZEDIER, 1976; MARCELLINO, 1983; 2000; BRAMANTE, 1998; PINTO, 1998) tenham se dedicado nesse sentido.

Nas ruas, se perguntarmos qual o entendimento das pessoas sobre lazer as respostas também são variadas. No documentário “Ócios do Ofício” (ÓCIOS, 2004) há cenas de entrevistas com transeuntes e as declarações relacionam lazer a atividades, espaços ou tempos específicos, tais como: parques, campos de futebol, sair para curtir uma balada, diversão, tranquilidade, passatempo, dentre outros⁵.

Longe de querermos definir lazer, julgamos imprescindível historicamente contextualizá-lo e apresentar compreensões de alguns autores referenciais da área, para melhor entendimento do fenômeno na atualidade e de como o estamos compreendendo neste estudo.

Marcellino (2000), Alves Junior e Melo (2003) e Werneck (2000) afirmam que o lazer tem sua origem com a revolução industrial decorrente das transformações socioeconômicas e alterações nas organizações sociais, de trabalho e de controle de tempo.

Sobre o controle de tempo, Belmonte (2014, p.33) assinala que:

A noção de passagem do tempo foi gradualmente alterada e tendo sua percepção original modificada. Assim, a noção de passagem do tempo que arremetia a uma interioridade, a existencialidade, ao tempo percebido, tempo sentido (aproximando a concepção grega de “tempo kairós”) foi gradualmente sendo substituída [...] pela noção de tempo medido, cronológico (“tempo chronos”).

Também Alves Junior e Melo (2003) descrevem: “[...] a artificialização do tempo de trabalho, típica do modelo de produção fabril, desenvolvido a partir da Revolução Industrial” (p.29) como estando a par com as origens do lazer.

⁵ Frases retiradas do documentário “Ócios do Ofício”, desenvolvido na cidade de São Carlos, pela Atividade Curricular da Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE) Lazer em Debate, ministrada pela Prof. Dra. Valquíria Padilha, na UFSCar, em 2004 (ÓCIOS, 2004).

Lemos (2007) acrescenta que o controle do tempo visando aumento da produção no trabalho gerou decisiva fragmentação, tanto do tempo como das práticas sociais lazer e trabalho, conforme segue:

[...] este modo de produção acabou por gerar a fragmentação do tempo, pois o novo espaço de produção, a fábrica, ganhou paredes, teto, iluminação artificial e principalmente relógios, submetendo o trabalhador ao tempo mecânico em detrimento do tempo “natural”, já que a luz solar, as estações do ano e as intempéries climáticas não mais interferiam no novo e “totalmente controlado” espaço de trabalho (p.8)

Dessa maneira, o tempo vivido (*kairós*) vai cada vez mais sendo deixado de lado, observem-se hoje as grandes empresas que trabalham em rodízio de três turnos de 8 horas (por exemplo, das seis às catorze horas, das catorze às vinte e duas horas e das vinte e duas horas às seis). Situação que obriga ao trabalhador alterar frequentemente seu turno de trabalho e, conseqüentemente e forçosamente seu horário de alimentação, repouso, entre outros, prejudicando seu metabolismo (curiosamente chamado “relógio biológico”). Esse descompasso de tempo afeta não só o trabalhador, mas toda sua família, relacionamentos sociais, bem como opções e possibilidades de fruição do lazer.

Decorrente dessa forma de organização do tempo de trabalho, Santos (2008) evidencia:

O relógio foi a primeira máquina automática que adquiriu uma função social, pois, por meio dele, foi possível a regulamentação e arregimentação da vida dos seres humanos, condições necessárias para assegurar o funcionamento de um sistema de trabalho baseado na exploração. Podemos perceber essa exploração nos *slogans* da ideologia capitalista que dizem “tempo é dinheiro” e “perder tempo” (p.41).

Assim, a sociedade contemporânea está cada vez mais presa ao tempo imposto pelo trabalho, visando produção de capital.

Em acordo com Santos (2008), gera-se uma forte cisão entre “tempo de trabalho” e “tempo de não-trabalho” ou “tempo livre”, o qual muitas vezes, é confundido com o próprio fenômeno lazer.

Como percebemos as compreensões de lazer considerando a categoria tempo são muito presentes, tanto entre autores da área, como no seio da população em geral. Alguns autores, procuraram contribuir com concepções ou definições.

O sociólogo francês Joffre Dumazedier (1980), por exemplo, o qual, inclusive, residiu e trabalhou no Brasil, define o lazer como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (p.34).

Para o autor, essas ocupações assumem um papel essencial para a fruição do lazer e são fundamentais para um equilíbrio entre o trabalho e o descanso. Assim, o lazer, segundo Dumazedier (1976) tem como suas três principais funções e que ficaram conhecidas como “3 Ds”: *Descanso*, *Divertimento* e *Desenvolvimento*.

O *Descanso*, segundo o autor, tem a função de “[...] reparar as deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas, particularmente o trabalho” (p.32).

Destacamos que tal função, na atualidade, é cada vez mais difícil de ser satisfatoriamente gozada. De um lado diversas empresas “dão de presente” aos seus funcionários notebooks, tablets e celulares com acesso à internet e que acarretam um não descanso, pois também em suas casas devem acessar ou enviar informações relacionadas ao trabalho.

Quanto ao *Divertimento*, em acordo com Dumazedier (1980), tem a função de manter equilíbrio entre a fadiga e o tédio, podendo servir como atenuador dos problemas do cotidiano.

No cotidiano atual, porém, percebemos que em grande parte é associado à necessidade de que para usufruí-lo, necessita-se de dinheiro, pois cada vez mais a sociedade do consumo, através da mídia, tem gerado associação entre lazer-diversão-dinheiro ou a indústria do lazer. Além disso, a insegurança e a violência também atuam como fatores que incidem sobre esse divertimento, já que as pessoas cada vez menos se sentem seguras em realizar atividades em espaços abertos e públicos (praias, parques, campos, ruas, rios, lagos e congêneres).

E, finalmente, *Desenvolvimento*. Esse componente está voltado a fatores sociais, relacionado ao desenvolvimento pessoal, voluntário e a novas formas de aprendizagem.

No que diz respeito ao desenvolvimento também se observa que nos dias atuais para que o mesmo ocorra, o componente dinheiro também se apresenta como um fator

que pode ou não facilitar ao seu acesso. Raramente encontram-se opções de desenvolvimento sem que haja custos para o mesmo.

Segundo o autor essas três funções podem aparecer de forma conjunta ou distinta, dependendo da situação do lazer.

Outros estudiosos vêm situando o lazer como um fenômeno eminentemente cultural, Marcellino (2000), por exemplo, o compreende como:

[...] cultura – *compreendida no seu sentido mais amplo* – vivenciada (*praticada ou fruída*) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “*disponibilidade de tempo*” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (p.31).

Observamos nas propostas do autor, que o mesmo descreve possibilidades nas quais vivenciar o lazer ocorra de uma forma prazerosa e na qual o praticante possua poder decisório, afinal, cabe a ele a opção de se entregar a vivência do lazer e a prática ou não de atividades. Porém, na sociedade em que vivemos esse direito encontra barreiras para acontecer. Segundo Marcellino (1983) as atividades de lazer cada vez mais nas sociedades capitalistas têm sido encaradas como bens de luxo, ficando restritas às camadas economicamente superiores que nele podem investir.

Dessa forma, as pessoas que por qualquer motivo não estejam incluídas nessas camadas acabam marginalizadas, com dificuldades de acesso e participação. Além da barreira econômica, outras barreiras socioculturais, tais como raça-etnia e gênero se fazem presentes, conforme pontua Marcellino (1983) na construção do conceito do *todo inibidor*.

Para o autor, *todo inibidor* se configura como uma série de situações que levam as pessoas a restringirem ou mesmo negarem a fruição do lazer.

[...] as mulheres que ficam restritas às tarefas do lar, não sofrendo diretamente os efeitos nocivos da vida profissional atual, poderiam se posicionar melhor nas suas atividades de lazer. Mas, de fato, isso não ocorre. Em geral são desinformadas e transferem para o âmbito doméstico as ansiedades vividas pelos homens no seu trabalho. A rotina das tarefas domésticas, a preocupação com os filhos menores, a longa exposição aos veículos de comunicação de massa, podem comprometer as atitudes dessas mulheres com relação ao lazer, a tal ponto de transforma-las em prisioneiras psicológicas, mesmo quando

são vencidos os empecilhos físicos e econômicos para sua participação (p.51).

Isso posto, afirma Marcellino (2000, p.21) é muito comum encontrarmos lazer simplesmente associado à “[...] experiências individuais vivenciadas que, muitas vezes, implica na redução do conceito a visões parciais, restritas ao conteúdo de determinadas atividades”, mais comumente relacionados ao divertimento e ao descanso. Essa perspectiva, tacanha da temática, é a mais presente no dia a dia das pessoas, as quais, por vezes, nem desse tempo *chronos*, ou seja, algumas horas de folga após seu período de trabalho, podem apropriar-se para divertirem-se.

De acordo com Marcellino (2000), é notório que as atividades de lazer são voltadas mais para o público jovem, que possua o ensino secundário e que seja pertencente das camadas mais abastadas da sociedade, assim sendo, as camadas mais desfavorecidas da sociedade acabam excluídas da possibilidade de fruição do lazer, corroborando com o autor quando comenta que o fator econômico é fundamental para determinar o tempo dedicado ao lazer e o investimento a essa prática. Para Marcellino (2000):

[...] um indivíduo que tenha que se preocupar diariamente com a sua sobrevivência biológica, que vê o poder real do seu salário em curva decrescente, obrigando-o a trabalhar ainda mais para manter o já baixo padrão de vida, dificilmente poderá adotar atitudes produtivas no pouco tempo disponível que lhe acaba restando (p. 49-50).

Esse indivíduo colocará em hierarquia as suas necessidades e certamente o lazer passará a ser encarado como um bem de luxo, do qual ele não tem acesso e que ficará restrito às camadas superiores economicamente, as quais possuem condições de nele investir (MARCELLINO, 2000).

A etnia e o gênero também apresentam um *todo inibidor*, é comum que as mulheres acabem tendo prejuízo na fruição do lazer decorrente de serem mulheres. Segundo Marcellino (2000), as mulheres por muitos anos ficaram impedidas de vivenciar atividades fora do ambiente doméstico, eram treinadas para cuidar da casa e da família e assim permaneciam por toda a vida, deixando o lazer em segundo ou terceiro planos.

Outra categoria que sofre grande influência do *todo inibidor* é o idoso, para Marcellino (2000) o idoso deveria viver dentro de um “paraíso do lazer”, afinal, já

contribuiu, pelo menos em teoria, para a produção de bens e serviços e agora seria a hora de “gozar a vida”. Acontece que a realidade é bem diferente, aos idosos aposentados e em especial à mulher aposentada, cabe auxiliar na renda familiar de sua casa e de seus filhos, assim acabam por continuar trabalhando no cuidado de seus netos e da casa. Aparecem também as dificuldades de locomoção e a necessidade de cortes de gastos que levam a inculcação de que o lazer é algo supérfluo.

Dessa maneira, observa Marcellino (2000), para que o lazer seja vivenciado de forma plena e produtiva para o ser humano, é necessário que se cumpra integralmente o que está disposto na Carta do Lazer (citada por GAELZER, 2013), em seu artigo primeiro: “[...] todo homem tem direito ao lazer. Como criador, autor e animador de relações sociais tem, sobretudo, direito as atividades de lazer de sua própria escolha, não importando sua idade, sexo, nível de educação ou condição social” (p.94).

Esse ser deve pôr em prática sua autonomia, sua intencionalidade de vivenciar suas atividades de e para o lazer de forma que acima de tudo ele possa como propõe Freire (2005) vir a *ser mais*.

Para que isso ocorra, o lazer deve superar barreiras sociais, deve ser fruído de forma democrática e dentro de uma justiça social que faça valer as propostas das leis, afinal segundo Gomes (2004), não podemos considerar que o lazer ocorra de forma isolada, ele ocorre dentro de contextos que podem torná-lo instrumento de mudanças. Ainda conforme o autor:

[...] o lazer se inscreve no seio das relações estabelecidas com as diversas dimensões da nossa vida cultural (o trabalho, a economia, a política e a educação, entre outras), sendo institucionalizado na atualidade como um campo dotado de características próprias. Mas o lazer não é um fenômeno isolado, pois está em franco diálogo com o contexto. Por um lado, o lazer pode contribuir para o mascaramento das contradições sociais, mas, por outro lado, pode representar uma possibilidade de questionamento e resistência à ordem social injusta e excludente que predomina em nosso meio (GOMES, 2004, p.124).

Portanto, o lazer não está só voltado aos fins recreativos e de diversão, mas pode em seu contexto ser desenvolvido também como uma forma de levar as pessoas a tornarem-se mais críticas e autônomas o que as levariam a tornarem-se pessoas que estariam lutando contra as desigualdades e injustiças sociais presentes na sociedade.

Outra proposta de compreensão do lazer é a de Gonçalves Junior e Santos (2006), os quais entendem o lazer prioritariamente como atitude, como intencionalidade do “sendo-uns-com-os-outros-no-mundo”, ou seja, uma fruição do lazer através da convivência uns com os outros de forma harmoniosa inclusive com o ambiente que nos cerca, como possibilidade de conscientização e autonomia do ser.

Implicando, portanto, em uma escolha que depende do significado atribuído pelo ser ao lazer (e ao trabalho!), não desconsiderando o contexto sócio-político, que envolve opressão (de uns sobre outros) e desigualdades (entre uns e outros) conforme se dá nas relações entre pessoas, grupos, comunidades, sociedades e nações, desenvolvidas com certas finalidades e em certos espaços e tempos (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS 2006).

Para que a proposta de Gonçalves Junior e Santos (2006) seja vivenciada, torna-se necessária uma nova ótica para a temática do lazer, de forma a valorizar não só seus significados, mas as relações do ser com o mundo, recíproca e intencionalmente constituídas mediante as relações que nos atravessam culturalmente.

Ainda em acordo com Gonçalves Junior (2008):

Para vislumbrar o lazer como direito social, é preciso assumi-lo no bojo das políticas públicas, como um elemento possuidor de identidade e valores próprios, não devendo ser confundido com esporte ou recreação e muito menos estar a serviço da saúde e/ou da educação e/ou da cultura etc., em uma posição de privilégio ou desprestígio, mas inter e intra relacionada com elas e com outros setores no meio social (p.57).

À vista disso, o lazer assume um papel de superação, deve ser encarado não apenas como diversão, deve incorporar suas funções sócio educativas, agindo na intenção e interação de uns para com os outros de forma que sua fruição e vivência propiciem a construção de uma consciência do e para o lazer, e que através dessa construção se alcancem objetivos maiores de melhoria pessoal e da sociedade.

1.1 O lazer da/na periferia

A temática do lazer dentro das comunidades de periferia vem sendo foco de estudos em diversos artigos, sendo o professor Nelson Carvalho Marcellino uma valorosa fonte de pesquisa sobre a temática.

Abordaremos o tema lazer dentro da periferia por uma perspectiva Latino Americana, sendo a mesma considerada a periferia do mundo. Dentro de uma perspectiva eurocêntrica, todos os países fora da Europa, podem ser considerados periféricos.

Segundo Gomes e Elizalde (2012, p.12) “[...] o contexto nos países da América Latina está marcado por fenômenos como a desigualdade, a exclusão, a pobreza, a economia informal, a dependência, o deslocamento, a violência, o racismo etc.”. Todas essas nuances que tem se acentuado de forma velada nos últimos anos, pois embora hoje no Brasil oficialmente não tenhamos mais escravos, ainda é muito comum em alguns estados ouvirmos notícias de trabalhadores que vivem e trabalham em condições sub-humanas, é comum até dentro dos grandes centros acadêmicos do país casos de homofobia, xenofobia, violência às mulheres, discriminação racial. Para essas pessoas o lazer acaba por se descaracterizar. Para Gomes e Elizalde (2012):

[...] ainda que o lazer apareça reconhecido como direito social, a realidade é que, na lógica dominante da expansão cultural e de aberturas das economias e dos mercados em uma dimensão global, sua presença ocorre como uma forma de mercadoria, gerando estados de exclusão a pessoas e comunidades (p.13).

Autores como Gomes e Elizalde (2012) descrevem que os países latino-americanos, sofrem uma grande influência dos Estados Unidos, tanto financeira como cultural, que levam esses países a copiarem os modelos advindos daquele país de forma a tornarem-se dependentes tanto financeiramente como culturalmente. Dessa forma instituem-se padrões de comportamentos e beleza ditados pela indústria cinematográfica, dos cosméticos, em suma da produção de bens e serviços, focando o ser humano não em sua essência, mas também como uma mercadoria.

Infelizmente, muitas vezes, o lazer acaba sendo também ferramenta desse processo. Para Gomes e Elizalde (2012):

O lazer, como estratégia, atua nos territórios da periferia, influenciado pelos diferentes âmbitos que o configuram. Em consequência, o modo de desenvolvimento implementado até o dia de hoje nos países subdesenvolvidos – inscritos no sistema-mundo moderno/colonial – valoriza o lazer, em termos que pode representar em crescimento, ou quiçá, como aspecto marginal e compensatório, importante para a recuperação de energias e forças para voltar ao mundo sério do trabalho, mesmo que seja em qualquer condição. (p.14)

Porém, o lazer não pode e não deve ser encarado por uma visão simplista, e diversos autores como Melo (2003), Gonçalves Junior (2008), Gonçalves Junior; Lemos; Rodrigues (2010), abordam a temática do lazer em busca de superações.

Para Melo (2003), é intencional a manutenção do lazer relegado a um segundo plano, segundo o autor “a atual ordem social relega ao lazer (e a cultura) um papel periférico por entender quanto são perigosos para a manutenção dessa mesma estrutura” (p.16).

Ainda segundo Melo (2003), durante várias décadas a temática do lazer foi posta de lado, considerada como de menor relevância sendo mesmo “não reconhecida como direito social” (p.21). Isso acontecia por diversos fatores como “incompreensão teórica ao redor da temática e sua dissociação do âmbito da cultura e sua associação direta ao esporte” (p.22).

De modo que, por várias décadas o lazer esteve ligado às atividades físicas. Ao final dos anos 1990, inicia-se no país o que segundo Melo (2003) chamou-se de “indústria do lazer e entretenimento” (p.22) com um enfoque no turismo (viagens, excursões, ecoturismo, dentre outros). Nota-se que em todos esses enfoques o lazer está diretamente ligado ao capital, afinal em todas essas opções de lazer só há espaço para sua fruição aqueles que possuem uma situação econômica média para alta. E como ficam aquelas pessoas que vivem nas periferias, esses grupos não têm, por acaso direito ao lazer? Melo (2003) classifica esses grupos como “minorias sociais” e se vale dessa expressão por considerar “[...] mesmo com seus limites é a que melhor define tais grupos por terem menor acesso aos mecanismos de poder sofrem interferências em sua forma de viver”. (p.24).

O lazer se encontra como direito social dentro de todas as esferas legais, federação, estados e municípios, porém, de efetivo para que essas práticas sejam vivenciadas, há uma grande disparidade, principalmente nas periferias.

Segundo Gonçalves Junior (2008)

Para vislumbrar o lazer como direito social, é preciso assumi-lo no bojo das políticas públicas, como um elemento possuidor de identidade e valores próprios, não devendo ser confundido com desporto ou recreação e muito menos estar a serviço da saúde e/ou da educação e/ou da cultura etc., em uma posição de privilégio ou desprestígio, mas inter e intra relacionada com elas e com outros setores no meio social (p.57).

Para isso, Gonçalves Junior, Lemos e Rodrigues (2010) buscam na fenomenologia apontar a perspectiva do sujeito que vivencia o lazer e sua intencionalidade nessa prática.

O lazer, enquanto intencionalidade, pode ser vivenciado de forma a tornar-se ferramenta de transformação social e união das comunidades. Segundo Gomes e Elizalde (2012)

[...] o lazer pode estimular as pessoas a refletirem sobre suas realidades e vivências, ajudando-as a valorizar as diversas manifestações socioculturais lúdicas, e não apenas aquelas que podem ser compradas e vividas de forma passiva e alienada, como fuga da rotina ou como evasão. Dessa maneira, as pessoas poderiam desenvolver sua capacidade crítica e questionadora por meio do lazer (p.79).

Através de uma fruição dessa prática, voltada à busca do *ser mais* proposta por Freire (2005), o lazer assumirá toda a sua relevância social vindo ao encontro da proposta de Marcellino (1995) sobre o lazer e sua importância ao ser humano

[...] o lazer não pode mais ser encarado como atividade de sobremesa ou moda passageira. Merece tratamento sério sobre suas possibilidades e riscos. Nesse sentido proponho considerá-lo não como simples fator de amenização ou alegria para a vida, mas como questão de sobrevivência humana, ou melhor, de sobrevivência do humano no homem (p.17).

Essa sobrevivência proposta pelo autor e a retomada do humano no homem é tarefa árdua para que possa ser efetivada, afinal os interesses financeiros e mercadológicos bombardeiam diariamente as pessoas exatamente no sentido contrário, valorizando muito mais o ter do que o ser.

1.2 A mulher na sociedade e no lazer

Do ponto de vista educacional, historicamente as mulheres têm sido tolhidas do acesso à educação. Segundo Stamatto (2002, p.2), as primeiras escolas do século XVI, fundadas pelos jesuítas, buscavam a formação de homens da elite branca, não havendo vagas para mulheres ou negros.

Descreve Beauvoir (1980), que nas décadas de 1940 e 1950, desde tenra idade, as meninas eram preparadas para serem mães e cuidarem da casa. Eram ensinadas

também a reconhecer a superioridade masculina à qual suas mães estavam submetidas e à qual certamente elas também deveriam estar subordinadas.

Já na primeira metade do século XX, Gonçalves (2013) cita que:

[...] a educação escolar de mulheres já era prevista por lei no Brasil, não era raro as famílias decidirem que apenas seus filhos homens iriam à escola. As meninas da família não iriam, na maioria das vezes, à escola, para ajudar a mãe nos afazeres domésticos e preparar-se para assumir seu lugar de dona de casa quando crescessem (p.30).

E mesmo quando as meninas iam à escola, segundo Gonçalves (2013), recebiam uma instrução diferenciada dos meninos, sendo que tal ocorreu por muitos anos, inclusive na formação de ensino superior.

Em minha experiência pessoal, por exemplo, quando fui aluno de graduação em Educação Física na década de 1980, as mulheres não podiam frequentar as aulas relacionadas a lutas e futebol e em contrapartida os homens não podiam frequentar as aulas de ginástica olímpica e rítmica.

Afirma, no entanto, Gonçalves (2013), que a luta pelos direitos das mulheres vem avançando no mundo em geral e também no Brasil, tais como a conquista do direito ao voto (1932) e o exercício de trabalho remunerado fora do ambiente familiar.

Conquista considerável, mas que em seu bojo somou mais carga de trabalho para as mulheres, visto que, além do trabalho remunerado externo ao lar, em empresas, indústrias e comércios, também é relegado a elas as tarefas de cuidados da casa e educação dos filhos, o que tem implicado em sua marginalização no contexto de sua apropriação e fruição do lazer.

Afirmção corroborada por Gomes e Elizalde (2012): “No caso de mulheres trabalhadoras essa situação torna-se mais preocupante, pois muitas acumulam uma terceira jornada laboral, relacionada aos inevitáveis e imprescindíveis serviços domésticos” (p.111).

Não só no Brasil, mas em diversos países da América Latina, as mulheres conquistaram altos postos nas instituições públicas e na política, inclusive eleitas presidentas: Dilma Rousseff (Brasil, 2011 a 2014 e 2014 a 2018), Cristina Kirchner (Argentina, 2008 a 2011 e 2012 a 2015) e Michelle Bachelet (Chile, 2006 a 2010 e 2014 a 2018), demonstrando que mesmo com um ranço de machismo as mulheres têm conquistado com luta e competência seus direitos.

Do ponto de vista da fruição do lazer, embora admitido como um direito, inclusive constitucional⁶, muitas mulheres estão privadas de usufruir dessa prática, conforme conceito anteriormente apresentado do “todo inibidor” (MARCELLINO, 1983).

Em acordo com Gonçalves (2013), considera-se que as dificuldades das mulheres aumentam para aquelas que são idosas, pois sofrem sobremaneira com o peso social que atribuiu a elas lugar determinado: casa e família. Tal peso social aumenta nas classes empobrecidas:

[...] a associação de *velho* ou *velha* às pessoas das classes sociais empobrecidas ou que apresentam baixo grau de autonomia em virtude de problemas físicos. Podemos perceber, portanto, que a ideia de *velhice*, com tom pejorativo, está associada a uma condição material precária (lida pelo Outro), em que as pessoas passam a ser dependentes de ajuda para viver (GONÇALVES, 2013, p.17).

Portanto, ser mulher e no caso idosa, no contexto social brasileiro leva essas pessoas a sofrerem ainda mais preconceitos e discriminações, pois embora auxiliem em todas as atividades, são inferiorizadas e precisam lutar sobremaneira para conquistarem ou manterem seus direitos, inclusive sua autonomia.

Há algumas décadas vem se tentando reverter essa realidade com a implantação de espaços de convivência que propiciem atividades que favoreçam a qualidade de vida⁷ dessas pessoas, espaços onde as atividades sejam relacionadas aos interesses de seus participantes e onde o diálogo e a participação estejam presentes, fomentando assim a construção coletiva das práticas sociais.

Essas novas possibilidades podem contribuir para ampliação de processos educativos, especialmente quando se faz presente o princípio do *con-viver*, ou seja, o estar umas com as outras pessoas e não umas contra as outras (FREIRE, 1992), que inclusive favorece o “[...] superar barreiras que as impedem de ‘ser si mesmas’ ou ‘minorias para si’” (FREIRE, 1992, p.151).

Princípio que surge, a partir das próprias participantes, dentro dos encontros do “Grupo de Mulheres” na fruição delas na prática social lazer.

⁶ Em acordo com o Art. 6o, Capítulo II, o lazer é considerado um direito social de todo cidadão (BRASIL, 1988).

⁷ Ou, como preferimos, *vida de qualidade* ou *qualidade da vida*, a partir de estudo de Brandão (2005), que apresentaremos no próximo tópico desta pesquisa.

1.3 Qualidade de vida e vida de qualidade

A expressão qualidade de vida, decorrente do modo como o *marketing* voltado ao consumo a tem tratado nos meios de comunicação, tem sido associada ao ter e, dessa maneira, transmite-se a ideia de que para que a pessoa se aproprie da qualidade de vida ela necessita de dinheiro, de casa e automóveis luxuosos, plano de saúde, modificações estéticas (roupas da moda, ginásticas, cremes e cirurgias), de vivenciar o lazer utilizando implementos (calçados, raquetes, bolas etc.) e lugares caros (*shoppings*, *spas*, viagens e passeios), inclusive dispendo de *tempo (chronos) para gastar*. Essa concepção disseminada socialmente interessa à manutenção do capitalismo e favorece a indústria do lazer, a qual trata o lazer enquanto uma mercadoria, e como tal, deve ser antes de usufruída, vendida e comprada.

Assim, diferentemente das compreensões de lazer anteriormente apresentadas (MARCELLINO, 1983; DUMAZEDIER, 1976), Baudrillard (1995) considera o lazer não como gozo do tempo livre, mas de “consumo de tempo improdutivo” (p.167). Para este autor o tempo “livre” consumido surge como tempo de produção, pois apesar de economicamente improdutivo este tempo inclui uma produção de valor de distinção ou de diferenciação de *status* social. Prossegue Baudrillard (1995):

Num sistema integrado e total como o nosso, é impossível haver disponibilidade de tempo. O lazer não se revela como a disponibilidade de tempo; é o seu cartaz. A determinação fundamental que o caracteriza é o constrangimento de diferença em relação ao tempo de trabalho. Por consequência não é autônomo: define-se pela ausência do tempo de trabalho (p.168).

Em suma, o lazer que é “vendido” para as pessoas pela mídia em geral, vem atrelado a gastos de tempo, materiais e bens de consumo, secundarizando a vida de qualidade.

Segundo Morin, Bocchi e Cerutti (1991):

O desenvolvimento, do modo que é concebido, ignora aquilo que não é calculável nem mensurável: a vida, o sofrimento, a alegria, o amor, e o único critério pelo qual mede a satisfação é o crescimento (da produção, da produtividade, da receita monetária). Definido unicamente em termos quantitativos, ele ignora as qualidades: de

existência, de solidariedade, do próprio meio e também a qualidade de vida. (p.117).

Na sociedade ocidental contemporânea estamos sendo impelidos a deixarmos de lado os componentes qualitativos de nossa existência, dentre eles o lazer, para nos atermos a conquistas materiais que cada vez mais distanciam o humano do próprio ser humano.

As críticas a essa forma de (sobre)viver são também traçadas pelo educador brasileiro Carlos Rodrigues Brandão (2005). Questiona ele, o que seria qualidade de vida? Afinal nossa vida é uma experiência única, na qual somos chamados a viver não de forma isolada, mas em sociedade em comunhão, não só com as pessoas, mas com todo o planeta que habitamos. Assim, ao invés de valorizarmos uma qualidade de vida, devemos valorizar a qualidade *da* vida.

Para Brandão (2005), a vida não é algo mensurável em quantidade, entendendo a expressão vida de qualidade como mais adequada, onde a vida aparece como a expressão primeira, a mais importante, sendo a qualidade da mesma construída com nossas ações junto aos nossos semelhantes.

Alerta Brandão (2005) que a sociedade capitalista tem nos levado à busca do ter mais em detrimento do ser mais. A que custos sociais têm sido feito isso, estamos vendo diariamente nos jornais pessoas se destruindo, políticos e empresários corruptos desviando bilhões de programas sociais que deveriam ser utilizados para a melhoria da coletividade. Para que situações desta envergadura se resolvam Brandão (2005) propõe uma mudança de visão, na qual centremos nossas práxis na “experiência de qualidade partilhada de vida, centrada no ‘dom do ser’” (p.37).

Brandão (2005) nos lembra ainda que a todo momento estamos aprendendo e que a noção de que “pode mais quem sabe mais” (p.44), é muito difundida, porém temos que estar atentos para qual saber estamos falando, afinal se esse saber é o saber acadêmico, então comunidades indígenas e africanas não possuem saber?

De certo que comunidades indígenas, afro-brasileiras e populares sabem, apenas se tratam de saberes diferentes, com referências epistêmicos também distintos, conforme aludido por Santos e Meneses (2009), em Epistemologias do Sul. A nós é mercantilizada a ideia de que conquistaremos poder quanto mais alto for nossa formação, porém isso não se reflete em qualidade de vida, é muito comum encontrarmos professores que vivem para o trabalho. Em uma dinâmica realizada em

uma universidade na cidade de Rio Claro em dois mil e catorze, o professor que coordenava a reunião pediu aos demais que listassem quantos livros e filmes eles haviam lido ou assistido nos últimos cinco anos, com uma ressalva, não poderiam ser livros ou filmes relacionados ao seu trabalho.

O resultado foi o imaginado pelo professor, apenas um dos docentes havia lido um livro não relacionado ao trabalho. Essa dinâmica nos leva a refletir qual a vida de qualidade que esses seres humanos estão desfrutando, o ter acima do ser, está lhes tolhendo grande parte da convivência (do com-viver-com-outrem). Estão tão focados no trabalho que dificilmente se permitem fruir na esfera do lazer.

Outro ponto abordado em relação à qualidade de vida por Brandão (2005) é que as mídias globalizadas incentivam a busca por padrões eurocêntricos, os quais muitas vezes nos roubam a vida de qualidade, por exemplo os padrões de beleza (branco, alto, magro, de traços finos e ar jovial) que tem levado muitos jovens a adquirirem doenças como a bulimia e anorexia, especialmente no caso de meninas, e vigorexia e síndrome de Adônis, especialmente no caso dos meninos, reduzindo o corpo humano a modelos de consumo.

Brandão (2005) também aborda questões relativas a vivência do lazer e dos jogos enquanto possíveis contributos para a vida de qualidade, desde que focados no jogar para compartilhar e não no jogar para competir. É comum, no entanto, nos programas televisivos relacionados ao esporte e exercícios, bem como em parte das aulas de educação física, encontrarmos a competição e a busca pela vitória a qualquer preço estimuladas, e isso se reflete na sociedade como um todo, inculcando a ideologia de que apenas os melhores serão lembrados, só estes alcançaram sucesso.

Brandão (2005), contrariando tais premissas, traz como exemplo uma passagem do livro de Claude Levi Strauss, “O pensamento selvagem”, onde algumas tribos de Fiji, ao jogarem futebol que tinham aprendido com missionários ingleses, ao receberem visitantes, se estivessem ganhando o jogo, mantinham-se jogando até que a equipe visitante virasse o jogo, o que para a maior parte das sociedades ocidentais é algo impensável, afinal devemos sempre ganhar.

Outro exemplo comum encontrado são as atividades esportivas em clubes onde os participantes são ranqueados pelo seu desempenho nas mais diversas modalidades, ou seja, mesmo nos momentos de suposta diversão é incentivada a competição, segundo Brandão (2005) “[...] os mundos do lazer, do turismo, do esporte são reduzidos aos

padrões de compra e venda dos interesses dos que podem lidar com pessoas e com desejos entre pessoas como um produto controlável a mais” (p.61).

Assim, como fruir atividades tanto esportivas como de lazer se as mesmas estão voltadas para o consumismo? Segundo Brandão (2005),

[...] como pensar e propor critérios de qualidade de vida em um tipo de mundo de mercado globalizado e subalterno [...] Não podemos estabelecer padrões humanos de *qualidade de vida* em situações em que, para algumas poucas pessoas possuam *vidas de qualidade*, a imensa maioria dos deixados à margem “do sistema” mergulhe em condições de vida a cada dia mais desqualificadas (p. 64-65).

Isso posto, existem ainda muitas barreiras para serem transpostas para que a vida de qualidade possa ser vivida por todos os seres humanos. Como pensar em vida de qualidade se vemos diariamente pessoas deixadas à margem da sociedade e tendo tolhidas todas as suas possibilidades de crescimento enquanto ser vivo dentro desse imenso planeta?

A possibilidade, segundo Brandão (2005), para que realmente se construa uma “Sociedade-Mundo” onde todos possam viver e conviver de forma a construir uma vida de qualidade coletiva, é investir no que considera “o fundamento de todas as relações entre nós, seres humanos [...], o amor” (p.67).

Se basearmos nossas buscas pela vida de qualidade no amor, certamente conseguiremos fundar alicerces mais sólidos contra a busca desenfreada do ter e o investimento em bens qualitativos que nos levem a construção de uma sociedade mais justa.

Para que isso ocorra necessitamos prioritariamente de pessoas, Brandão (2005) nos lembra que “[...] nada de verdadeiramente humano e libertário foi construído neste mundo sem que tenha começado no coração e através dos gestos de pessoas como nós” (p.68). À vista disso, precisamos nos conscientizar que a construção de um mundo com vida de qualidade é responsabilidade de todos, desde os mais altos cargos, como aquelas pessoas simples que vivem nas periferias, pois só assim poderemos transformar a realidade.

O lazer pode e deve aqui fazer parte das vidas das pessoas para que através de sua fruição intencional os seres humanos melhorem sua vida de qualidade e junto aos seus semelhantes construam um mundo melhor.

1.4 Periferia Urbana

Outra temática abordada neste trabalho é a periferia urbana. A população que habita tais espaços, embora socialmente marginalizada, é imprescindível para a manutenção do trabalho e da produção. Segundo Bocayuva (2013) “O capital não pode prescindir do trabalho vivo da população que se organiza, reside e muitas vezes trabalham nas periferias” (p.95). Segundo o autor, o fenômeno periférico é entendido como “[...] um conjunto de lugares, usos e práticas marcados pelas transições, articulações espaciais e socioprodutivas, que se reproduzem em meio a temporalidades distintas” (p.96).

O autor reforça ainda que devemos pensar na periferia como espaços de desigualdades onde através de acordos e tensões são definidas formas de se estruturar e agir.

Por ter como *lócus* desta pesquisa um espaço, Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama, dentro de um bairro periférico urbano da cidade de Rio Claro, procuramos embasamento teórico sobre a caracterização desses espaços.

Feltran (2011) apresenta estudos sobre as transformações sociais ocorridas e os deslocamentos temáticos decorrentes para ocupação desses espaços. Para ele com o início das atividades fabris e a concentração de grandes empresas nas capitais, além de uma forte interferência da igreja católica, desde os anos 1970 há um grande crescimento desse deslocamento migratório para as cidades e a formação das periferias urbanas, onde a moradia é mais barata. Ainda segundo Feltran (2011):

De lá para cá, duas gerações nasceram e cresceram no mundo urbano. Esses novos habitantes da cidade já não são migrantes, como seus pais e avós, nem esperam ser operários; seus arranjos familiares, percursos de vida e modos de inserção produtiva são hoje extremamente heterogêneos; entre eles a escolaridade, o acesso à infraestrutura urbana e a capacidade de consumo cresceram tão significativa quanto desigualmente. O pano de fundo que estes sujeitos inscreveram suas trajetórias foi marcado, portanto, por paradoxos constitutivos: a consolidação da democracia formal foi coetânea à reestruturação produtiva; a ampliação do acesso ao crédito popular foi simultânea à limitação da contrapartida do assalariamento; o declínio da representatividade dos movimentos populares ocorreu enquanto crescia o acesso às políticas sociais (p.2).

Afirma Feltran (2011) que grande parte da população já vive dentro de um mundo urbano, com acesso a bens e serviços, porém a realidade não é tão simples como

ele mesmo afirma, se por um lado existe a possibilidade de acesso a bens e serviços, muitas pessoas ainda estão tolhidas de seu acesso, pois o crescimento desordenado gerou também uma distribuição desigual a esses bens e serviços.

Com a atual crise da economia mundial do século XXI, muitos postos de trabalho foram fechados e face a isso houve uma redução considerável dos serviços, um exemplo é o fechamento de postos de atendimento de Unidades de Saúde da Família (USF) na cidade de Rio Claro, que tiveram seus horários de atendimento reduzidos e sem material para atendimento encaminham quase todos os pacientes para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) que se localiza a grande distância dos bairros periféricos da cidade (GLOBO, 2015).

Para Telles (2001), o final de década de 1990 começa a marcar fortemente a “nova questão social brasileira” a qual através de uma gestão política neutralizante que intentava descaracterizar as noções de direito e cidadania e que teve como consequências uma saída de cena dos próprios direitos coloca em evidência um novo conceito de cidadania que “passa a ser entendida como participação comunitária e no lugar de sujeitos de direitos, entra em cena a figura do usuário de serviços” (TELLES, 2001, p.160)

Assim, esses usuários de serviços estavam sujeitos a aceitarem os serviços que lhes eram propostos, não podendo optar por essa ou aquela atividade. Em grande parte das cidades, ainda ocorre dessa forma nos dias de hoje, são construídos centros comunitários e espaços, onde as atividades oferecidas vêm ao encontro aos interesses dos órgãos governamentais e sua política e não da população que ali habita.

Destarte, não foi diferente quando da introdução do espaço no Jardim Panorama, num primeiro momento foi implantado no espaço atividades que tinham como objetivo o atendimento dos interesses da Secretaria Municipal de Esportes de Rio Claro, não tendo um diálogo entre o poder público e a comunidade para um direcionamento das atividades. Isso só se alterou depois de alguns meses de trabalho com a procura da comunidade e o diálogo entre as partes sugerindo a adequação de atividades que realmente pudessem atender aos anseios daquela população.

A meu ver, a partir de minha experiência enquanto morador e profissional da cidade de Rio Claro, outro fator que levou o poder público a entrar no espaço com atividades já definidas, é de haver certo receio de diálogo com a periferia. Esses espaços ainda são tratados como locais violentos e vistos de modo preconceituoso, estereotipado e marginalizado.

Nesse sentido, Almeida, D' Andrea e De Lucca (2008) entendem que a visão de periferia é tratada em duas perspectivas: a *violência simbólica* que pode ser entendida como se dá a articulação entre visibilidade e estigmatização no espaço social em seus arranjos situados e a *vulnerabilidade política* que está ligada às relações que cada arranjo estabelece com o Estado, em especial as formas como as "[...] práticas estatais alternam-se e articulam simultaneamente segregação e distribuição de recursos" (p. 123).

Ainda de acordo com os autores:

[...] o que chamamos de 'situações periféricas' não se refere a um estado de exclusão, mas a contextos sociais em que há acesso precário a melhorias materiais e a recursos simbólicos. O termo 'periférico' deve-se ao fato de o 'foco' empírico estar na posição hierarquicamente inferior do espaço social, distante das centralidades da produção e reprodução de bens materiais e simbólicos com maior valor social (ALMEIDA; D' ANDREA; DE LUCCA, 2008, p.111).

Essa periferia urbana da qual estamos falando aparece de forma muito marcante nas imagens do bairro, reforçando estados de exclusão. É comum se deparar com ruas repletas de lixo e entulhos (ver Figura. 1) e construção de barracos (ver Figura. 2) em terrenos da prefeitura. De um lado tais produções decorrem dos próprios moradores, de outro das condições de marginalização social a que estão submetidos diante da falta de atenção das políticas públicas.

Segundo Melo (2003):

[...] o complexo urbano (onde incluem-se os bens naturais) deteriora-se, tanto por descaso governamental quanto por falta de cuidado do cidadão-sem-cidade. [...] pelo processo de favelização, o volume de lixo que é atirado nas ruas e a destruição das redes pluviais da cidade (p.78)

Abaixo são apresentadas imagens do município de Rio Claro no ano de 2015, que corroboram algumas das afirmações realizadas, sobretudo com relação a atenção dada a determinados bairros periféricos.

Figura 1: Vista da Rua 28, próxima à quadra com lixo jogado na rua.



Fonte: Foto extraída do google maps em 16/jun/2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/R.+28+-+Jardim+Panorama,+Rio+Claro+-+SP,+13504-646/@-22.3896269>,

Figura 2: Presença de barracos ao longo da última rua do bairro.



Fonte: Foto extraída do google maps em 16/jun/2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/R.+28+-+Jardim+Panorama,+Rio+Claro+-+SP,+13504-646/@-22.3896269>

Considerando tais imagens, buscamos um entendimento de como a periferia urbana e o movimento de ocupação do bairro teve alguma influência na vida do grupo de mulheres colaboradoras deste estudo, participantes das atividades do Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama, afinal quando do surgimento do bairro, muitas delas vieram para morar ali ainda jovens e ainda nos dias de hoje fazem parte desse bairro e convivem diariamente com tudo que ocorre nele.

Quanto aos espaços de lazer, Melo (2003) afirma que é muito comum uma carência desses espaços em comunidades de periferia e que quando os mesmos existem, muitos são utilizados como meios para outros fins. Segundo o autor:

[...] depois de anos sendo ludibriadas por políticos e/ou projetos que somente tem interesses pessoais, normalmente para obter ganhos imediatos (eleição, veiculação na mídia, etc.), cada vez mais as comunidades creem menos na intencionalidade e se engajam menos nas propostas (p.83).

No grupo de doze mulheres que se reúnem para prática de exercícios, caminhadas, brincadeiras e bate papo em contexto de fruição de lazer no Ginásio Poliesportivo Jardim Panorama houve também toda sorte de experiências desencadeadas pela moradia na citada periferia urbana, sendo que em anos passados o grupo de sentiu desamparado por parte do poder público e muitas mulheres abandonaram o grupo.

Observamos que no início havia oitenta mulheres no grupo, caindo para trinta e chegando às atuais doze (de modo constante, embora haja flutuação de mais algumas). Especialmente da parte destas doze mulheres houve um comprometimento muito grande em manter as atividades, em lutar pela manutenção desse espaço e darem continuidade as atividades, mesmo nos períodos em que estiveram sem qualquer apoio da prefeitura, inclusive da presença de profissional de Educação Física, que, conforme já anunciado na introdução desse estudo, fui eu durante oito anos.

Dessa maneira, mesmo com pouco incentivo e apoio, através de uma decisão das próprias mulheres houve uma continuidade das atividades, as quais têm seus horários de encontros semanais respeitados pelos outros moradores e usuários do Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama, sendo um dos elementos que nos aguçou e provocou ao estudo dos processos educativos desencadeados nas atividades investigadas.

Capítulo 2

Trajetória Metodológica

A perspectiva metodológica escolhida para este estudo foi a investigação qualitativa, por entendermos que seria a mais adequada para um estudo inserido em bases fenomenológicas como nosso caso. Assim, a seguir apresentamos toda essa trajetória. Para melhor entendimento, visamos nesse capítulo apresentar o grupo de mulheres que participaram da pesquisa e em seguida contextualizar o local aonde esse estudo se desenvolveu.

O grupo de mulheres do Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama, conta com quinze mulheres, porém, três delas apresentaram uma frequência bastante irregular. Assim, a pesquisa teve efetivamente a participação de doze mulheres, as quais são caracterizadas pela idade, naturalidade, tempo de residência no município, no bairro e nível de escolaridade, como se pode verificar no quadro a seguir.

Quadro 1: Síntese dos dados das mulheres participantes do grupo do Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Nome	Idade	Naturalidade Cidade/Estado	Tempo residência em Rio Claro	Tempo residência no bairro	Escolaridade
Bela	45	Rio Claro – São Paulo	45 anos	9 anos	1º ano (Ensino Fundamental)
Débora	77	Santa Rita do Passa Quatro – São Paulo	14 anos	14 anos	1º ano (Ensino Fundamental)
Esmeralda	29	Rio Claro – São Paulo	29 anos	9 anos	Não estuda no ensino regular, frequenta APAAE
Ester	72	Araraquara – São Paulo	20 anos	Não reside no bairro	Normalista e Técnica em Contabilidade
Fátima	61	Dracena – São Paulo	19 anos	19 anos	4º ano (Ensino Fundamental)
Flor do Campo	75	Santa Rita do Passa Quatro – São Paulo	16 anos	16 anos	1º ano (Ensino Fundamental)
Isabel	63	Birigui – São Paulo	20 anos	18 anos	4º ano (Ensino Fundamental)
Juliana	68	Miraí – Minas Gerais	30 anos	30 anos	Nunca frequentou escola
Mirian	61	Capivari – São Paulo	30 anos	15 anos	8º ano (Ensino Fundamental)
Raquel	70	Valparaíso – São	20 anos	20 anos	4º ano (Ensino

		Paulo			Fundamental)
Thelma	59	Tupã – São Paulo	28 anos	18 anos	4º ano (Ensino Fundamental)
Tita	73	Guanambi – Bahia	38 anos	38 anos	4º ano (Ensino Fundamental)

Fonte: Elaboração própria

Apresentamos também para uma melhor contextualização a participação individual por encontros, sinalizada no quadro 2 com o sinal “√”.

Quadro 2: Frequência das mulheres participantes aos encontros do grupo no Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Nomes	Encontros												
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Bela	√		√	√	√	√		√	√	√	√	√	√
Débora	√	√	√	√	√	√		√	√	√	√	√	√
Esmeralda	√		√	√	√	√		√	√	√	√	√	√
Ester	√		√	√		√		√	√	√	√	√	
Fátima	√	√	√	√	√	√		√	√	√	√	√	√
Flor do Campo	√	√	√	√	√	√		√	√	√	√	√	√
Isabel	√	√	√	√	√	√		√	√	√	√	√	√
Juliana	√	√	√	√	√	√		√	√	√	√	√	√
Mirian	√	√	√	√	√	√		√	√	√	√	√	√
Raquel	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√
Thelma	√		√	√	√		√	√	√	√	√	√	√
Tita	√	√									√		

Fonte: Elaboração própria

2.1 Apresentação das mulheres

As mulheres apresentaram um breve relato de suas trajetórias de vida.

2.1.1Bela

Meu nome é Bela, tenho 45 anos. Quando tinha 13 anos já comecei a trabalhar, aprendi a dirigir trator e arava terra todo dia para fazer plantação de milho.

Brincava bastante com meus sobrinhos, pulava corda, pega e pega e uma coisa que hoje quase nenhuma criança faz mais que é subir em árvores.

Gostava muito de ir à escola, mas não tive oportunidade de terminar meus estudos, pois meu pai se mudava muito de casa e também bebia demais. Ele gastava o dinheiro que seria para a casa com bebida, então tive que ir trabalhar. Trabalhei na roça cortando cana e colhendo algodão. Mesmo com tanta dificuldade, me sentia muito feliz por estar sempre com meus pais. A comida da minha mãe era uma delícia.

Comecei a namorar com dezesseis anos, com dezessete fui morar junto com ele, já no primeiro mês fiquei grávida de uma menina linda que se chama Esmeralda. Depois de cinco anos tive outra filha maravilhosa a Juliana. Amo ser mãe e não vejo a hora de ser avó, afinal a Juliana já está casada.

O casamento dela foi um momento muito especial na minha vida e com tudo isso ganhei outro filho, meu genro. Me considero ser uma pessoa abençoada por Deus, gosto de ir ao grupo para fazer ginástica, conversar e me sinto muito bem pois todos dão muita atenção e carinho para mim e a Esmeralda e para ela é muito importante devido às dificuldades físicas que ela tem. Depois que passou a ir junto ao grupo ela está bem mais independente e disposta.

2.1.2 Débora

Eu sou Débora, nasci em 1937, então, estou hoje com 78 anos. Sou viúva e aposentada. Quando tinha seis anos eu era muito arteira, quando chegava os domingos, eu e umas dez primas íamos catar frutas no pasto. A gente ia de manhã e ficava até a noite. Certa vez brincando de correr eu caí dentro de uma lata cheia d'água, onde nós morávamos tinham estradas cheias de pedra, eu e minha irmã mais velha subíamos até o alto do morro e ficávamos rolando pedras grandes que vinha derrubando tudo que tinha na frente, na época a gente achava legal isso, mas hoje vejo que era uma coisa perigosa, pois podia machucar alguém com seriedade. Aos dezessete anos minha vida era trabalhar na roça dançar e andar a cavalo, eu montava os cavalos no pelo, sem sela. Aos vinte anos me casei, tive cinco filhos meus e mais um que adotei com nove meses de

vida. Sou uma pessoa muito feliz e adoro ver meus netos e bisnetos crescidos e com saúde.

Estou aqui no bairro Panorama desde a construção das primeiras casas, o bairro é bom, embora seja longe do centro, temos muitas amizades, e vemos as crianças crescendo. Temos muitos jovens, filhos de nossas amigas que mexem com coisas erradas, mas mesmo assim vale a pena morar aqui. Venho no grupo de ginástica desde que ele abriu, e para mim é muito importante pois ajuda na minha saúde e também é uma distração para minha cabeça, falamos de muitas coisas que me deixam feliz. Gosto muito também da convivência com o professor Silvino, que sempre esteve com a gente desde o início, e nos dá incentivo para continuar.

2.1.3 Esmeralda

Meu nome é Esmeralda, nasci no dia dos namorados, olha que chique, tenho 28 anos. Estudo na APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcional), gosto muito de lá, tenho vários amigos. Lá faço hidro e aqui no grupo acompanho minha mãe nas aulas de ginástica. Gosto bastante de ouvir rádio, principalmente música gospel, assisto também o Chaves. Uma coisa de que sinto bastante falta é da minha avó que já morreu, eu gostava muito dela.

Tenho dois cachorros o Billy e o Urso, cuido bastante deles, dou comida e levo para passear. Também gosto muito de ir ao shopping, passear e ganhar presentes. Sou muito feliz ao lado dos meus pais e minha irmã, eles cuidam muito de mim. Gosto de vir no grupo, todas as mulheres me dão muito carinho, além disso, faz muito bem para minha saúde devido às dificuldades que tenho para me locomover.

2.1.4 Ester

Eu sou Ester tenho 72 anos, tenho duas filhas, também casadas. Elas e seus maridos possuem faculdade. Meu marido é formado em eletrotécnica. Sou formada no curso de magistério e contabilidade e como gosto de estudar fiz cinco anos de teologia para leigos que me ajudaram em meu trabalho como catequista. Venho trabalhando com catequese há 30 anos, atuando também no atendimento a juventude, casais e pastoral do

batismo. Trabalhei por catorze anos no clube de mães, e dezesseis anos como voluntária no Asilo São Vicente.

Sou nascida em Araraquara onde também me casei. Fui morar no Rio de Janeiro, pois meu marido era militar da Marinha de Guerra do Brasil, morei lá por dezessete anos. Depois nos mudamos para Bauru, Limeira e finalmente para Rio Claro, onde “finquei os pés”. Em minha infância, em Araraquara, comecei a trabalhar aos catorze anos de idade para ajudar meus pais. Meu pai era funcionário da Companhia Paulista de Estrada de Ferro e minha mãe era costureira.

Aqui em Rio Claro sempre procurei atividades que possam melhorar minha saúde e qualidade de vida, afinal a idade pesa, assim quando fiquei sabendo do grupo logo vim participar, é um espaço muito bom, pois as amizades que fiz aqui estão me ajudando bastante a superar um problema familiar que estou passando.

2.1.5 Fátima

Eu sou Fátima, mas todo mundo me conhece pelo meu apelido, Fá. Nasci em Dracena em 14/08/1954, portanto tenho 60 anos. Tive uma infância muito pobre mais bem tranquila. Quando tinha dois anos fomos morar em Tupã, sou a quarta filha de oito filhos, quatro homens e quatro mulheres. Quando tinha cinco anos nos mudamos de novo, desta vez para São Paulo, onde nasceram minhas 3 irmãs.

Cursei até o quarto ano, pois o meu pai dizia que mulher não precisava estudar. Como minha mãe precisava de ajuda, pois além da casa costurava para fora, era eu a cuidar da casa, as minhas irmãs não tinham tempo para mim e eu já estava com oito anos. Aos dezesseis anos fui trabalhar na Alpargatas no bairro da Mooca, era puxado pois trabalhava das seis da manhã as duas da tarde. Quando chegava em casa tinha tudo me esperando para fazer pois minhas irmãs não faziam nada. Aos dezoito anos conheci o meu marido em uma quermesse da igreja onde eu participava de um grupo de jovens, foi através de um correio elegante que tivemos nosso primeiro contato.

Nos casamos em 1977, e já se vão 38 anos. Quando nasceu meu primeiro filho, o Fernando, eu saí do emprego, assim trabalhei por quase nove anos. Quando nasceu o Marcelo, aí realizei meu sonho, conseguimos comprar nossa casa. Meu marido se aposentou e depois de dez anos nasceu o Bruno. Quando ele tinha quatro anos

decidimos vir morar em Rio Claro, aqui acabamos de criar nossos filhos, meu marido conseguiu emprego na prefeitura.

O Fernando já faz uns dez anos que mora em Jacareí, o Marcelo me deu trabalho, mas graças a Deus hoje é outro homem e me deu sete netos. O Bruno continua comigo. Eu cuido da casa, faço aulas aqui na quadra com o Silvino e de terça e quinta faço ginástica também no posto de saúde. Gosto também de frequentar as aulas de corte e costura e culinária que tem aqui na quadra e no CRAS (Centro de Referência e Assistência Social), gosto muito de participar de eventos tanto aqui como nas atividades fora da quadra. Sou muito feliz e acredito que a quadra foi uma grande conquista para o bairro porque ficou sendo um lugar onde eu e todas as minhas amigas nos encontramos e vivemos horas agradáveis. Essa é um pouco de minha vida.

2.1.6 Flor do Campo

Sou Regina, mas todos me chamam de Flor do Campo, eu nasci em vinte e seis de setembro de mil novecentos e quarenta, portanto tenho setenta e quatro anos. Nasci na fazenda Volta da Serra, região de Santa Rita do Passa Quatro, em São Paulo. Nunca tive uma boneca, meu brinquedo era andar a cavalo no meio das vacas junto com meu pai. Diziam que a fazenda era assombrada, mas eu e minha irmã Débora não tínhamos medo. Um dia eu e a Débora vimos um saci no pé da montanha eu tinha mais ou menos 6 anos nessa época. Quando tinha sete anos mudamos para a cidade. A gente vendia verdura nas ruas. Eu fui na escola e estudei só o primeiro ano, depois nunca mais fui na escola. Quando tinha nove anos mudamos para o Paraná e eu fui trabalhar com o meu pai na roça na região de Paranavaí. Derrubei mata plantei café ajudei meu pai a construir a casa, furar poço e fazer cerca de pasto.

Aos doze anos começou minha alegria de novo, andar a cavalo no meio das vacas, fazer balanços nas árvores, catar frutas no pé. Eu gostava muito de subir nas árvores e balançar nos galhos, tomar banho no rio e pescar lambaris.

A gente não tinha dinheiro, mas era muito feliz.

Uma história triste pela qual passei foi um dia na fazenda Volta da Serra, uma vaca deu cria e morreu, nós salvamos o bezerro, meu pai levou ele para casa e minha mãe tratou ele na mamadeira até ele se alimentar sozinho. Nós demos o nome para ele

de Piolim. Ele era muito manso e um dia os bois fugiram do pasto e atacaram o Piolim e machucaram tanto ele que meus tios precisaram levar ele embora.

Quando nós chegamos no Paraná há sessenta anos atrás era só mato, nós passamos em uma vila por nome Alto Paraná. Lá só tinha uma venda e meu pai fez um rancho de folha de palmito e nós moramos lá por um bom tempo. Nós andávamos quinze quilômetros todo dia para ir derrubar mato, ferramenta era só o machado, trançador e foice. Nosso almoço a gente esquentava igual aos índios que nos ensinaram como fazer.

Lá não tinha nem farmácia e nem médicos, era só os remédios tirados do mato. Quando morria alguma pessoa da vila, meu pai era quem fazia o caixão e eu ajudava. Não tinha estrada, eram só as picadas no meio do mato. Minha mãe socava arroz, milho e torrava o café e moía no pilão, pois não tinha pó de café. Todos esses alimentos era a gente mesmo que plantava, cuidava e colhia.

Quando tinha catorze anos comecei a ir nos bailes com o meu pai, foi onde conheci meu príncipe, ele era sanfoneiro. Aos dezoito anos casei, foi uma festona com baile e churrasco a noite inteira. Tivemos quatro filhos e o mais novo eram gêmeos. Ficamos casados por quarenta e cinco anos, até Deus o levar.

Meus filhos casaram e eu tenho oito netos. Moro aqui em Rio Claro no Jardim Panorama, nós nos mudamos aqui logo no começo do bairro e por isso é que gosto muito daqui, conhecemos todos os que moram aqui. A casa onde moro é minha e gosto muito de cuidar dela, capino o quintal, pinto e faço todos os consertos que precisa. Gosto muito também de ir nas aulas da quadra, o professor Silvino está com a gente desde que a quadra abriu e ele nos ajuda bastante. Lá nos divertimos muito, pois a gente além de fazer ginástica, conta piadas, troca receitas e dicas de viver melhor. Me sinto muito feliz por poder hoje aproveitar meu dia, afinal trabalhei muito duro e hoje tenho tempo para me divertir.

2.1.7 Isabel

Vou contar um pouco da minha vida. Eu desde pequena comecei a trabalhar na roça para ajudar meu pai aqui no estado de São Paulo. Logo cedo eu ia para a escola e quando chegava já ia para a roça. Quando fiquei mocinha, meu pai comprou um sítio no Mato Grosso do Sul e nos mudamos. Aí as coisas pioraram, foi muito difícil para nós,

tivemos que derrubar todas as árvores e mata para plantar café, foi um período muito duro. Um tempo depois me casei com um rapagão bonito de lá e compramos uma chácara onde também fazíamos todo o trabalho. Embora as coisas fossem difíceis, era bom, pois fazíamos exercício o tempo todo, só parávamos quando íamos dormir.

O lado ruim mesmo é no que diz respeito à saúde não tem médico nem hospital. Com meu marido trabalhamos um tempo com plantação depois passamos a trabalhar com carvoaria e por muitos anos foi assim. Tive quatro filhos e um deles teve um acidente (fratura grave de uma vértebra) e lá não tinha recurso, então minha irmã e um dos meus filhos que estava morando em Rio Claro me ligaram e pediram para que eu viesse para cá para cuidar do irmão dele.

Vimos de ambulância e pouco tempo depois ele começou o tratamento. Fiquei seis meses morando de favor na casa da minha irmã, depois alugamos dois cômodos e ficamos por três anos pagando aluguel. Com muito sacrifício compramos um terreno aqui no Panorama e construímos nossa casa com a ajuda dos vizinhos que doavam material, uma dava tijolo, outro cimento, outro me dava uma cesta básica e um deles ajudava sempre comprando os remédios que meu filho precisava.

O bairro era no fim do mundo, mas era um mundo maravilhoso onde todos procuravam se ajudar. Com a graça de Deus, hoje meu filho está bem melhor, ainda frequenta as fisioterapias e vai a cada três meses na Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) em São Paulo. Para mim esta cidade e este bairro são abençoados, pois, minha vida melhorou muito aqui e depois que abriram a quadra a 50 metros da minha casa ficou melhor ainda, participo do grupo logo que começou e acho muito bom pois contamos nossas histórias, brincamos e nos divertimos muito, fazendo exercício para termos uma vida melhor. Só tenho a agradecer.

2.1.8 Juliana

Oi, eu sou Juliana, nasci em 16 de junho de 1947, portanto tenho quase 68 anos. Sou a caçula de oito irmãos. Morava numa fazenda onde meus pais trabalhavam. Minha infância foi muito tranquila, porém muito pobre. Eu brincava com sabugos de milho fingindo que era boneca, gostava de prender vagalumes em vidro para iluminar o quarto à noite. Quando tinha doze anos meus pais se mudaram para o Paraná, aí eu comecei a trabalhar na roça para ajudar, eu catava algodão, colhia café, cortava cana e tudo mais

que aparecia para fazer. Nessa época comecei a namorar o Mané, namoramos cinco meses e já casamos, casamento que já tem 47 anos.

Depois de um ano de casada vieram os filhos, foram sete no total, dois nasceram mortos, um eu perdi já com dezessete anos devido a leucemia. Já passei muitos apuros em minha vida, porém hoje estou tranquila. Sou aposentada, meu marido está para se aposentar, temos nossa casa própria. Gosto muito de vir fazer atividade aqui no grupo ir a eventos na igreja, ajudo a cuidar dos meus netos.

Há pouco tempo tive um problema grave com meu marido e a força e apoio das colegas aqui da quadra foi muito importante, pois me ajudaram não só com apoio falado, mas foram em minha casa se disponibilizaram a me levar ao hospital fazer curativos, adoro estar no grupo, posso contar piadas, enfim me sinto mais feliz.

2.1.9 Mirian

Eu sou Mirian, nasci em vinte e oito de maio de mil novecentos e cinquenta e quatro, tenho, portanto, sessenta e um anos. Nasci em Capivari, região de Piracicaba, tive uma infância muito sofrida. Era a mais velha de seis filhos e pais separados. Aos nove anos já trabalhava de doméstica dormindo no emprego e só voltava para casa no fim de semana. Assim, não me divertia muito, pois o tempo todo estava trabalhando e quando voltava para casa ainda ajudava minha mãe nas tarefas que haviam ficado para trás. Aos dezoito anos conheci o pai dos meus dois filhos.

Infelizmente foi um casamento que durou apenas cinco anos. Criei meus filhos sozinha, quando pensei que ia ter uma ajuda dos filhos os dois, um com dezesseis e o outro com dezoito, eles resolveram ir para Manaus passear e acabaram ficando por lá. Foi um tempo muito difícil, pois esperava o retorno deles e ainda cuidava de minha mãe que estava doente. Nesse meio tempo entre esperar e cuidar da mãe conheci meu segundo marido que me trouxe muita felicidade e segurança. Foram quinze anos de muita felicidade, porém há 30 anos atrás apareceu uma oportunista e levou minha felicidade embora.

Agora novamente sozinha com muitas saudades dos filhos e do marido, dos meus pais que também se foram. Agora conto com a ajuda de Deus para me dar coragem e paciência para cuidar de um neto que veio morar comigo e do apoio que

encontro em minhas colegas de grupo que me ajudam bastante a desabafar e me fazer rir. São momentos muito importantes para mim, pois me fazem sentir bem.

2.1.10 Raquel

Eu me chamo Raquel, nasci no dia dois de outubro de mil novecentos e quarenta e quatro, estou com setenta anos. Nasci em Valparaíso estado de São Paulo em 1945, tenho, portanto, setenta anos. Tive uma infância muito pobre e ajudava em casa a cuidar de meus irmãos. Casei na cidade de Guzolândia estado de São Paulo no ano de 1961 com dezessete anos de idade. No dia dez de junho deste ano completei cinquenta e quatro anos de casada.

Nesses anos todos de casamento tive oito filhos, sendo três homens e cinco mulheres. Com muito sacrifício demos estudos a todos eles visto que eu não pude estudar. São todos casados e já me deram vários netos. Moro em Rio Claro há vinte anos onde trabalho até hoje como costureira para ajudar em casa pois minha aposentadoria e de meu marido é bem pequena. Hoje somos só eu e meu marido em casa e tenho o compromisso com as amigas de ir sempre nas aulas de ginástica na quadra pois me ajudaram bastante a melhorar minha saúde, principalmente as dores nos braços e nas costas. Não gosto de escrever muito, assim já vou me despedindo.

2.1.11 Thelma

Sou Thelma, tenho cinquenta e nove anos e gostaria de contar um pouco sobre minha experiência de vida e a minha luta que começou aos dez anos de idade quando minha mãe faleceu, eu tive que aprender a cozinhar, lavar e trabalhar na roça para ajudar meu pai a cuidar das minhas irmãs, uma delas com apenas um aninho de idade.

Com muita dificuldade e ajuda de Deus, meu pai nos deu tudo que precisávamos para ser o que somos hoje, respeito, educação e dignidade. Sofremos muito, mas também tivemos muitas vitórias, meu pai foi pai e mãe e nunca desamparou a gente. Hoje enquanto escrevo essa história, lembro que faz oito meses que ele nos deixou para ir morar com Deus, afinal mesmo com oitenta e um anos ele nos dispensava os mesmos cuidados e atenção de quando éramos crianças.

Em 2014 além de meu pai, meu irmão e meu esposo também partiram, foi um ano muito difícil, mas graças a Deus e meus amigos estou superando. Agradeço em especial a essas companheiras do grupo de ginástica que muito me ajudaram e ajudam, ao professor Silvino também porque quando a tristeza chega é lá que eu busco me alegrar. Fazer parte desse grupo faz minha vida melhor.

2.1.12 Tita

Eu nasci na Bahia, morava num sítio, com dez anos fui trabalhar na roça junto com meus pais, porém de manhã eu ia à escola e depois do almoço ia trabalhar. A escola era na casa de meus pais. Estudei só até o quarto ano. Alguns anos depois casei e continuei trabalhando na roça com meu marido.

Logo depois vieram os filhos e a batalha mais pesada, trabalhar e cuidar deles. Em seguida viemos para Minas Gerais, São Sebastião do Pontal e continuamos trabalhando na roça, algum tempo depois mudamos para Rio Claro. Aqui continuei cuidando da casa e trabalhando como costureira e faxineira.

Hoje não trabalho mais, estou aposentada, com meus filhos criados e tiro todas as segundas e quartas para vir na quadra fazer física, é muito bom para mim tanto para o corpo como para o humor, somos um grupo bem unido, há pouco tempo tive dengue e recebi visita das amigas, até sopa levaram para mim. Minha vida hoje é bem mais tranquila e tenho um tempinho para cuidar de mim.

São essas doze mulheres, moradoras do Jardim Panorama, bairro de periferia urbana da cidade de Rio Claro, e que apresentamos mais detalhadamente a seguir, as autoras colaboradoras desta pesquisa.

O município de Rio Claro (ver Figura. 3) foi fundado em 1827 localiza-se no interior do estado de São Paulo, mais especificamente na região Centro Leste. De acordo com o IBGE (2010) ocupa uma área total de 498,42 Km², sendo 283,50 km² urbanizados. Possui uma população estimada de 199.961 habitantes e uma densidade demográfica de 373,69 hab./km²⁸.

⁸ Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS

Figura 3: Mapa da cidade de Rio Claro

Fonte: Google Mapas, disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/Rio+Claro++SP/@-22.3960504,-47.5660338,11z/data=!3m1!4b1!4m2!3m1!1s0x94c7dba833b7ed7d:0xeff01d8a3c639a61>, acesso em 10/fev/2015.

Rio Claro está localizada a 175 km da cidade de São Paulo, capital do estado, e tem como curiosidade ser a segunda cidade do Brasil a receber energia elétrica e a primeira do estado através da construção da Usina do Corumbataí, inaugurada em 1895, que se utiliza do rio Corumbataí e gera energia até hoje, por ter sido reativada devido a atual crise hídrica do estado de São Paulo e consequente crise energética.⁹

Historicamente a cidade teve grande crescimento com a concessão da Companhia Paulista de Estrada de Ferro que, inaugurada em 1876, ligava Campinas e Rio Claro. Entre 1881 e 1885, uma nova Ferrovia, ligando Rio Claro a São Carlos e Araraquara foi construída pela Companhia de Estradas de Ferro do Rio Claro, mais tarde devido a políticas governamentais, no ano de 1971, foi adquirida pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro (FEPASA), que posteriormente, no ano de 1990, foi integrada à Rede Ferroviária Federal (RFFS) e que devido as privatizações do setor ferroviário no ano de 1996, foi adquirida pela empresa Ferrovia Bandeirantes S/A (FERROBAN).¹⁰

⁹ Informações disponíveis em: <http://www.energiaesaneamento.org.br/unidades/rede-museu-da-energia/museu-da-energia-de-rio-claro.aspx> Acesso em 28/abr/2015.

¹⁰ Informações do site Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, disponível em: <http://www.abpfs.com.br/ferrovias.htm>, acesso em 25/jun/2015.

As indústrias do setor de polímeros são a base da economia da cidade que conta atualmente com 89 empresas do citado ramo¹¹, além de empresas do setor de próteses cirúrgicas que vem crescendo consideravelmente na cidade.

Para dar suporte a todo esse desenvolvimento, a cidade conta com uma universidade pública a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e mais três universidades particulares, que formam mão de obra tanto para os setores da indústria como também para o mercado liberal.

Rio Claro possui também grande destaque em várias modalidades esportivas e opções de espaços para esporte e lazer. Possui duas equipes de futebol profissional, o Rio Claro Futebol Clube e o Velo Clube Rio-clarense, que recebeu esse nome por ter seu estádio construído em um antigo velódromo. Possui uma equipe de basquete masculino que se encontra na elite do basquete nacional o Novo Basquete Brasil (NBB), conta também com vinte e duas opções de modalidades tanto esportivas como para a melhoria da saúde tais como academias, ginástica e hidroginástica atendendo a população da cidade a partir dos seis anos de idade¹².

A maioria desse investimento provém do setor público. A cidade apresenta também diversos espaços para a fruição do lazer, tais como o Centro Cultural, um espaço central da cidade com lago, pista de caminhada, área verde, biblioteca e academia ao ar livre, tendo essa academia aparelhos convencionais e adaptados para receber pessoas com deficiência.

Outro espaço bastante procurado na cidade é o Horto Florestal Navarro de Andrade, uma grande área verde onde as pessoas têm livre acesso para caminhadas, andar de bicicleta em estradas ou trilhas fazer piquenique, e fruir seus momentos de lazer. Em vários pontos da cidade são encontradas praças, áreas verdes, campos e quadras à disposição da comunidade. Decorrente desse investimento, Gnecco e Valdanha Neto (2006) comentam a inclusão da cidade como cluster esportivo¹³.

Embora possua esse grande potencial educacional, esportivo e de lazer, a cidade também possui bolsões de pobreza, tais como: Jardim Nova Rio Claro, Novo Wenzel, Jardim Santa Maria, Jardim Panorama, entre outros, bairros estes, que apresentam altos índices de vulnerabilidade social, entendendo essa vulnerabilidade no contexto de

¹¹ Informação oral obtida junto a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) polo Rio Claro em 15 de março de 2015.

¹² Informação obtida junto ao setor de matrícula da Secretaria Municipal de Esportes em 15/mar/2015.

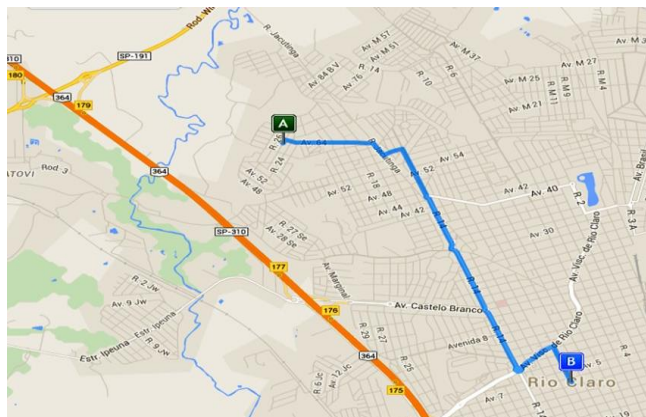
¹³ Casos de cidades ou regiões que se tornaram polos de influência socioeconômica que deu surgimento a uma variedade de práticas esportivas e de lazer (VAZ, 2012)

dificuldade de “[...] acesso aos meios de comunicação, escolaridade, disponibilidade de recursos materiais, poder de influenciar decisões políticas, possibilidades de enfrentar barreiras culturais, estar livre de coerções violentas ou poder defender-se delas” (AYRES, et al, 2003, p.129).

Este estudo se deteve principalmente na comunidade que iniciou o que hoje é conhecido como Jardim Panorama, a qual teve seu movimento inicial no ano de 1977, com a aprovação de um total de 418 lotes, tendo hoje um total de 626 lotes (RIO CLARO, 2015).

Grande parte dos moradores se inseriu no bairro a partir do ano de 1980, quando o mesmo já possuía, em sua maior parte, infraestrutura mínima (água, esgoto e iluminação). Trata-se de um bairro periférico urbano da cidade de Rio Claro localizado na região noroeste da cidade, distante 5,7 km (ver Figura. 4) da Igreja São João Batista (marco zero da cidade). Possui uma população, segundo o censo do IBGE (2010) de 1538 pessoas, sendo 766 homens e 772 mulheres.

Figura 4: Distância entre a Igreja de São João Batista (marco zero da cidade) e o Jardim Panorama



Fonte: Google Maps, disponível em: <https://maps.google.com.br/maps/myplaces?hl=pt-BR&ctz=240&t=m&z=16&iwloc=A&mid=1359627531&showlabs=1&dg=feature> – Acesso em: em 10 mar. 2014.

No Jardim Panorama residem muitos trabalhadores dos diferentes setores da indústria, sendo que no próprio bairro encontra-se instalada uma indústria de móveis. Devido à necessidade de mão de obra, e a possibilidade de morar próximo ao local de trabalho muitas pessoas se mudaram para lá se fixando ali com suas famílias. Encontram-se também grande número de mulheres que trabalham na parte de costura da

indústria de móveis de forma terceirizada, deixando assim de possuírem carteira assinada e vínculo empregatício direto com a empresa, ficando à margem dos benefícios sociais que poderiam ter, caso fossem registradas.

Há também um grande número de diaristas que se enquadram nas mesmas situações trabalhistas das costureiras, mas que cansadas do trabalho nas empresas optaram em trabalhar em faxinas junto a residências particulares apenas alguns dias da semana. O bairro conta hoje com uma creche, uma escola municipal até o quinto ano do ensino fundamental e uma Unidade de Saúde da Família (USF) para consultas básicas. O bairro enfrenta os mesmos problemas que toda a sociedade, ou seja, drogas, violência e descuido, porém grande parte dos que moram ali lutam para a melhoria do local e não tem intenção em sair do bairro.

Em acordo com a Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente de Rio Claro, (RIO CLARO, 2015), tentando melhorar a qualidade de vida do local, no ano de 2000, a prefeitura municipal de Rio Claro investe junto com o governo federal na construção de um ginásio poliesportivo no bairro. Ocupando uma área de 1400 metros quadrados e um custo aproximado de R\$ 230.000,00, no ano de 2003, com a presença do então ministro dos esportes Agnelo Queiroz, é entregue à população o citado ginásio.

Conforme registros da Secretaria Municipal de Esportes (RIO CLARO, 2014), trata-se de uma quadra coberta (ver Figura 5), possuindo como anexas salas para: aulas de corte e costura, informática, culinária e panificação; sendo a edificação como um todo construída nos anos de 2001-2002 e inaugurada em 2003 como citado acima, pela Prefeitura Municipal, em parceria com o Governo Federal através do Ministério do Esporte, visando dar um espaço de lazer e esporte para a comunidade do bairro.

Figura 5: Ginásio Poliesportivo Jardim Panorama



Fonte: O autor, tirada em 15/maio/2015.

Foi esse espaço o campo de inserção escolhido. Meu primeiro contato com as pessoas do local aconteceu em uma tarde quando após aprovação em concurso público da prefeitura municipal, fui encaminhado até lá juntamente com o coordenador da secretaria de esportes que me apresentou àqueles que seriam meus futuros alunos de futsal.

Assim, que assumi as aulas um dos diretores me chamou ao lado e disse que o bairro era extremamente difícil de desenvolver atividades e que principalmente na “quadra” (como é comumente chamado o ginásio) teria que haver um grande cuidado, pois a mesma havia sido construída em um antigo campinho de futebol de terra batida (ver Figura. 6), onde a comunidade fruía lazer, especialmente aos finais de semana, dessa maneira nem todos estavam muito satisfeitos com a modificação do espaço.

Figura 6: Vista do local antes da construção da quadra com o antigo campo de futebol.



Fonte: Foto de 1999 cedida por um morador.

Dias depois de iniciar esse trabalho, fizemos a divulgação para aulas de ginástica e, assim, fui me aproximando desse grupo de mulheres que nos primeiros meses atingiu um total de oitenta e que à data deste estudo se apresenta com uma frequência média de doze mulheres.

Essas mulheres possuíam um grande anseio em poder praticar atividades corporais e atividades relacionadas ao lazer, afinal trabalhavam durante todo o dia e ao fim de tarde queriam que o bairro tivesse algum espaço destinado a esse fim. Num primeiro momento houve uma grande procura pelas atividades, porém com o passar do tempo muitas por motivos de trabalho, afazeres domésticos e auxiliar na renda familiar,

acabaram deixando as aulas, porém, muitas ainda passam pelo local para conversar com as amigas quando lhes é possível. À data desta pesquisa o grupo contava com uma média de doze a quinze alunas, dentre as quais cinco estão lá desde o primeiro dia, Flor do Campo, Débora, Raquel, Fátima e Tita.

As mulheres que participam ou já participaram no grupo são oriundas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Bahia, com uma prevalência maior de pessoas advindas do próprio estado de São Paulo, mas que moraram por muitos anos nos estados do norte e nordeste. As mulheres que atualmente participam, são pessoas singelas, com grau de escolaridade baixo, pois trabalham desde muito novas e hoje já se encontram em grande parte aposentadas, porém trabalhando em casa auxiliando nas despesas domésticas e cuidando dos netos. Dessa forma buscam melhorar suas condições financeiras e pessoais na busca de uma vida com mais qualidade.

Mantive-me como professor dessas mulheres até março de 2010 quando assumi a coordenação pedagógica na secretaria de esportes do mesmo município, me afastando do trabalho com alunos.

Durante os oito anos de trabalho no local, tivemos que trabalhar com alguns contratempos como: o uso de drogas no local, antes e depois das aulas; ocupação no horário de aula para afrontar e demarcar o espaço; adolescentes jogando pedras no telhado durante as aulas do grupo de mulheres; entre outros.

Foram situações de conflitos e crescimento pessoal, afinal como os próprios alunos comentavam que moravam na periferia e assim sendo, podiam tudo, pois ninguém lhes dava importância, por outro lado, buscando amparo na Pedagogia proposta por Freire (2005), segundo o qual é pelo diálogo que os seres humanos se aproximam uns dos outros, evitando preconceitos ou posturas de ostentação e que para isso devem utilizar-se do amor, da humildade e da fé nos homens e mulheres, bem como na esperança, consegui junto com a comunidade realizar uma mudança de olhares para o local de forma que a mesma tomou para si o espaço atribuindo-lhe um novo sentido.

Embora o local seja um espaço público, e assim sendo legitimado para receber investimentos, manutenção e cuidados, muitas vezes é deixado à margem desses investimentos municipais, especialmente a depender da troca de partidos no poder, que acabam optando por não investir em obras que foram idealizadas pelos governos anteriores, deixando tais espaços à margem das prioridades nos investimentos, conforme minha própria experiência.

2.2 O processo de Inserção

Todo trabalho de pesquisa deve ser cuidadosamente elaborado, principalmente quando a pesquisa envolve a participação de pessoas. A metodologia deve ser escolhida de forma a atender as necessidades da pesquisa, mas acima de tudo respeitar aqueles que serão pesquisados.

Dessa forma, minha inserção junto ao grupo foi facilitada por já ter atuado como professor de Educação Física junto ao grupo, o que propiciou uma acolhida e aceitação por parte de todas as participantes. Antes do início de qualquer atividade me apresentei novamente ao grupo agora sob a perspectiva de realizar o trabalho como pesquisador, explicando de que forma seria realizada a pesquisa e deixando bem claro que nada seria escrito ou publicado sem que antes elas tivessem conhecimento.

Combinamos que eu estaria presente nas atividades delas em treze encontros. Outro ponto que foi esclarecido e combinado em comum acordo com todas foi a alteração de seus nomes para nomes fictícios de forma a preservar as identidades delas, evitando assim qualquer constrangimento por identificação. Situação que ocorreu dentro desse período é que houve um desligamento do professor responsável pelas atividades com o grupo, assim elas me solicitaram a possibilidade de enquanto estivesse participando dos encontros ministrasse as atividades para elas, aproveitando assim minha presença junto a elas.

2.3 O processo de pesquisa

O processo de pesquisa se deu com a escolha da metodologia. A metodologia adotada nesta pesquisa foi a pesquisa qualitativa com inspiração na fenomenologia, (MERLEAU-PONTY, 1969; 1999; MARTINS; BICUDO, 1994; BICUDO; ESPÓSITO, 1994; GONÇALVES JUNIOR, 2008), através da participação direta do pesquisador junto ao grupo com registros e observações em diários de campo.

A escolha dessa trajetória se deu por ser aquela que permite uma melhor captação de informações junto ao grupo. Foi o procedimento que para o grupo em questão tornou-se mais adequado, pois algumas têm dificuldade na escrita, tanto que ao proporem escrever um pouco sobre suas trajetórias de vida, uma delas solicitou que sua filha realizasse a redação enquanto ela fazia a narrativa, e alegaram sentirem-se envergonhadas em participarem de filmagens e gravações. Optamos pela utilização de

diários de campo, os quais segundo Bogdan e Biklen (1994, p.150) é “[...] o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

Segundo Garnica (1997), no contexto da fenomenologia:

O termo pesquisa ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se pretende compreender, não se preocupando com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o pesquisador (p.111).

Complementa Machado (1994):

A preocupação central desta trajetória de pesquisa se dá com o ato de compreender, mais do que explicar o objeto de estudo. A fenomenologia significando discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo, enquanto uma práxis ou forma de ação, opera através do método que investiga a experiência, no sentido de compreendê-la e não de explicá-la. Compreender diz respeito a uma forma de cognição que diverge da explicação. Compreender é tomar o objeto a ser investigado na sua intenção total, é ver o modo peculiar específico do objeto existir. Explicá-lo é tomá-lo na sua relação causal (p.35).

Visando a coleta dos dados, me reinseri nos encontros semanais às quartas-feiras das 17h00min às 17h50min, com um grupo aproximado de doze mulheres que se reúnem no Ginásio do Jardim Panorama, em Rio Claro, interior de São Paulo, para prática de exercícios, caminhadas, brincadeiras e bate papo em contexto de fruição de lazer, realizando registro sistematizado das observações em diários de campo e captura de imagens fotográficas, tendo consentimento formal expresso em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), observando preceitos éticos autorizados pelo parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa (parecer CEP 1.174.326 – anexo 1).

A análise dos dados, a partir dessa coleta, se deu procedendo a redução fenomenológica, identificação das unidades de significados, organização de categorias e construção de matriz nomotética (MARTINS; BICUDO, 1994; BICUDO; ESPÓSITO, 1994; GONÇALVES JUNIOR, 2008).

A coleta dos discursos foi proposta para ser realizada nos momentos pré, durante e pós atividades, não sendo sugerida nenhuma interrogação específica, mas deixando que os sujeitos da pesquisa falassem livremente e sem interrupções, anotando suas falas, expressões, angústias e silêncios, para posterior identificação das unidades de significado, que se caracterizam pelo levantamento das asserções significativas no que se refere à interrogação empreendida. Assim, podemos apreender as unidades de significado.

Segundo Gonçalves Junior (2008) “As categorias temáticas são organizadas pelo pesquisador a *posteriori*, a partir dos dados que emergem das descrições dos sujeitos interrogados” (p.29). A partir desses dados realizamos a redução fenomenológica e organização das categorias na matriz nomotética, que se configura como um quadro onde são anotadas as unidades de significado e relacionados sua incidência em cada um dos diários de campo anotados. Para isso é necessário por parte do pesquisador, ler e reler várias vezes os diários de campo, pois esses agrupamentos das unidades de significado dos diversos depoentes em categorias vão se dar com base na similaridade, divergência ou idiosincrasia referente a uma mesma temática.

Neste estudo, as categorias foram formuladas a partir das similaridades dos discursos das mulheres entrevistadas, não sendo identificadas divergências ou idiosincrasias que dessem suporte a formação de uma categoria. Partimos então para a análise nomotética, que segundo Gonçalves Junior (2008) “se caracteriza pelo movimento de passagem do nível individual para o geral” (p.29) na busca da essência do fenômeno.

Esses procedimentos foram adotados buscando identificar os processos educativos que já acontecem dentro desse grupo e os que possivelmente emergiram através do convívio e da participação, além disso, através das reflexões que surgiram, verificar se o grupo se posiciona quanto a imagem que tem sobre as interfaces do lazer, de forma que o mesmo não só se fixe na ocupação do tempo livre, mas que seja entendido como algo transcendente, que propicie a elas o lazer como ferramenta de diversão e vida de qualidade, na qual possam agregar a construção de valores fazendo com que o mesmo não se torne apenas modismo, de forma a contribuir para que esse grupo e outros locais venham a ser espaços de construção de processos educativos não escolares, afinal nesses espaços muito se ensina e muito se aprende através da convivência e do diálogo.

No decorrer dos treze encontros realizados, sentimos necessidade de conhecer mais sobre cada uma das mulheres participantes. Inicialmente, perguntamos a elas se queriam comentar um pouco sobre suas vidas e como vieram morar no Jardim Panorama e frequentar a quadra. Além das contribuições feitas por comentários que foram anotados em diários de campo, também entregaram um pequeno texto escrito sobre suas trajetórias de vida.

Ao conversar com elas sobre a propositura de contarem um pouco de sua trajetória de vida, elas ficaram em sua maioria empolgadas com a possibilidade de relembrem seu passado e de contá-lo a alguém mais novo. Algumas ficaram receosas de que poderia haver, em suas histórias, algo censurado para que outros pudessem ler, assim chegamos a um consenso em que elas contariam suas trajetórias de vida com apenas aquilo que achassem que os outros poderiam ler.

Senti então a necessidade de deixá-las contar suas trajetórias por elas mesmas, amparado no que diz Bosi (1987) quando fala da narração. Segundo a autora:

Sempre houve dois tipos de narrador: o que vem de fora e narra suas viagens; e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita. O narrador vence distancias no espaço e volta para contar suas aventuras (acredito que por isso que viajamos) num cantinho do mundo onde suas peripécias têm significação (p.43).

Assim, ouvi-las contar com suas vozes o que haviam vivenciado, certamente nos trariam histórias muito mais relevantes do que eu as recontando. Fazê-las voltar no tempo e buscar suas memórias, proporcionou a elas uma experiência que segundo Bosi (1987) as remeteu na função da memória na civilização grega “vidência e êxtase” (p.48). São essas vivências repletas de êxtase que constituem a apresentação do grupo que foi reportada ao início deste capítulo.

Depois de toda a escrituração dos diários de campo e leitura das trajetórias de vida dessas mulheres, partimos para a etapa seguinte: identificação das unidades de significado.

2.4 Levantamento das Unidades de Significado

Após leitura e releitura dos diários de campo e das trajetórias de vida dessas mulheres, buscou-se acessar o mundo-vida e o pensar delas, de forma que “Apreendem-

se, então, da leitura de cada descrição as ‘unidades de significado’, enquanto aspectos que impressionam o pesquisador, dentro de seu campo perceptual, para chegar à evidência das experiências” (MACHADO, 1994, p.41).

Selecionadas as “unidades de significado”, passamos, como cita Lemos (2007), para a conversão destas para um discurso educacional, na forma de asserções, que indicassem o mais fielmente possível as ideias articuladas pelas mulheres do grupo, conforme notas em diários de campo ou registros pessoais delas de suas trajetórias de vida.

Segundo Machado (1994), passamos dos objetos para os significados e nesse conjunto não há um isolamento do objeto, mas um propósito, um horizonte existencial que nos leve a compreensão e apropriação do mundo.

Para a identificação dessas unidades de significado nos valemos então de uma redução, a qual segundo Machado (1994, p.41): “É o movimento do espírito humano que, através dos seus atos de perceber, intuir, imaginar, fantasiar, lembrar, raciocinar, organizar, consegue transcender a multiplicidade dos diferentes aspectos do fenômeno olhado e compreender aquilo que é essencial”.

Ainda segundo a autora:

Este movimento caracteriza-se pela busca da essência ou da estrutura do fenômeno. Ao ver que o fenômeno se ilumina diante de si, o pesquisador reconhece-se ligado ao sujeito pesquisado por uma relação dialética entre o seu horizonte conceitual e a experiência do sujeito, onde através da intersubjetividade, estabelece objetivamente os seus resultados. (MACHADO, 1994, p.41).

Essa essência encontrada não caracteriza o fim da análise, mas um meio pelo qual o pesquisador busca trazer à luz o que as relações vividas apresentam de ordem geral ou de aspecto idiossincráticos (MACHADO, 1994).

Recorreu-se então à Análise Nomotética, que conforme Machado (1994), “na pesquisa qualitativa indica um movimento de passagem do nível individual para o geral, ou seja, move-se do aspecto psicológico individual para o psicológico geral da manifestação do fenômeno” (p.42). Dessa forma, a análise nomotética nos permite uma reflexão sobre a estrutura do fenômeno que nos indica a iluminação de uma perspectiva do mesmo.

Para Gonçalves Junior (2008) em uma síntese sobre a análise do fenômeno situado, devemos seguir as seguintes etapas: Após a transcrição rigorosa dos discursos

deve realizar-se o levantamento de asserções significativas para o pesquisador (*Identificação das Unidades de Significado e Redução Fenomenológica*); ao notar as convergências, divergências ou ainda idiossincrasias nos discursos dos sujeitos estabelecem-se as categorias estruturais as quais são agrupadas em unidades de significado sob essas (*Organização das Categorias*). Na última fase apresenta-se uma compreensão do fenômeno investigado, a partir dos dados organizados na matriz nomotética (*Construção dos Resultados*). Todo esse movimento é o que será apresentado a seguir.

2.5. Compreendendo e identificando

Dando início ao movimento em busca da construção dos resultados, apresentaremos a seguir, as *unidades de significado* e as *reduções fenomenológicas* dos registros dos diários de campo¹⁴.

2.6 Redução Fenomenológica

2.6.1 Diário de Campo I (DCI)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
Perguntei então como estavam acontecendo os encontros e elas me disseram que iam espontaneamente ao local às segundas e quartas para realizarem caminhadas e alguns alongamentos, afinal não é porque não havia um professor que elas iriam abandonar as atividades, embora estivesse fazendo bastante falta pois elas caminhavam e faziam apenas alguns alongamentos, sem saber ao certo se estava correto o que faziam, porém para elas era importante ¹	Mesmo na ausência de um professor continuar indo ao espaço para se encontrar era de grande importância para nós ¹
Conversamos um pouco mais e elas se sentiram importantes em participar de um trabalho que virá a se tornar um trabalho escrito. Débora sempre presente comentava com sua irmã: Flor do Campo como isso pode melhorar a quadra aqui prá nós? Flor do Campo respondeu que não sabia, mas que achava que isso seria bom para elas, afinal era uma forma de mostrar a situação do espaço	A participação num trabalho de pesquisa seria uma forma de mostrar a situação do espaço para outras pessoas. ²

¹⁴ Os diários de campo em sua íntegra serão apresentados nos anexos.

<p>para outras pessoas. As conversas que se seguiram nesse primeiro contato estavam cercadas de olhares apreensivos e desconfiados.²</p>	
<p>Ester disse que o grupo se mantinha ali em grande parte por minha causa pois o tempo que estivemos juntos foi muito importante para elas. Podiam fazer atividades, mas que o mais legal eram as conversas, os desabafos e o carinho e afeto que recebiam umas das outras. Disse a elas que realmente sempre foi assim e que isso fazia muito bem e que era um ponto importante para elas pois o compartilhar hoje em dia é algo muito raro.³</p>	<p>O mais importante eram as conversas, os desabafos e o carinho e afeto que recebiam umas das outras e que isso lhes fazia bem³</p>
<p>Um incidente também marcou esse nosso primeiro encontro, já próximo ao final da aula alguns meninos que estavam do lado de fora da quadra, aguardando o final para jogar, entraram rapidamente e sentaram nos bancos. Curiosas elas ficaram se entreolhando sem entender. Pouco depois ouviu-se um estampido, achávamos que era uma bomba, porém logo em seguida mais cinco foram ouvidos. Assustados todos foram próximos ao portão com cuidado onde nos deparamos com um policial que estava atirando em direção ao matagal nos fundos da quadra. Elas ficaram assustadas, e decidiram ir embora juntas. Tentei acalmá-las e pedi que esperassem, porém, Raquel rezando disse que preferia ir embora, solidariamente todo o grupo saiu junto apreensivo e receoso, porém solidário a colega.⁴</p>	<p>Ouviu-se um estampido, achávamos que fosse uma bomba e logo em seguida mais cinco. Fomos ao portão e nos deparamos com um policial atirando em direção ao matagal. Ficaram assustadas e resolveram ir embora.⁴</p>
<p>Lentamente nos retiramos do local, os meninos que haviam entrado se colocaram entre as mulheres e juntos também deixaram o local. Elas estavam indignadas. Bela disse que fazem isso só na periferia vê se nos bairros onde mora gente do dinheiro eles fazem esse tipo de coisa.⁵</p>	<p>Fazem isso só na periferia, vê se nos bairros onde mora gente do dinheiro eles fazem esse tipo de coisa.⁵</p>
<p>Juliana irritada dizia em voz baixa: Ao invés de prenderem ladrão ficam aí assustando a gente. Débora concordou comentando que nos colocaram em perigo pois ele atirou num local onde várias crianças brincam.⁶</p>	<p>Colocaram em perigo as crianças que brincam no local para demonstrar poder ao invés de irem prender os verdadeiros ladrões.⁶</p>
<p>Notei que como águias que protegem suas crias elas se colocaram ao redor dos meninos e protegendo-os subiram a rua e os deixaram em segurança. Percebi que o cuidado com o outro é inclusive com aqueles que são do</p>	<p>Colocaram-se ao redor dos meninos e protegendo-os subiram e os deixaram em segurança. O cuidado com o outro é muito presente dentro da comunidade.⁷</p>

bairro é algo muito presente e importante para elas dentro da comunidade ⁷	
---	--

2.6.2 Diário de Campo II (DCII)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
Fátima trouxe para as demais uma receita de repelente caseiro e perguntou-me se eu poderia tirar cópia para todas. As demais participantes ficaram curiosas sobre a receita que é basicamente formada por cravo da índia e álcool. Ficaram questionando como utilizar e se realmente era eficaz. Fátima disse que sim e que se utiliza passando o líquido no corpo, evitando picadas, pois o odor repele os mosquitos da dengue ¹	Trouxe para as demais uma receita de repelente caseiro e perguntou-me se poderia tirar cópia para que todas tivessem acesso. ¹
Percebi então que todo o cuidado e atenção que estavam lhe dedicando era uma forma de coloca-la para cima, para compensar um pouco todo o sofrimento que passou. Débora sempre alegre procurou o tempo todo da conversa e durante a aula falar de coisas agradáveis e palavras de positividade. ²	Todo o cuidado e atenção que lhe estavam dedicando era uma forma de coloca-la para cima, para compensar o sofrimento que passou. ²
Elas aproveitaram a conversa para mostrar que estão inquietas com a nova infestação de pombas na quadra e que devido a isso o chão está acumulando as fezes desses pombos e que podem prejudicar a saúde de todos ali, principalmente das crianças. ³	Estão inquietas com a infestação de pombas pois o acúmulo de fezes pode prejudicar a saúde de todos ali, principalmente das crianças. ³
Juliana pediu para que se realizasse algum exercício para o bumbum, pois achava que o dela está meio caído. As demais deram risada, mas comentaram que isso é bom, afinal para as mulheres o que mais preocupa é ficar com o bumbum caído e os braços moles. ⁴	Pediu para que se realizasse algum exercício para o bumbum, pois achava que o dela está meio caído e para as mulheres o que mais preocupa é ficar com o bumbum caído e os braços moles. ⁴
Débora chamou sua atenção dizendo que isso não é bom pois além de prejudicar o corpo ela perdeu uma noite inteira de sono correndo o risco de se machucar na máquina de costura ⁵	Chamou sua atenção dizendo que isso não é bom pois além de prejudicar o corpo ela perdeu uma noite inteira de sono correndo o risco de se machucar na máquina de costura. ⁵
Os momentos das atividades são levados muito a sério por elas, mas com bastante alegria e descontração, Raquel que tem um jeito sério quando se junta com Juliana fazem piadas, dão risadas e ficam vermelhas com algumas besteiras que soltam para o grupo, e segundo elas isso muito bom para a saúde e o espírito delas pois no dia a dia não tem tempo para se divertirem. ⁶	Raquel e Juliana quando se juntam fazem piadas, dão risadas e ficam vermelhas com algumas besteiras que soltam para o grupo, o que segundo elas é muito bom para a saúde e o espírito, pois no dia a dia não tem tempo para se divertirem. ⁶

Fátima reforçou o pedido para que eu traga a receita do repelente para todas e que todas se cuidem, pois, a dengue é uma doença muito séria. ⁷	Reforça o pedido da receita do repelente e que todas se cuidem, pois, a dengue é uma doença muito séria. ⁷
Isabel que chegou um pouco atrasada comentou que demorou em chegar porque estava no médico cuidando de um “esporão” (calcaneodinia) no pé direito e da coluna lombar que a estão incomodando muito, ela acha que pode ser devido ao longo período que carregou seu filho para fisioterapias (Isabel tem um filho que ficou parapléxico aos 15 anos, porém devido a sua persistência e determinação hoje já com 30 anos, seu filho embora com algumas limitações voltou a andar). ⁸	Estava no médico cuidando de um “esporão” (calcaneodinia) no pé direito e da coluna lombar que a estão incomodando muito, ela acha que pode ser devido ao longo período que carregou seu filho para fisioterapias. ⁸
Comentou que mesmo com dor não falta aos encontros pois esse é um horário o qual reserva para ela, pois no convívio com as colegas consegue se sentir bem, pode falar e ser ouvida e trocar ideias e informações. ⁹	Mesmo com dor não falta aos encontros já que esse é um horário o qual reserva para ela e no convívio com as colegas consegue se sentir bem, pode falar e ser ouvida e trocar ideias e informações. ⁹
Ao final do encontro decidiram pedir se seria possível realizar atividades com colchonete, combinando com todas para trazerem seus colchonetes. ¹⁰	Decidiram pedir se seria possível realizar atividades com colchonete, combinando com todas para trazerem seus colchonetes. ¹⁰
Como sempre se despediram de forma muito carinhosa com abraços e muitos beijos e pedindo a Deus que cuidasse de todas, cobrando que na quarta ninguém faltasse ao encontro. ¹¹	Se despediram de forma muito carinhosa com abraços e muitos beijos e pedindo a Deus que cuidasse de todas, cobrando que na quarta ninguém faltasse ao encontro. ¹¹

2.6.3 Diário de Campo III (DCIII)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
Comentaram sobre Tita que ficaria afastada uns dias devido a uma cirurgia de catarata, mas o que as estava deixando preocupadas é que além da cirurgia ficaram sabendo que Tita havia contraído dengue e devido a sua idade e constituição física, que segundo Flor do Campo “é bem fraquinha e que poderia ficar bem ruinzinha”. As demais se solidarizaram e combinaram que depois da aula iriam fazer uma visita a Tita. ¹	A grande preocupação do grupo é que além da cirurgia ficaram sabendo que Tita havia contraído dengue o que levou a combinarem que depois da aula iriam fazer uma visita a Tita. ¹

<p>Fátima veio me cobrar sobre a cópia das receitas caseiras que elas haviam passado, argumentei que havia deixado para tirar xerox, porém o atendente da Secretaria Municipal de Esportes não teve tempo para tirar as cópias, mas me prometeu que para a próxima aula estaria com as cópias feitas.²</p>	<p>Veio me cobrar sobre a cópia das receitas caseiras que elas haviam passado.²</p>
<p>Elas entenderam e pediram para acrescentar uma receita de álcool, iodo, cânfora e arnica que haviam comentado ser muito boa para tirar dor nas pernas. Raquel que sugeriu a receita disse que sempre que tem dores nas pernas usa essa mistura e que é muito boa para relaxar.³</p>	<p>Pediram para acrescentar uma receita sugerida por Raquel que usa sempre que tem dores nas pernas e é muito boa para relaxar.³</p>
<p>Juliana chegou, ela que é sempre brincalhona disse que estava um pouco chateada porque seu vizinho havia provocado um acidente de carro ao entrar na garagem e atropelou sua mulher prensando-a na parede e ela estava bem incomodada com essa situação. As demais tentaram lhe animar um pouco, mas notei que isso a deixou bem apreensiva.⁴</p>	<p>O fato do vizinho ter atropelado a mulher, incomodava Juliana e o grupo de uniu para tentar lhe animar.⁴</p>
<p>Durante a caminhada Débora, Flor do Campo e Thelma, cobraram das demais colegas o colchonete, visto que só elas haviam trazido e que elas haviam combinado que todas trariam, assim ficou acertado ao final do nosso encontro que na próxima segunda todas trariam e que deveriam no fim de semana lembrar a todas que se encontrassem para reforçar a lembrança.⁵</p>	<p>Cobraram das demais colegas os colchonetes, pois haviam combinado que todas trariam.⁵</p>
<p>elas comentaram notícias que ouviram no rádio sobre o abandono da cidade por parte do prefeito e que a culpa dessa epidemia se deve em grande parte a esse descaso do prefeito que preferiu em fevereiro fazer carnaval ao invés de investir na prevenção da dengue⁶</p>	<p>Questionam a situação da cidade e a relação desse fato com o carnaval⁶</p>
<p>Ao final das atividades, realizamos alongamentos para as pernas, braços, tríceps, laterais e elas se despediram com beijos e abraços desejando um bom resto de semana e fim de semana, pois muitas só vão se encontrar novamente na próxima segunda feira, mas que não se esquecessem do combinado sobre o colchonete.⁷</p>	<p>Se despediram com beijos e abraços desejando um bom resto de semana e fim de semana, pois muitas só vão se encontrar novamente na próxima segunda feira.⁷</p>

2.6.4 Diário de Campo IV (DCIV)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
Quando entrei na quadra, já se encontravam ali dez alunas conversando com Adriana a responsável pelo local, questionando de onde havia vindo tanto lixo que estava jogado ali. ¹	Questionam qual seria o motivo de tanto lixo jogado defronte a quadra ¹
Outra queixa das alunas, aproveitando que Adriana estava com tempo foi sobre o corte do mato ao lado de toda a quadra, mato esse que já gerava o aparecimento de aranhas, escorpiões e Juliana, que mora em frente à quadra disse ter visto sair uma cobra dos fundos do ginásio. ²	Reinvidicação sobre o corte do mato ao lado de toda a quadra, mato esse que já gerava o aparecimento de aranhas, escorpiões e cobras. ²
Elas antes de qualquer atividade, me perguntaram sobre as receitas que eu havia combinado de trazer, falei para elas que ao final do encontro entregaria, pois assim não correriam o risco de sujar as folhas. ³	Me perguntaram sobre as receitas que eu havia combinado de trazer. ³
Ao passarmos para os exercícios, pudemos realizar os mesmos deitados, afinal elas se lembraram de trazer seus colchonetes, o que contentou grande parte do grupo, em especial as que haviam proposto o combinado. ⁴	O grupo estava contente pois todas lembraram de trazer seus colchonetes, cumprindo assim o combinado. ⁴
Durante a execução das atividades Fátima Flor do Campo e Débora comentaram que ainda não tinham tido tempo de visitar Tita, mas que sem falta iriam até a casa dela, tiveram notícias de uma vizinha dela que ela ficou bem debilitada e que teve que ir várias vezes a “tenda” (local improvisado pela Secretaria da Saúde para atendimento exclusivo dos pacientes de dengue) para tomar soro. ⁵	Ainda não tinham tido tempo de visitar Tita, mas que sem falta iriam até a casa dela, afinal haviam combinado isso. ⁵
Flor do campo comenta que se sente um pouco isolada no bairro pois tem poucas opções de lazer, Esmeralda diz que é bobagem pois o bairro está repleto de coisas que ela pode fazer. ⁶	Se sente um pouco isolada no bairro pois tem poucas opções de lazer ⁶
Ao final das atividades realizamos alongamentos para braços, pernas, laterais e cervical e entreguei as apostilas, lemos juntos e descobrimos que Juliana realmente não saber ler, assim explicamos juntos, como deveriam ser feitas as fórmulas para que ela entendesse como fazer o repelente e a mistura para dor nas pernas. Fátima disse que caso ela	Constatamos que Juliana realmente não saber ler, Fátima disse que caso ela tivesse alguma dúvida para ir à casa dela que ela ajudaria a fazer as receitas. ⁷

tivesse alguma dúvida para ir à casa dela que ela ajudaria a fazer as receitas. ⁷	
--	--

2.6.5 Diário de Campo V (DCV)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
Devido ao adiantado da hora já era mais de dezessete e cinco iniciamos os alongamentos. ¹	Já eram mais de dezessete e cinco iniciamos os alongamentos. ¹
Durante a caminhada elas aproveitaram para comentar novamente sobre o lixo que vem se acumulando nas ruas próximas e a preocupação com doenças como leptospirose devido aos ratos, escorpiões claro a dengue. ²	Comentam novamente sobre o lixo que vem se acumulando nas ruas próximas ao espaço e as consequências disso. ²
Outra preocupação que vem afligindo os moradores do bairro é que tem aumentado muito o número de barracos na rua que desce da quadra. Elas estão bastante preocupadas. Isabel que mora próximo ao local disse que os moradores têm roubado energia dos fios, o famoso gato, e que outro dia viu um adolescente escalando o poste para pendurar um fio na rede e que se ele tomasse um choque poderia ser perigoso. Juliana alertou que não tinha certeza mas acha que viu um dos moradores fazendo uma ligação clandestina nos canos de água da própria quadra para levar água para o barraco. ³	Com o aumento do número de barracos na rua que desce da quadra apareceram acontecimentos como roubo de energia dos fios, e ligação clandestina nos canos de água. ³
Discutimos bastante a questão levando em consideração que existe um grupo que ajuda a tomar conta do local, chegamos a um consenso de que por mais que eles estejam se aproximando, a quadra é um local seguro e privilegiado pois atende o dia todo moradores do bairro e é respeitada por toda a comunidade. ⁴	Existe um grupo que ajuda a tomar conta do local, assim a quadra é um local seguro e privilegiado pois atende o dia todo moradores do bairro e é respeitada por toda a comunidade. ⁴
Para Juliana, “lazer é uma forma que ela tem de poder encontrar com minhas amigas e conversa, caminha e bate papo. É um tempo só pra mim. ⁵	Lazer é uma forma que ela tem de poder encontrar com minhas amigas e conversar, caminhar e bate papo. É um tempo só pra mim. ⁵
Isabel que concordou com Juliana diz que para ela além disso acha que “fazer meus bolinhos e passear no Lago Azul onde fico sentada olhando o povo caminhar e as vezes até caminho junto e uso os aparelhos de ginástica do Lago” é lazer. ⁶	Além disso acha que “fazer meus bolinhos e passear no Lago Azul onde fico sentada olhando o povo caminhar e as vezes até caminho junto e uso os aparelhos de ginástica do Lago” é lazer. ⁶

<p>O Lago Azul não seria um tanto longe para elas, mas Fátima e Débora responderam que acham que não muito, pois quando tem disponibilidade de tempo costumam ir até lá, porém para as demais concordaram que fica bem fora de mão.⁷</p>	<p>O Lago Azul fica bem fora de mão.⁷</p>
<p>Fátima, lazer é descer na quadra e conversar e ver as crianças treinando. Ela diz que “curte muito assistir os treinos dos meninos e que tem netos que frequentam o local”. Porém conversou com o marido e ele acha que lazer “é jogar futebol e ir pescar de domingo, tomar cerveja com os amigos depois do trabalho, (segundo ela ritual sagrado do marido)”, afinal já trabalha muito a semana toda.⁸</p>	<p>Lazer é descer na quadra e conversar e ver as crianças treinando, para o marido “é jogar futebol e ir pescar de domingo, tomar cerveja com os amigos depois do trabalho.”⁸</p>
<p>Raquel opinou que lazer para ela é “estar com a família, os amigos, é poder estar junto com as pessoas com as quais me sinto bem, é poder ir junto na quadra, fazer passeios, ir às compras.”⁹</p>	<p>Lazer é “estar com a família, os amigos, é poder estar junto com as pessoas com as quais me sinto bem, é poder ir junto na quadra, fazer passeios, ir às compras.”⁹</p>
<p>Flor do Campo disse que tem como lazer “fazer aula e cuidar da minha hortinha que tenho no fundo do quintal da minha casa. Outro dia pinte a casa inteira acho que para mim também foi lazer, pois me diverti muito.”¹⁰</p>	<p>Lazer é fazer aula e cuidar da minha hortinha que tenho no fundo do quintal da minha casa. Outro dia pinte a casa inteira acho que para mim também foi lazer, pois me diverti muito.¹⁰</p>
<p>Débora a mais idosa do grupo disse que para ela “lazer é quando sai passear, fazer aula na quadra e está com as amigas pois os netos já estão grandes e não ligam mais para ela.”¹¹</p>	<p>Lazer é quando sai passear, fazer aula na quadra e está com as amigas pois os netos já estão grandes e não ligam mais para ela.¹¹</p>
<p>Isabel disse “ Fio pra mim lazer é quando reúno todos meus netos em casa e passo o dia com a família inteira e quando estou aqui.”¹²</p>	<p>Lazer é quando reúno todos meus netos em casa e passo o dia com a família inteira e quando estou aqui.¹²</p>
<p>Elas comentaram que Fátima, Flor do Campo e Débora, foram visitar Tita que está em fase de recuperação da dengue. Elas ficaram bem animadas pois Tita disse que está bem melhor, porém com muita fraqueza, mas que ficou muito feliz com a visita das amigas e que também retribuía o beijo que eu havia mandado para ela.¹³</p>	<p>Fátima, Flor do Campo e Débora, foram visitar Tita que ficou muito feliz com a visita das amigas.¹³</p>
<p>Fátima disse que passou a receita de uma sopa que ajuda a recuperar rápido esse mal-estar. Thelma que está se levantando de grandes adversidades comentou que sua vizinha tomou sopa de inhame e que ajudou bastante a se recuperar dos sintomas da dengue.¹⁴</p>	<p>Passou a receita de uma sopa que ajuda a recuperar rápido esse mal-estar.¹⁴</p>

<p>Elas fizeram as atividades mais motivadas, talvez incentivadas pela limpeza do espaço e aproveitando que o professor de handebol havia desenhado retângulos no chão elas brincaram de pular amarelinha, pareciam crianças se divertindo. ¹⁵</p>	<p>Incentivadas pela limpeza do espaço e aproveitando que o professor de handebol havia desenhado retângulos no chão elas brincaram de pular amarelinha, pareciam crianças se divertindo. ¹⁵</p>
<p>Débora a mais idosa do grupo, agradeceu em nome de todas a limpeza do espaço e que se fosse necessário em algumas ocasiões elas poderiam ajudar nessa limpeza, afinal é para o benefício delas mesmas, as demais reforçaram essa sugestão e o agradecimento e com muitos beijos e abraços o grupo se despediu. ¹⁶</p>	<p>Elas poderiam ajudar nessa limpeza, do espaço, afinal é para o benefício delas mesmas. ¹⁶</p>

2.6.6 Diário de Campo VI (DCVI)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
<p>As conversas que pude observar giravam em torno da manifestação que havia ocorrido no domingo dia 15. Uma preocupação de Flor do Campo era se as colegas achavam que poderia haver alguma coisa que as afetasse devido a essas manifestações. Débora a mais experiente do grupo, irmã de Flor do Campo disse a mim que ela era boba, onde já se viu um problema lá em Brasília atrapalhar a quadra, a Dilma nem sabe que elas existem e que ela achava que não teriam problemas com isso, afinal a manifestação foi longe, lá em Brasília e São Paulo, porém Raquel lembrou que não era bem assim, que houve também manifestação em Rio Claro e que inclusive seu neto participou. As demais ficaram um pouco receosas e não tinham certeza se realmente haveria algum problema para elas. ¹</p>	<p>As manifestações geraram preocupação e questionada uma delas responde que onde já se viu um problema lá em Brasília atrapalhar a quadra, a Dilma nem sabe que elas existem, porém não tinham certeza se realmente haveria algum problema para elas. ¹</p>
<p>Devido à polêmica do tema e o fim das atividades do handebol, sugeri darmos continuidade à conversa durante a aula, afinal elas cobram que os horários sejam cumpridos. ²</p>	<p>Sugerem a continuidade da conversa durante a aula, afinal elas cobram que os horários sejam cumpridos. ²</p>
<p>Mirian reclamou bastante para realizar os movimentos, ela disse que estava com bastante dor, pois havia feito uma faxina de derrubar a casa no dia anterior e que hoje estava bem dolorida. ³</p>	<p>Reclamou bastante para realizar os movimentos, ela disse que estava com bastante dor, pois havia feito uma faxina de derrubar a casa no dia anterior. ³</p>
<p>Iniciamos a caminhada e Thelma retomou as conversas sobre as manifestações, ela estava apreensiva, pois ouviu dizer que a Dilma ia</p>	<p>Ouviu dizer que a Dilma ia mexer na aposentadoria e na poupança das pessoas, e que já tinha feito mudanças na lei sobre a</p>

<p>mexer na aposentadoria e na poupança das pessoas, e que ela já tinha feito mudanças na lei sobre a pensão. Flor do Campo pede um aparte e reclama também sobre as mudanças no seguro desemprego e que isso iria prejudicar muitos trabalhadores. Isabel retruca que isso aconteceu porque muitos trabalhadores estavam abusando desse seguro e que para ela foi certo o que aconteceu. E comentou que para ela não é só culpa da Dilma ou do PT, que ela leu num jornal que esses problemas de corrupção já vêm de longa data, mas que só agora foram descobertos. Bela, Fátima e Esmeralda concordaram com ela, e disseram que na política infelizmente é sempre assim eles começam como santos e depois de eleitos viram a casaca para o povo. ⁴</p>	<p>pensão, mudanças no seguro desemprego e que isso iria prejudicar muitos trabalhadores. Interpelam que isso aconteceu porque muitos trabalhadores estavam abusando desse seguro e que para ela foi certo o que aconteceu. E comentou que para ela não é só culpa da Dilma ou do PT, que ela leu num jornal que esses problemas de corrupção já vêm de longa data, mas que só agora foram descobertos. Na política infelizmente é sempre assim eles começam como santos e depois de eleitos viram a casaca para o povo. ⁴</p>
<p>Enquanto fazíamos as atividades localizadas, retomou-se o assunto que tem sido a tônica de nossos encontros, o grande número de casos de dengue que estão assolando a cidade e que no bairro como elas já haviam comentado anteriormente cresceu muito o número de casos esta semana. Elas acham que o número crescente de barracos é um dos motivadores do acúmulo de sujeira. Fátima complementa que a maior preocupação para ela continua sendo a grande quantidade de lixo que eles estão jogando na rua e que não adianta nada elas cuidarem das casas se esse lixo todo permanecer ali como criadouro do mosquito. ⁵</p>	<p>O número crescente de barracos é um dos motivadores do acúmulo de sujeira. E devido à grande quantidade de lixo que eles estão jogando na rua, de nada adianta elas cuidarem das casas se esse lixo todo permanece ali como criadouro do mosquito. ⁵</p>
<p>Elas estavam preocupadas também se a prefeitura vai reformar as telas de proteção lateral do espaço pois está tendo um aumento do número de pombos no local o que prejudica bastante a higiene e_a saúde no local. ⁶</p>	<p>Apresentam inquietação sobre a reforma das telas de proteção pelo risco à saúde provocado pelas fezes de pombos. ⁶</p>
<p>Elas perguntaram qual minha opinião sobre as manifestações, eu disse que toda reivindicação realizada de forma pacífica e organizada faz parte da democracia, nesse momento Fátima faz um aparte de que fazia muitos anos que havia visto isso acontecer, mas que não podiam se manifestar pois quando era jovem os militares não permitiam que se falasse nada nas ruas. Comentou ainda que as pessoas que falam da volta do militarismo são as pessoas que não passaram as dificuldades daquela época, foram tempos bem duros com muito medo nas ruas principalmente em São Paulo onde eu morava. As demais ouviram e concordaram com ela</p>	<p>Sobre as manifestações Fátima faz um aparte de que fazia muitos anos que havia visto isso acontecer, mas que não podiam se manifestar pois quando era jovem os militares não permitiam que se falasse nada nas ruas e que as pessoas que falam da volta do militarismo são as pessoas que não passaram as dificuldades daquela época, foram tempos bem duros com muito medo nas ruas principalmente em São Paulo onde morava. ⁷</p>

<p>afinal disseram ter sentido na pele as consequências do militarismo. Essa concordância acredito se deva a que a maioria está dentro de uma faixa etária aproximada, Bela que é mais nova não chegou a vivenciar o militarismo, mas disse que também concordava afinal pelo que havia estudado o militarismo não foi uma boa época para o país.⁷</p>	
<p>Conversamos ainda sobre os possíveis locais para lazer que o bairro proporciona, todas foram categóricas em afirmar que para elas o único espaço que consideram de lazer no bairro é a quadra, pois os outros locais como o lago Azul que algumas já haviam dito ser uma opção e o Centro Social João Rehder ficam muito fora de mão para elas e não pertencem ao bairro.⁸</p>	<p>Afirmam que para elas o único espaço que consideram de lazer no bairro é a quadra, pois os outros locais como o lago Azul que algumas já haviam dito ser uma opção e o Centro Social João Rehder ficam muito fora de mão para elas e não pertencem ao bairro.⁸</p>
<p>Reclamaram que poderiam colocar uma academia ao ar livre ao lado da quadra, mas que como é bairro afastado acham difícil pois tudo que é colocado acaba sendo abandonado e se deteriora, segundo Flor do Campo “mal da periferia”.⁹</p>	<p>Como é bairro afastado acham difícil pois tudo que é colocado acaba sendo abandonado e se deteriora, segundo Flor do Campo “mal da periferia”.⁹</p>
<p>Comentei sobre o campo de futebol que existe no bairro, elas comentaram que é um espaço de lazer, mas somente para os homens que se reúnem aos finais de semana para jogar, beber e assistir futebol na TV, e que durante a semana vive trancado. Thelma disse que passa por lá e que durante a semana os manos invadem o espaço para utilizar drogas, afastando assim as pessoas do local. Esmeralda complementa que antes há muito tempo o local onde ficavam era a quadra, mas depois que passaram a ter atividades diárias ali os manos saíram para o campo de futebol.¹⁰</p>	<p>O campo de futebol é um espaço de lazer, mas somente para os homens que se reúnem aos finais de semana para jogar, beber e assistir futebol na TV, e que durante a semana vive trancado, e os “manos” invadem o espaço para utilizar drogas, afastando assim as pessoas do local. Antes eles ficavam aqui na quadra, mas depois que passaram a ter atividades diárias eles saíram para o campo de futebol.¹</p>

2.6.7 Diário de Campo VII (DCVII)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
<p>Quando eram quase quinze horas, caiu uma chuva que parecia que o céu ia desabar, fiquei, preocupado, pois as alunas sabem que quando há uma chuva muito forte a quadra fica alagada, porém sempre uma ou outra comparece. Fui até a quadra esperando que poucas alunas iriam comparecer, porém só Raquel veio, conversou um pouco sobre como</p>	<p>É ruim quando chove, pois, a quadra fica alagada e só nos resta um espacinho no meio dela para execução de alguma atividade, além disso Raquel explica que a maioria não vem porque é praticamente impossível atravessar as ruas de baixo devido a enxurrada muito forte e que quando chove assim se acumula muito lixo nos quarteirões próximos a quadra.</p>

<p>é ruim quando chove, pois, a quadra fica alagada e só nos resta um espacinho no meio dela para execução de alguma atividade, além disso Raquel explica que a maioria não vem porque é praticamente impossível atravessar as ruas de baixo devido a enxurrada muito forte. Concordei com ela pois tentei vir até a quadra cortando caminho pelo bairro Santa Elisa, porém um córrego que passa nesse bairro havia enchido e parecia um rio, forçando-me a retornar e fazer um caminho bem mais longo. Ela comentou que está preocupada pois quando chove assim se acumula muito lixo nos quarteirões próximos a quadra e com esse surto de dengue ela nem imagina o que vai ser. ¹</p>	<p>¹</p>
<p>Ela lembrou que há muitos anos (especificamente 2005) foi contratada uma prestadora de serviços para construir uma canaleta na volta toda da quadra para escoamento de água de limpeza e chuva, porém a empreiteira terminou o serviço de manutenção do espaço sem sequer iniciar essa melhoria. ²</p>	<p>Questionam sobre serviços contratados e não executados por uma empreiteira para melhoria do espaço. ²</p>

2.6.8 Diário de Campo VIII (DCVIII)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
<p>Cheguei à quadra com alguns minutos de atraso devido a uma reunião convocada pelo secretário de esportes de última hora. Quando cheguei com cerca de oito minutos de atraso, já estavam no espaço dez meninas realizando caminhada, perguntei como tinham se organizado e Débora disse que como eu não havia dito que não iria ela tinha certeza que eu estava chegando, mas que como horário é horário, assim que deu dezessete e cinco pediu as meninas que iniciassem um alongamento. ¹</p>	<p>Cheguei com certo atraso, e elas já estavam realizando caminhada, perguntei como tinham se organizado e Débora disse que como eu não havia dito que não iria ela tinha certeza que eu estava chegando, mas que como horário é horário, assim que deu dezessete e cinco pediu as meninas que iniciassem um alongamento. ¹</p>
<p>Mirian disse que seu vizinho teve grandes problemas pois a chuva destelhou parte de sua casa e que ele teve bastante prejuízo e que esse prejuízo só não foi maior porque ela e sua menina junto com mais dois vizinhos de frente ajudaram a tirar as coisas da casa. ²</p>	<p>A chuva destelhou parte de sua casa e que ele teve bastante prejuízo e que esse prejuízo só não foi maior porque ela e sua menina junto com mais dois vizinhos de frente ajudaram a tirar as coisas da casa. ²</p>
<p>Raquel, que notou a ausência de Juliana na aula, pediu notícias sobre o marido dela, afinal desde que ficou sabendo do acidente dele não viu mais a Juliana. Débora e Bela</p>	<p>Precisou fazer cirurgia no pé e que estava indo todo dia ao médico para fazer curativos, sendo Juliana com a ajuda de um vizinho que tem carro que estavam nesse leva e traz. ³</p>

<p>disseram para Raquel que ele estava melhor, mas que precisou fazer cirurgia no pé e que estava indo todo dia ao médico para fazer curativos, sendo Juliana com a ajuda de um vizinho que tem carro que estavam nesse leva e traz. ³</p>	
<p>Isabel comenta que está preocupada com “meu véio” forma carinhosa como chama seu marido pois ele está com muitas dores no corpo e enjoado, ela está com medo que seja dengue. Thelma e Débora disseram a ela que de bastante água para ele, independentemente de ser ou não dengue, pois caso seja a água vai ajudar ele a não ficar muito ruim. ⁴</p>	<p>Isabel comenta que está preocupada com a saúde de seu marido. Thelma e Débora disseram para ela dar bastante água para ele independente de ser ou não dengue. ⁴</p>
<p>Perguntei onde elas ouviram falar da importância da hidratação elas comentaram que no programa do “Jugurta” (nome de um radialista da cidade) estão falando a todo o momento sobre a importância de se tomar muito líquido e se evitar comidas de difícil digestão. ⁵</p>	<p>De onde elas receberam informação da importância da hidratação elas comentaram que no programa do “Jugurta” (nome de um radialista da cidade) estão falando a todo o momento sobre a importância de se tomar muito líquido e se evitar comidas de difícil digestão. ⁵</p>

2.6.9 Diário de Campo IX (DCIX)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
<p>Thelma reclamou dizendo estava com bastante dor no braço, atribuiu essa dor devido a uma limpeza mais pesada que fez em sua casa. Isabel estava ainda em alerta com seu marido, pois até o momento não sabia se era ou não dengue. ¹</p>	<p>Reclamou dizendo estava com bastante dor no braço, atribuiu essa dor devido a uma limpeza mais pesada que fez em sua casa. ¹</p>
<p>Quando começamos a caminhar notei que todas as alunas ficaram bem interessadas, então coloquei a elas que havia passado na tv uma matéria que o Instituto Butantã estava cadastrando voluntários para testar a vacina da dengue em caráter emergencial e que só em 2016 ela seria disponibilizada para a população. ²</p>	<p>Notei que todas ficaram bem interessadas, então coloquei a elas que havia passado na tv uma matéria que o Instituto Butantã estava cadastrando voluntários para testar a vacina da dengue em caráter emergencial e que só em 2016 ela seria disponibilizada para a população. ²</p>
<p>Flor do Campo disse que viu essa reportagem e que se é assim como podem estar vendendo vacina? Débora concorda e disse que achou muito estranho isso. Isabel disse que iria tomar mesmo assim, afinal se seu marido estiver mesmo com dengue ela corre o risco de pegar. Juliana que retornou hoje aos encontros e agora assumiu o papel de dona de casa e enfermeira está preocupada se seu</p>	<p>Questionam a venda da vacina e Débora concorda e que acha muito estranho isso. Isabel disse que iria tomar mesmo assim, afinal se seu marido estiver mesmo com dengue ela corre o risco de pegar. ³</p>

<p>marido vier a pegar dengue pois ele está bem debilitado devido ao problema no pé. Fátima comenta que vai tomar também pois não quer ficar como Tita que segundo ficou sabendo emagreceu e está fraca devido à dengue. ³</p>	
<p>Enquanto fazíamos os exercícios de pernas, braços e abdome, Bela comenta que está preocupada com sua filha Esmeralda, pois com toda a dificuldade que ela tem (Esmeralda é PCD – Pessoa Com Deficiência) se pegar dengue pode ser bem perigoso, todas concordaram e pediram que ela tome bastante cuidado. ⁴</p>	<p>Bela comenta que está preocupada com sua filha Esmeralda, pois com toda a dificuldade que ela tem (Esmeralda é PCD – Pessoa Com Deficiência) se pegar dengue pode ser bem perigoso, todas concordaram e pediram que ela tome bastante cuidado. ⁴</p>
<p>Aproveitei para perguntar o porquê elas tinham tido interesse em ir até o Horto, Mirian comentou que quase não sai do bairro e que essa chance de ir ao Horto seria uma forma de lazer. Fátima complementa que é forma de passar um dia diferente, longe dos problemas da casa e da rotina do bairro. Achei interessantes as respostas e fomentei para que todas procurassem ir ao passeio, pois seria uma experiência diferente para elas. Elas estavam empolgadas com a ideia, mas disseram depender de organizar suas atividades para irem ao passeio. ⁵</p>	<p>Mirian comentou que quase não sai do bairro e que essa chance de ir ao Horto seria uma forma de lazer. Fátima complementa que é forma de passar um dia diferente, longe dos problemas da casa e da rotina do bairro. ⁵</p>

2.6.10 Diário de Campo X (DCX)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
<p>Como já eram mais de 17:00 e os meninos do handebol já haviam saído elas foram iniciando, pois Isabel não abria mão de ir nos encontros, porém não pode demorar pois seu “véio” ainda não estava muito bom e agora que tinha sido confirmada a dengue ela precisava dar uma atenção maior para ele. ¹</p>	<p>Isabel não abria mão de ir nos encontros, porém não pode demorar pois seu “véio” ainda não estava muito bom e agora que tinha sido confirmada a dengue ela precisava dar uma atenção maior para ele. ¹</p>
<p>Débora e Flor do Campo disseram que pelo que ouviram falar que o espaço é muito bom, Flor do Campo disse até que dava para pescar lá e que se isso fosse verdade seria muito bom, pois ela gosta de pescar, mas faz muitos anos que não faz isso e embora o local seja dentro da cidade, para elas que moram no outro extremo fica muito fora de mão, por isso nunca foi ao Horto. ²</p>	<p>Flor do Campo disse até que dava para pescar lá e que se isso fosse verdade seria muito bom, pois ela gosta de pescar, mas faz muitos anos que não faz isso. ²</p>
<p>Durante os exercícios localizados a tônica das conversas era sobre o que poderiam fazer no</p>	<p>O que poderiam fazer no Horto, porém Raquel levanta a dúvida se esse passeio não seria</p>

<p>Horto, porém Raquel levanta a dúvida se esse passeio não seria perigoso devido ao surto de dengue. Fátima disse que achava que não, pois deve haver muito mosquito, mas que não deve ser da dengue. Como meu filho frequenta o Clube dos Cavaleiros que se localiza dentro do Horto, expliquei a elas que Fátima tinha razão, que existe uma grande quantidade de mosquitos no local, mas são mosquitos de mato. Expliquei também que é importante o uso do repelente, pois as muriçocas picam bem doído.³</p>	<p>perigoso devido ao surto de dengue.³</p>
<p>Juliana estava apreensiva, pois para poder ir teria que encontrar alguém para tomar conta do seu marido, ele estava em casa, porém com restrições devido à cirurgia no pé. Juliana comentou que falou para o médico sobre a diabetes como eu havia lhe dito, o médico disse ser um dado importante e que como a cirurgia foi emergencial eles nem haviam atentado para tal, mas que iria ter mais atenção com isso.⁴</p>	<p>Para poder ir teria que encontrar alguém para tomar conta do seu marido, ele estava em casa, porém com restrições devido à cirurgia no pé. Juliana comentou que falou para o médico sobre a diabetes como eu havia lhe dito, o médico disse ser um dado importante e que como a cirurgia foi emergencial eles nem haviam atentado para tal.⁴</p>
<p>Elas dialogavam sobre como se organizarem e que tentariam encontrar ajuda para que todas pudessem ir, assim se despediram com abraços e beijos cobrando que todas estejam presentes no próximo encontro.⁵</p>	<p>Elas dialogavam sobre como se organizarem e que tentariam encontrar ajuda para que todas pudessem ir, assim se despediram com abraços e beijos cobrando que todas estejam presentes no próximo encontro.⁵</p>

2.6.11 Diário de Campo XI (DCXI)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
<p>Isabel reclamou da correria, pois além de cuidar de seu filho (semi paraplégico) e seu marido com dengue, agora estava com dois netos em casa devido a nora também ter pego dengue e não ter como cuidar das crianças. Ela sempre de bom astral disse que é assim mesmo, que sabe que é importante sua ajuda e que não reclama, pois gosta muito quando está com os netos.¹</p>	<p>Isabel além de cuidar de seu filho (semi paraplégico) e seu marido com dengue, agora estava com dois netos em casa devido a nora também ter pego dengue e não ter como cuidar das crianças. Ela disse que sabe que é importante sua ajuda e gosta muito quando está com os netos.¹</p>
<p>Um dos meninos foi até Isabel e com um forte abraço e beijo a cumprimentou, era seu neto. Perguntei a elas o que achavam dessa relação dos alunos do handebol para com elas. Juliana respondeu que gosta bastante pois depois que começaram as aulas e os meninos começaram a treinar eles fazem menos bagunça, disse que seu vizinho parou de “atentar” e que agora está com outro comportamento na escola.²</p>	<p>Relação dos alunos do handebol para com elas. Juliana respondeu que gosta bastante pois depois que começaram as aulas e os meninos começaram a treinar eles fazem menos bagunça, disse que seu vizinho parou de “atentar” e que agora está com outro comportamento na escola.²</p>

segundo a mãe dele. ²	
Enquanto já iniciávamos os alongamentos Raquel disse que para ela foi muito bom isso, pois as crianças puderam sair da droga, seu vizinho que vivia na rua fumando com os colegas estava “outra criança” e que isso ajuda para melhorar a forma como o bairro é visto. ³	Raquel disse que para ela foi muito bom isso, pois as crianças puderam sair da droga, seu vizinho que vivia na rua fumando com os colegas estava “outra criança” e que isso ajuda para melhorar a forma como o bairro é visto. ³
Fátima lembrou a fala do Sr. Vicente, falecido há mais ou menos um mês, um dos moradores mais antigos e que morava defronte à quadra e que sempre lutou para a melhoria que dizia “moramos numa periferia se não lutarmos para melhorar nosso bairro e nosso espaço, ninguém fará isso por nós”. Concordamos com ela pois realmente “seu Vicente” como era carinhosamente chamado muitas vezes foi chamado de “véio chato”, louco, por chamar a atenção de alguns meninos e lutar por manter o espaço sempre em ordem e arrumado. ⁴	Moramos numa periferia se não lutarmos para melhorar nosso bairro e nosso espaço, ninguém fará isso por nós”. ⁴
Estávamos iniciando os alongamentos finais de braços e pernas quando passa pela quadra Tita, com aparência bem debilitada e cansada. As meninas se apressaram em terminar os alongamentos e foram todas ao encontro de Tita e abraçando-a fortemente queriam saber como ela estava se sentindo. ⁵	Foram todas ao encontro de Tita e abraçando-a fortemente queriam saber como ela estava se sentindo. ⁵
Isabel pediu licença para sair, pois estava com compromisso em casa, assim as demais ficaram um tempinho a mais com Tita dando conselhos sobre como recobrar as energias mais rapidamente, sobre cuidados pós dengue como repouso de exercícios físicos, evitar comidas pesadas e bebidas alcóolicas. Ela se emocionou com o carinho das colegas, veio agradecer minha preocupação com ela. Após se despediram como de costume com abraços e beijos e contentes por terem visto a colega já um pouco melhor. ⁶	Dando conselhos sobre como recobrar as energias mais rapidamente, sobre cuidados pós dengue como repouso de exercícios físicos, evitar comidas pesadas e bebidas alcóolicas. Ela se emocionou com o carinho das colegas e veio agradecer minha preocupação com ela. Após se despediram como de costume com abraços e beijos e contentes por terem visto a colega já um pouco melhor. ⁶

2.6.12 Diário de Campo XII (DCXII)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
Aproveitando o momento do alongamento e a euforia do passeio e que Flor do Campo disse que gosta muito de pescaria perguntei novamente a elas sobre os espaços de lazer que são oferecidos a elas. Raquel reafirma de	Raquel reafirma de pronto que o único espaço que ela vê para lazer no bairro é a quadra. ¹

pronto que o único espaço que ela vê para lazer no bairro é a quadra. ¹	
Juliana pergunta então, mas o que é lazer? Pedi às meninas que lhe dessem a resposta e que eu seria o último a me pronunciar Fátima responde que para ela “lazer é alguma coisa que fazemos quando não estamos trabalhando, por exemplo viajar” outras participantes concordaram com a fala dela e deram como exemplos passear, pescar, dançar. ²	Lazer é alguma coisa que fazemos quando não estamos trabalhando, por exemplo viajar, passear, pescar e dançar. ²
Enquanto caminhávamos me perguntaram se estava certo e eu disse que mais tarde iria me pronunciar. Já dentro das atividades localizadas Bela completa que a gente só tem a quadra porque o bairro é meio abandonado, moramos na periferia e os políticos só se lembram da gente quando é época de eleição. Se tivesse mais lazer para as crianças e para as famílias seria melhor, pois as crianças não mexeriam com droga ou roubo. ³	A gente só tem a quadra porque o bairro é meio abandonado, moramos na periferia e os políticos só se lembram da gente quando é época de eleição. Se tivesse mais lazer para as crianças e para as famílias seria melhor, pois as crianças não mexeriam com droga ou roubo. ³
Juliana e Isabel concordaram com ela e Débora complementa: moro aqui há muito tempo, gosto muito do bairro e tem mais coisa, lá em cima tem o campo de futebol, o irmão do Carlão (presidente da associação de moradores) tem uma chacinha que de vez em quando ele faz festa para as crianças. ⁴	Moro aqui há muito tempo, gosto muito do bairro e tem mais coisa, lá em cima tem o campo de futebol, o irmão do Carlão (presidente da associação de moradores) tem uma chacinha que de vez em quando ele faz festa para as crianças. ⁴
Raquel me pergunta se fazer um bolo seria lazer, ela disse: “fazer um bolo no fim da tarde para mim é lazer, é algo que eu gosto de fazer”. Nem todas concordaram que isso seria lazer, pois se assim fosse Débora disse que gosta de pintar a casa uma vez por ano então seria lazer? Ela achava que não, lazer seria passear no lago azul, viajar, pescar aí sim. ⁵	Fazer um bolo no fim da tarde para mim é lazer, é algo que eu gosto de fazer, Débora disse que gosta de pintar a casa uma vez por ano então seria lazer? Ela achava que não, lazer seria passear no lago azul, viajar, pescar aí sim. ⁵
Fiz uma pergunta marota ao grupo, perguntei se elas achavam que: jogar futebol seria lazer? Elas disseram rapidamente que sim então questionei, para o Neymar jogar futebol seria lazer ou trabalho? Elas se entreolharam e responderam que seria trabalho, Juliana perguntou se não podia ser os dois. ⁶	Jogar futebol seria lazer? Elas disseram rapidamente que sim então questionei, para o Neymar jogar futebol seria lazer ou trabalho? Elas se entreolharam e responderam que seria trabalho, Juliana perguntou se não podia ser os dois. ⁶
Não poderia caminhar nas calçadas do bairro? Elas concordaram que sim, mas justificaram a segurança de estar na quadra. ⁷	Caminhar nas calçadas do bairro? Elas concordaram que sim, mas justificaram a segurança de estar na quadra. ⁷
Fátima pergunta se assistir televisão entraria nisso pois seu marido adora ficar na frente da tevê e diz que isso lhe dá prazer e que só	Assistir televisão entraria nisso pois seu marido adora ficar na frente da tevê e diz que isso lhe dá prazer e que só muda sua rotina

muda sua rotina quando os netos estão em casa. ⁸	quando os netos estão em casa. ⁸
Elas disseram que se eu quisesse podia ir somente na próxima segunda e que elas caminhariam e fariam atividades sozinhas. ⁹	Elas disseram que se eu quisesse podia ir somente na próxima segunda e que elas caminhariam e fariam atividades sozinhas. ⁹

2.6.13 Diário de Campo XIII (DCXIII)

Unidade de significado	Redução fenomenológica
Finalmente pude retornar à quadra devido a ter contraído dengue. Faltavam ainda alguns minutos para as 17:00 e Débora, Flor do Campo, Fátima Juliana e Isabel já estavam no portão. Elas estavam ansiosas em me ver afinal, foram comunicadas de meu problema e várias vezes durante esses quinze dias me ligaram perguntando sobre minha saúde. ¹	Elas estavam ansiosas em me ver afinal, foram comunicadas de meu problema e várias vezes durante esses quinze dias me ligaram perguntando sobre minha saúde. ¹
Fátima me disse que no dia 13 ela reuniu as presentes Juliana, Bela, Esmeralda, Raquel, Débora, Isabel, Thelma e Flor do Campo (um total de nove alunas) e disse que enquanto eu não pudesse retornar, elas junto com Débora e Flor do Campo iriam direcionar alguns exercícios para que o grupo não ficasse sem atividades e que contava com a presença de todas, afinal todas tinham conhecimento de algum exercício que pudesse ser feito. ²	Todas junto com Débora e Flor do Campo iriam direcionar alguns exercícios para que o grupo não ficasse sem atividades e que contava com a presença de todas, afinal todas tinham conhecimento de algum exercício que pudesse ser feito. ²
Flor do Campo comentou que no encontro seguinte do dia 15, que contou com a presença de todas as alunas, ela iniciou realizando alongamentos e em seguida fez uma caminhada em torno de 15 minutos e a seguir realizou exercícios de “braço”, (pelo movimento demonstrado por ela foi realizado foi trabalhada a flexão e extensão do braço para bíceps e tríceps, depois disse que fez exercícios para o bumbum e abdominais, e para encerrar realizaram novamente os alongamentos). Ela conta que todas ajudaram a lembrar dos movimentos e as repetições e que uma corrigia a outra quando notavam algo diferente do que estavam acostumadas a fazer. ³	Flor do Campo, no encontro do dia 15, que contou com a presença de todas as mulheres, iniciou realizando alongamentos, fez uma caminhada em torno de 15 minutos e a seguir realizou exercícios de “braço”, (pelo movimento demonstrado por ela foi realizado foi trabalhada a flexão e extensão do braço para bíceps e tríceps, depois, fez exercícios para o bumbum e abdominais, e para encerrar realizaram novamente os alongamentos) Todas ajudaram a lembrar dos movimentos e as repetições e que uma corrigia a outra quando notavam algo diferente do que estavam acostumadas a fazer. ³
Flor do Campo disse que no dia 20 levou para	Levou para o grupo um texto que recebeu pela

<p>o grupo um texto que recebeu pela internet sobre qualidade de vida na melhor idade, assim com a presença de onze alunas ela propôs ao grupo realizarem alguns alongamentos e caminhada e em seguida fazerem a leitura desse texto e discutiram sobre ele. Com exceção de Raquel que segundo elas ficou emburrada com a proposta, mas ao ver que todas concordaram aceitou participar, todas gostaram da ideia e segundo Flor do Campo discutiram bastante sobre de que forma as atividades que elas realizam ali na quadra e em outros grupos, contribuem para a melhoria da qualidade de vida delas. Tita cita como exemplo o caso de Isabel que depois de um longo tempo tratando de uma calcaneodinia, comumente chamada “esporão” ao retornar as atividades vem sentindo melhora dia após dia, o que foi confirmado por ela. Outro exemplo que surgiu durante essa conversa foi o de Thelma que devido aos problemas familiares que enfrentou no final do ano passado e início deste ano, estava tomando uma quantidade considerável de remédios antidepressivos e que depois que retornou ao grupo, acha que não só as atividades físicas, mas o reencontro com as amigas e o carinho que recebe contribuiu para a redução da quantidade desses medicamentos. Flor do Campo disse que ficou muito contente com o que ouviu e que sugeriu que elas façam mais vezes essas atividades de leitura e conversa. ⁴</p>	<p>internet sobre qualidade de vida na melhor idade¹⁵, propôs ao grupo realizarem alguns alongamentos e caminhada e em seguida fazerem a leitura desse texto e discutiram sobre ele. Raquel ficou emburrada com a proposta, mas ao ver que todas concordaram aceitou participar. Discutiram bastante sobre de que forma as atividades que elas realizam ali na quadra e em outros grupos, contribuem para a melhoria da qualidade de vida delas. Tita cita como exemplo o caso de Isabel que depois de um longo tempo tratando de uma calcaneodinia, comumente chamada “esporão” ao retornar as atividades vem sentindo melhora dia após dia, o que foi confirmado por ela. Outro exemplo que surgiu durante essa conversa foi o de Thelma que devido aos problemas familiares que enfrentou no final do ano passado e início deste ano, estava tomando uma quantidade considerável de remédios antidepressivos e que depois que retornou ao grupo, acha que não só as atividades físicas, mas o reencontro com as amigas e o carinho que recebe contribuiu para a redução da quantidade desses medicamentos. ⁴</p>
<p>Elas caminharam por quinze minutos e depois de realizarem alguns alongamentos fizeram uma série de exercícios, sendo que cada uma propôs o movimento e as repetições. ⁵</p>	<p>Elas caminharam por quinze minutos e depois de realizarem alguns alongamentos fizeram uma série de exercícios, sendo que cada uma propôs o movimento e as repetições. ⁵</p>
<p>Flor do Campo que é muito observadora, disse que ficou atenta para que nenhuma delas fizesse algo que pudesse machucar, principalmente a Esmeralda que necessita de uma atenção especial. ⁶</p>	<p>Ficou atenta para que nenhuma delas fizesse algo que pudesse machucar, principalmente a Esmeralda que necessita de uma atenção especial. ⁶</p>
<p>Todas participaram contentes e estavam felizes pelo retorno do professor na próxima aula e por não terem deixado o grupo se dispersar, afinal aquele espaço é delas e para elas, disse Flor do Campo, e elas não podem abandonar afinal umas precisam das outras. ⁷</p>	<p>Todas participaram contentes e estavam felizes pelo retorno do professor na próxima aula e por não terem deixado o grupo se dispersar, afinal aquele espaço é delas e para elas, disse Flor do Campo, e elas não podem abandonar afinal umas precisam das outras. ⁷</p>

¹⁵ Texto: Qualidade de Vida na Terceira Idade, Olga Inês Tessari, disponível em <http://www.riototal.com.br/feliz-idade/psicologia04.htm>, acesso em 05/jun/2015.

A grande emoção misturada com ansiedade delas era em me contar como sozinhas conseguiram manter as atividades e os encontros do grupo. ⁸	Queriam contar como sozinhas conseguiram manter as atividades e os encontros do grupo. ⁸
---	---

Capítulo 3

Análise de dados

Os resultados que serão apresentados a seguir foram construídos a partir da intersubjetividade estabelecida entre mim (pesquisador) e os sujeitos desta pesquisa (participantes), tendo como base os dados obtidos das observações e diálogos registrados nos diários de campo e analisados através de redução fenomenológica, embasada no objetivo deste estudo que era: caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados no grupo específico de mulheres que realizam atividades corporais em contexto de lazer no ginásio do Jardim Panorama na cidade de Rio Claro – SP.

Apresentamos, no Quadro 3, a matriz nomotética que pode ser entendida como quadro síntese dos registros em Diários de Campo, coletados nos encontros com as participantes. Na parte superior da matriz, em uma sequência horizontal, estão numerados, em algarismos romanos, e por ordem cronológica os encontros onde foram escriturados os diários de campo.

A matriz também é composta de uma coluna, à esquerda, na qual apresento as categorias, classificadas com letras maiúsculas, organizadas com base nas asserções dos discursos coletados. Já abaixo da sequência dos encontros, ao lado direito das categorias, estão dispostas nas caselas, as unidades de significados correspondentes àquela categoria, por meio de números arábicos, de forma a não se perder a origem da referida unidade. Quando há lacuna de informação em uma ou outra casela, significa que, naquele diário de campo não houve asserção correspondente àquela categoria (GONÇALVES JUNIOR, 2008).

Quadro 3: Matriz Nomotética

DIÁRIO DE CAMPO CATEGORIA	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII
A – Valorização da vida de qualidade	1, 3	1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11	1, 3, 4, 7	1, 5, 7	13, 14, 15, 16	3, 6		4, 5	1, 2, 4	1	1, 5, 6		1, 6
B – Engajamento e luta	2, 4, 5, 6, 7	3, 10	2, 5, 6,	2, 3, 4	1, 2, 3, 4	1, 2, 4, 5, 7	1, 2	1, 2, 3	3	3, 4, 5	2, 3, 4	3, 9	2, 3, 4, 5, 7, 8
C – Compreensões sobre o lazer				6	5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12	8, 9, 10			5	2		1, 2, 4, 5, 6, 7, 8	

Após ler e reler os diários de campo, identificando as unidades de significado, foi realizada uma redução fenomenológica e construídas três categorias a saber: A) Valorização da vida de qualidade; B) Engajamento do grupo e luta; C) Lazer e seus conteúdos culturais. As quais serão a seguir analisadas.

3.1 A – Valorização da Vida de qualidade

Uma das grandes preocupações dos seres humanos na atualidade é a fruição de uma vida de qualidade, porém, essa fruição vem instigada pela mídia para que as pessoas agreguem vida de qualidade à compra de bens e serviços, transformando-a em um conceito mercadológico de qualidade de vida.

Assim procedendo, abre-se mão de conceitos como “ser” e “criar” em detrimento do “fazer” e do “ter”, então o primordial para se ter qualidade de vida é conquistar riquezas e bens materiais e *status* dentro da sociedade.

Para Brandão (2005), a acumulação de bens instigada pela mídia, e que se pauta em medidas enganosas, nos leva a crer que a própria razão do trabalho humano tomada como forma de desenvolvimento econômico: a educação, saúde, alimentação, vestuário, habitação, comunicação, trabalho, lazer, são suficientes para a obtenção de uma qualidade de vida. Sob essa ótica nos tornamos escravos da produção deixando de lado valores importantíssimos para o conviver. À vista disso, Brandão (2005) conclui:

E, assim, tornam-se os indicadores materiais e critérios confiáveis da medida da qualidade de vida de pessoas, famílias, comunidades e povos inteiros. Mas sabemos, elas são apenas a condição mais elementar. São o alicerce da casa em que se vive e não a própria vida que deveria ser vivida ali. (p. 38).

No grupo de mulheres, a busca por uma vida de qualidade também é muito presente. Um dos pontos nessa busca diz respeito aos cuidados com a saúde, afinal algumas delas já possuem idade avançada, outro ponto que é presente para a vida de qualidade delas diz respeito ao cuidado e o afeto de umas para com as outras que permeou todos os encontros e aspectos negativos da qualidade de vida foram evidenciados em alguns momentos nos encontros.

No que tange à temática da saúde, a qual teve um realce nos diálogos, isso ocorreu possivelmente, pelo crescente número de casos de dengue em todo o país, e em especial em Rio Claro e no bairro. Todas as mulheres do grupo estavam preocupadas com os cuidados necessários à manutenção da saúde, a melhoria de: suas rotinas, seus relacionamentos, aparência pessoal. Essas preocupações não eram sazonais, mas permeava por todo o grupo uma real preocupação em buscar a fruição de uma vida de qualidade.

A preocupação com a estética, principalmente para o gênero feminino, também se fez presente, e certamente com a melhora da saúde e da autoestima das participantes.

[...] Juliana pediu para que se realizasse algum exercício para o bumbum, pois achava que o dela está meio caído. As demais deram risada, mas comentaram que isso é bom, afinal para as mulheres o que mais preocupa é ficar com o bumbum caído e os braços moles. (DCII-4).

Outra forma de vivenciarem a vida de qualidade é a descontração, embora trabalhando com seriedade as atividades propostas, todo encontro é permeado por muitos risos, piadas e alegria.

[...] Os momentos das atividades são levados muito a sério por elas, mas com bastante alegria e descontração, Raquel que tem um jeito sério quando se junta com Juliana fazem piadas, dão risadas e ficam vermelhas com algumas besteiras que soltam para o grupo, e segundo elas isso muito bom para a saúde e o espírito delas pois no dia a dia não tem tempo para se divertirem. (DCII-6).

Essa alegria as trazia de volta à infância:

Elas fizeram uma aula mais motivadas, talvez incentivadas pela limpeza do espaço e aproveitando que o professor de handebol havia desenhado retângulos no chão elas brincaram de pular amarelinha, pareciam crianças se divertindo (DCV-15).

Preocupadas com a perda ou limitação de suas atividades e conseqüentemente da vida de qualidade as mulheres realizam periodicamente exames preventivos e eletivos quando se sentem incomodadas. É comum também recorrerem à medicina popular¹⁶, de conhecimento de algumas, para se cuidarem.

¹⁶ O termo medicina popular pode ser entendida como: aquela que é transmitida culturalmente e que se utilizam de plantas, ervas, chás, rezas para a melhora do paciente. Batista et al (2014).

[...] Isabel que chegou um pouco atrasada comentou que demorou em chegar porque estava no médico cuidando de um “esporão” (calcaneodinia) no pé direito e da coluna lombar que a estão incomodando muito, ela acha que pode ser devido ao longo período que carregou seu filho para fisioterapias (Isabel tem um filho que ficou paraplégico aos 15 anos, porém devido a sua persistência e determinação hoje já com 30 anos, seu filho embora com algumas limitações voltou a andar (DCII-8).

[...] Fátima trouxe para as demais uma receita de repelente caseiro e me perguntou se eu poderia tirar cópia para todas. As demais participantes ficaram curiosas sobre a receita que é basicamente formada por cravo da índia e álcool. Ficaram questionando como utilizar e se realmente era eficaz. Fátima disse que sim e que se utiliza passando o líquido no corpo, evitando picadas, pois o odor repele os mosquitos da dengue (DCII-1).

Raquel que por muitos anos morou em sítio e se tratava com as ervas plantadas no quintal, partilhou com as demais a receita de remédio caseiro, a fim de que todas possam se beneficiar dele.

[...] Elas entenderam e pediram para acrescentar uma receita de álcool, iodo, canfora e arnica que haviam comentado ser muito boa para tirar dor nas pernas. Raquel que sugeriu a receita disse que sempre que tem dores nas pernas usa essa mistura e que é muito boa para relaxar (DCIII-3).

Foram identificadas também situações que não contribuem para a vida de qualidade e que se evidenciam acentuadas no gênero feminino devido à jornada extra de trabalho atribuída às mulheres que é o cuidado da casa.

Assim iniciamos os alongamentos para pernas e braços como sempre e Mirian reclamou bastante para realizar os movimentos, ela disse que estava com bastante dor, pois havia feito uma faxina de derrubar a casa no dia anterior e que hoje estava bem dolorida (DCVI-3).

[...]Thelma reclamou dizendo estava com bastante dor no braço, atribuiu essa dor devido a uma limpeza mais pesada que fez em sua casa (DCIX-1).

Embora presente estes inibidores da vida de qualidade são superados com muita alegria como é corroborado com o comentário.

[...] mesmo com dor não falta aos encontros pois esse é um horário o qual reserva para ela, pois no convívio com as

colegas consegue se sentir bem, pode falar e ser ouvida e trocar ideias e informações (DCII-9).

A preocupação com a vida de qualidade é algo muito presente no grupo. As mulheres buscam sua fruição indo de encontro as propostas de Brandão (2005), onde “grupos humanos, se criam ao partilharem, a cada momento, o direito-dever da construção de suas próprias qualidades” (BRANDÃO, 2005, p.44).

Dentre essas qualidades destaco o afeto que demonstram umas para com as outras e que certamente contribui para melhoria da qualidade de vida.

Brandão (2005) levanta um questionamento se essa busca do acumular do ter, possuir acabaria nos trazendo uma qualidade de vida ou, através de uma convivência solidária, partilhada e coletiva vivenciada, pautada no carinho, afeto e amor não acabaria por nos proporcionar uma vida de qualidade, transformando a qualidade de vida em algo humanamente significativo, em qualidade da vida.

A busca pelo ter muito mais que o ser, descaracteriza o humano, e assim procedendo, nos afasta de princípios como a solidariedade, o amor a cooperação, fundamentais para uma convivência em comunidade.

Assim, esse grupo, quem em sua origem buscava uma qualidade de vida, pautada em padrões mercadológicos, através do encontro no grupo de mulheres do Jardim Panorama, construiu laços afetivos que as colocaram na busca da vida de qualidade e que lhes propiciaram uma maior conscientização e engajamento que se constituiu na categoria a seguir.

3.2.B – Engajamento e luta

O envolvimento de todas as mulheres também é uma categoria bem marcante no grupo, elas se cobram mutuamente sobre questões como: combinados, horários e, excessos. O trabalho com combinados vem sendo cada vez mais valorizado não só em instituições educacionais, como também em diversas áreas de produção industrial.

Para esse grupo, em especial, buscamos entendimento em Melo (2003) que destaca que grupos que vivem em periferias, estão tão acostumados a serem ludibriados por políticos e projetos que só visam interesses pessoais que a própria “comunidade

desconfiada” (p.83) se organiza de forma, autônoma, afim de superar essas barreiras e construir dentro de suas organizações internas seus próprios combinados.

Decidiu-se entre elas procurar ao máximo que aquilo que se combina seja realizado, seja com um combinado de aula ou algo extra aula.

A busca por novas fontes de informação para a melhoria da qualidade de vida pessoal e do grupo, também foi identificada. Embora residentes em periferia algumas delas tem acesso às redes sociais em computadores e através desses mecanismos aprendem e compartilham com as demais essas informações.

[...] Flor do Campo disse que no dia 20 levou para o grupo um texto que recebeu pela internet sobre qualidade de vida na melhor idade¹⁷, assim com a presença de onze alunas ela propôs ao grupo realizarem alguns alongamentos e caminhada e em seguida fazerem a leitura desse texto e discutiram sobre ele.[...] segundo Flor do Campo discutiram bastante sobre de que forma as atividades que elas realizam ali na quadra e em outros grupos, contribuem para a melhoria da saúde e da qualidade de vida delas. Tita cita como exemplo o caso de Isabel que depois de um longo tempo tratando de uma calcaneodinia, comumente chamada “esporão” ao retornar as atividades vem sentindo melhora dia após dia, o que foi confirmado por ela. Outro exemplo que surgiu durante essa conversa foi o de Thelma que devido aos problemas familiares que enfrentou no final do ano passado e início deste ano, estava tomando uma quantidade considerável de remédios antidepressivos e que depois que retornou ao grupo, acha que não só as atividades físicas, mas o reencontro com as amigas e o carinho que recebe contribuiu para a redução da quantidade desses medicamentos e conseqüentemente sua saúde. Flor do Campo disse que ficou muito contente com o que ouviu e que sugeriu que elas façam mais vezes essas atividades de leitura e conversa (DCXIII-4).

[...] Fátima veio me cobrar sobre a cópia das receitas caseiras que elas haviam passado, argumentei que havia deixado para tirar xerox, porém o atendendente da Secretaria Municipal de Esportes não teve tempo para tirar as cópias, mas me prometeu que para a próxima aula estaria com as cópias feitas (DCIII-2).

Todas procuram chegar no horário para que o início das atividades não se atrase, afinal após as aulas elas ainda tem afazeres domésticos lhes esperando. Procuram também não faltar aos encontros pois valorizam o estar presente com as companheiras e até mesmo quando há um atraso do professor elas mantêm os combinados.

¹⁷ Texto: Qualidade de Vida na Terceira Idade, Olga Inês Tessari, disponível em <http://www.riototal.com.br/feliz-idade/psicologia04.htm>, acesso em 05/jun/2015.

[...] devido à polêmica do tema e o fim das atividades do handebol, sugeri darmos continuidade à conversa durante a aula, afinal elas cobram que os horários sejam cumpridos (DCVI-2).

Cheguei à quadra com alguns minutos de atraso devido a uma reunião convocada pelo secretário de esportes de última hora. Quando cheguei com cerca de oito minutos de atraso, já estavam no espaço dez meninas realizando caminhada, perguntei como tinham se organizado e Débora disse que como eu não havia dito que não iria ela tinha certeza que eu estava chegando, mas que como horário é horário, assim que deu dezessete e cinco pediu as meninas que iniciassem um alongamento (DCVIII-1).

O engajamento do grupo é notado também nas cobranças que acontecem entre elas e se estende até para as ausentes que são avisadas a posteriori dos recados:

[...] Durante a caminhada Débora, Flor do Campo e Thelma, cobraram das demais colegas o colchonete, visto que só elas haviam trazido e que elas haviam combinado que todas trariam, assim ficou acertado ao final do nosso encontro que na próxima segunda todas trariam e que deveriam no fim de semana lembrar a todas que se encontrassem para reforçar a lembrança (DCIII-5).

Outro ponto que ressalta o engajamento do grupo é a autonomia conquistada por elas durante esses anos de convivência. Quando por algum motivo não tinham ninguém para orientá-las nas atividades, elas próprias se organizavam para que não perdessem o encontro:

[...] Elas disseram que se eu quisesse podia ir somente na próxima segunda e que elas caminhariam e fariam atividades sozinhas (DCXII-9).

[...] Fátima me disse que no dia 13 ela reuniu as presentes: Juliana, Bela, Esmeralda, Raquel, Débora, Isabel, Thelma e Flor do Campo (um total de nove alunas) e disse que enquanto eu não pudesse retornar, elas junto com Débora e Flor do Campo iriam direcionar alguns exercícios para que o grupo não ficasse sem atividades e que contava com a presença de todas, afinal todas tinham conhecimento de algum exercício que pudesse ser feito (DCXIII-2).

Nesta categoria vale ressaltar a existência de um grande engajamento do grupo no que diz respeito ao comprometimento de umas para com as outras para que os combinados sejam mantidos, a busca da autonomia seja compartilhada com todas e que assim procedendo, o grupo se mantinha mais unido de forma que quando ocorre algum contratempo todas do grupo procuram equacionar a situação buscando superar o

problema, como quando o grupo se uniu para manutenção das atividades mesmo com a ausência do professor.

[...] todas participaram contentes e estavam felizes pelo retorno do professor na próxima aula e por não terem deixado o grupo se dispersar, afinal aquele espaço é delas e para elas, disse Flor do Campo, e elas não podem abandonar afinal umas precisam das outras (DCXIII-7).

O engajamento para que seja possível e conquistado, necessita de uma conscientização política e luta. Dentro do grupo de mulheres também se evidenciou nas transcrições momentos de luta e tensões.

[...] Perguntei então como estavam acontecendo os encontros e elas me disseram que iam espontaneamente ao local às segundas e quartas para realizarem caminhadas e alguns alongamentos, afinal não é porque não havia um professor que elas iriam abandonar as atividades, embora estivesse fazendo bastante falta pois elas caminhavam e faziam apenas alguns alongamentos, sem saber ao certo se estava correto o que faziam, porém para elas era importante, afinal era uma forma de manter seu espaço na quadra (DCI-1).

A busca pela manutenção de seu espaço e conquistas, levou à uma união mais intensa do grupo fortalecendo-o. Revela uma forte reflexão sociopolítica e de diálogo sobre as lutas para melhoria tanto do espaço que elas utilizam que é a quadra, como todo o bairro onde residem.

Melo (2003) cita que essa descaracterização da população é uma forma de levar essas pessoas a se anularem politicamente, segundo o autor: “ao separar o cidadão da cidade, esvazia-se a dimensão do coletivo e dificulta-se a articulação de possibilidades concretas de reivindicação” (p.77).

Assim seguem a propositura do estar “com/vivendo” em comunidade, entendida aqui como descreve Oliveira e Silva (2014) “encontro das pessoas umas com as outras e também pelo seu encontro com o ambiente que as circunda, ou seja, a natureza, as sociedades com as diferentes culturas e histórias daqueles que as compõem” (p.51,52).

Os cuidados e a preocupação com o espaço onde se vive é uma preocupação do grupo. Esta categoria que agrega a vida da periferia e a reflexão política sobre esses espaços de convivência tanto delas como dos moradores do bairro.

[...] Fátima lembrou a fala do Sr. Vicente, falecido há mais ou menos um mês, um dos moradores mais antigos e que morava defronte à quadra e que sempre lutou para a melhoria que dizia “moramos numa periferia se não lutarmos para melhorar nosso bairro e nosso espaço, ninguém fará isso por nós”. Concordamos com ela pois realmente “seu Vicente” como era carinhosamente chamado muitas vezes foi chamado de “véio chato”, louco, por chamar a atenção de alguns meninos e lutar por manter o espaço sempre em ordem e arrumado (DCXI-4).

A presença da força policial dentro do convívio dos bairros periféricos acontece de forma bem distinta daquela abordagem em outros bairros.

[...] Um incidente também marcou esse nosso primeiro encontro, já próximo ao final da aula alguns meninos que estavam do lado de fora da quadra, aguardando o final para jogar, entraram rapidamente e sentaram nos bancos. Curiosas elas ficaram se entreolhando sem entender. Pouco depois ouviu-se um estampido, achávamos que era uma bomba, porém logo em seguida mais cinco foram ouvidos. Assustados todos foram próximos ao portão com cuidado onde nos deparamos com um policial que estava atirando em direção ao matagal nos fundos da quadra. Elas ficaram assustadas, e decidiram ir embora juntas. Tentei acalmá-las e pedi que esperassem, porém, Raquel rezando disse que preferia ir embora, solidariamente todo o grupo saiu junto apreensivo e receoso, porém solidário a colega (DCI-4).

O grupo apresenta reflexões sobre a falta de investimentos públicos nas diversas áreas. Comentam sobre a falta de moradias e as atitudes ilícitas realizadas por algumas pessoas que se abrigaram no bairro.

[...] Outra preocupação que vem afligindo os moradores do bairro é que tem aumentado muito o número de barracos na rua que desce da quadra. Elas estão bastante preocupadas. Isabel que mora próximo ao local disse que os moradores têm roubado energia dos fios, o famoso gato, e que outro dia viu um adolescente escalando o poste para pendurar um fio na rede e que se ele tomasse um choque poderia ser perigoso. Juliana alertou que não tinha certeza mas acha que viu um dos moradores fazendo uma ligação clandestina nos canos de água da própria quadra para levar água para o barraco (DCV-3).

Em Rio Claro, e creio em quase todas as cidades, é comum que nos bairros mais afastados encontremos grupos organizados que cuidam do bairro, de forma a manter uma certa “ordem” nos espaços.

[...] Discutimos bastante a questão levando em consideração que existe um grupo que ajuda a tomar conta do local, chegamos a um

consenso de que por mais que eles estejam se aproximando, a quadra é um local seguro e privilegiado pois atende o dia todo moradores do bairro e é respeitada por toda a comunidade (DCV-4).

Esses grupos, formados por moradores dos bairros, embora haja muitas vezes de maneira ostensiva com aqueles que querem invadir seu espaço, são compostos por filhos, netos, vizinhos das mulheres que frequentam o ginásio do Jardim Panorama, face a isso, dão grande valor ao espaço e as pessoas que ali desenvolvem atividades, gerando uma sensação de “proteção”.

Outra questão presente nos bairros periféricos é a falta de investimento do poder público, que canalizam seus gastos para áreas nobres das cidades, lembrando dessas comunidades geralmente em épocas eleitorais, porém, depois do pleito, às deixam relegadas à própria sorte.

Não é só o descuido por parte do poder público, mas também a falta de uma educação ambiental que leva a grandes transtornos em bairros periféricos, as mulheres identificam isso, mas ainda estão se organizando para tentar mudar essa situação.

[...] Enquanto fazíamos as atividades localizadas, retomou-se o assunto que tem sido a tônica de nossos encontros, o grande número de casos de dengue que estão assolando a cidade e que no bairro como elas já haviam comentado anteriormente cresceu muito o número de casos esta semana. Elas acham que o número crescente de barracos é um dos motivadores do acúmulo de sujeira. Fátima complementa que a maior preocupação para ela continua sendo a grande quantidade de lixo que eles estão jogando na rua e que não adianta nada elas cuidarem das casas se esse lixo todo permanecer ali como criadouro do mosquito (DCVI-5).

Por conta de todos esses percalços, existe uma cumplicidade entre aqueles que ali residem, o auxílio ao próximo e a solidariedade é muito presente.

[...] Mirian disse que seu vizinho teve grandes problemas pois a chuva destelhou parte de sua casa e que ele teve bastante prejuízo e que esse prejuízo só não foi maior porque ela e sua menina junto com mais dois vizinhos de frente ajudaram a tirar as coisas da casa (DCVIII-2).

A vida dessas mulheres moradoras do jardim Panorama e entorno, aparentemente não é fácil, porém, superam suas dificuldades sempre com muito bom humor, alegria, união e luta. Luta essa entendida dentro das propostas de Freire (1992) onde as pessoas “mais do que simplesmente *vivendo*, histórica, cultural e socialmente

existindo, como seres fazedores do seu ‘caminho’ que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao ‘caminho’ que estão fazendo e que assim os refaz também” (p.97). Assim procedendo procuram viver no mundo de modo a transformá-lo, iniciando pelos espaços onde vivem e convivem.

3.3.C – Compreensões sobre o lazer

O grupo de mulheres também apresentou algumas compreensões sobre o lazer e como elas fruía o lazer no seu dia a dia. Ficou evidenciado entre elas que o bairro não oferece muitas opções de lazer e que, para elas, o espaço de lazer no bairro é a quadra. Existe no bairro um campo de futebol, porém para elas, esse é um espaço restrito aos homens, o qual elas não têm acesso. Outro ponto destacado foi um grande espaço municipal chamado Lago Azul, que para algumas seria uma opção de lazer, mas para a grande maioria é bem afastado do bairro, dificultando o acesso a ele.

[...] Conversamos ainda sobre os possíveis locais para lazer que o bairro proporciona, todas foram categóricas em afirmar que para elas o único espaço que consideram de lazer no bairro é a quadra, pois os outros locais como o lago Azul que algumas já haviam dito ser uma opção e o Centro Social João Rehder ficam muito fora de mão para elas e não pertencem ao bairro (DCVI-8).

[...] Comentei sobre o campo de futebol que existe no bairro, elas comentaram que é um espaço de lazer, mas somente para os homens que se reúnem aos finais de semana para jogar, beber e assistir futebol na TV, e que durante a semana vive trancado. Thelma disse que passa por lá e que durante a semana os manos invadem o espaço para utilizar drogas, afastando assim as pessoas do local. Esmeralda complementa que antes há muito tempo o local onde ficavam era a quadra, mas depois que passaram a ter atividades diárias ali os manos saíram para o campo de futebol (DCVI-10).

O bairro possui alguns espaços abertos que poderiam ser utilizados para caminhadas e outras atividades de lazer, porém quando perguntadas sobre a utilização desses espaços, a insegurança as fez descartar essa opção de lazer.

[...] não poderia caminhar nas calçadas do bairro? Elas concordaram que sim, mas justificaram a segurança de estar na quadra (DCXII-7).

Elas evidenciaram que lazer para elas está bastante associado ao encontro com amigos, passeios família e estar ali no grupo de mulheres.

[...] Para Juliana, “lazer é uma forma que ela tem de poder encontrar com minhas amigas e conversa, caminha e bate papo. É um tempo só pra mim” (DCV-5).

[...] Isabel disse “ Fio pra mim lazer é quando reúno todos meus netos em casa e passo o dia com a família inteira e quando estou aqui” (DCV-12).

[...] Débora a mais idosa do grupo disse que para ela “lazer é quando sai passear, fazer aula na quadra e está com as amigas pois os netos já estão grandes e não ligam mais para ela” (DCV-11).

O lazer também é fruído em outras atividades que elas realizam em seu cotidiano e que lhes proporciona prazer e alegria. O fazer compras, confeccionar um bolo, cuidar da horta no quintal da casa e até mesmo pintar a própria casa, aparecem como opções de lazer.

Raquel opinou que lazer para ela é “estar com a família, os amigos, é poder estar junto com as pessoas com as quais me sinto bem, é poder ir junto na quadra, fazer passeios, ir às compras” (DCV-9).

Flor do Campo disse que tem como lazer “fazer aula e cuidar da minha hortinha que tenho no fundo do quintal da minha casa. Outro dia pintei a casa inteira acho que para mim também foi lazer, pois me diverti muito” (DCV-10).

Fátima, lazer é descer na quadra e conversar e ver as crianças treinando. Ela diz que “curte muito assistir os treinos dos meninos e que tem netos que frequentam o local”. Porém conversou com o marido e ele acha que lazer “é jogar futebol e ir pescar de domingo, tomar cerveja com os amigos depois do trabalho, (segundo ela ritual sagrado do marido) ”, afinal já trabalha muito a semana toda. (DCV-8).

Essas concepções, vêm ao encontro das propostas de Dumazedier (1976), onde compreende o lazer como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (p. 34).

Essas propostas contemplam os conteúdos culturais do lazer, físico, prático, intelectual e social, propostos por Dumazedier (1980).

Porém outros conteúdos culturais do lazer, o turístico, proposto por Camargo (2003), e o virtual, proposto por Schwartz (2003), são contemplados nas vivências de lazer dessas mulheres.

[...] Aproveitei para perguntar o porquê elas tinham tido interesse em ir até o Horto, Mirian comentou que quase não sai do bairro e que essa chance de ir ao Horto seria uma forma de lazer. Fátima complementa que é forma de passar um dia diferente, longe dos problemas da casa e da rotina do bairro. Achei interessantes as respostas e fometei para que todas procurassem ir ao passeio, pois seria uma experiência diferente para elas. Elas estavam empolgadas com a ideia, mas disseram depender de organizar suas atividades para irem ao passeio (DCIX-5).

[...] Fátima pergunta se assistir televisão entraria nisso pois seu marido adora ficar na frente da tevê e diz que isso lhe dá prazer e que só muda sua rotina quando os netos estão em casa (DCXII-8).

A fruição do lazer para esse grupo de mulheres acontece sempre de forma espontânea, alegre e animada como quando utilizando retângulos desenhados no chão pelo professor de handebol resolveram pular amarelinha.

Dentre os conteúdos culturais do lazer, o mais evidente percebido no grupo é o lazer social que, segundo Dumazedier (1980), acontece com o contato direto com outras pessoas, através de relacionamentos e do convívio social.

Assim, através desse convívio elas buscam um crescimento pessoal e coletivo que as levem a ser pessoas melhores em todos os sentidos do ser.

Considerações

É oportuno destacar que as considerações em um trabalho com base na fenomenologia não são conclusivas, de forma a não findar o estudo de um fenômeno. Neste tipo de pesquisa, segundo Santos (2008) “o fenômeno é entendido como perspectival, assim sendo, possuidor de inúmeras possibilidades de se mostrar, se desvelar” (p. 126).

Retomando o objetivo deste estudo que era: caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados em um grupo específico de mulheres que realizam atividades corporais em contexto de lazer no ginásio do jardim Panorama na cidade de Rio Claro – SP, pude experienciar, junto com elas alguns processos educativos ali desencadeados, algumas coisas. Dentre elas: o aprender umas com as outras, o cuidado umas para com as outras e o trabalho coletivo de umas com as outras. Vivenciei também processos educativos relativos à autonomia nas decisões e formas de fruição do lazer, o afeto e a sensibilidade, o trabalho coletivo, o respeito e a solidariedade para com o outro.

Essas mulheres aprendem umas com as outras, através de gestos simples e espontâneos, como com muito carinho levam receitas e dicas que aprenderam para que as demais possam ter acesso a informação. Procuram cuidar umas das outras e prestam auxílio quando uma delas apresenta algum problema como foi o caso de Tita que ficou adoentada e o grupo através de uma união do grupo se reuniu para visita-la, buscando animar a amiga.

O grupo apresentou também um grande engajamento e consciência política, através de reivindicações e questionamentos dos poderes públicos para com elas e o bairro.

A população que mora no bairro acaba convivendo diariamente com seus pares, o que leva a uma forte identificação daqueles que ali residem e em contrapartida uma forte resistência a quem não pertence ao local.

Essa valorização e identificação com o bairro onde moram que pela própria fala delas mesmo sendo periferia da cidade é o bairro onde vivem e que gostam muito dali, e que não trocariam seu bairro por outro, reforça o trabalho em grupo e o engajamento delas nas lutas para manterem garantidos seus direitos dentro das diferentes esferas

políticas da cidade, dentre elas o lazer. Ensinam a aprenderem através da partilha a que mais pessoas se engajem nas causas do bairro.

Do ponto de vista do lazer, ele se apresenta em diferentes formas de fruição. Para essas mulheres, a prática social do lazer tem concepções variadas. Elas perpassam pelos diferentes conteúdos culturais propostos pelos autores (DUMAZEDIER, 1980; CAMARGO, 2003; SCHWARTZ, 2003), já apresentados anteriormente, e apresentam como mais significativos em suas vivências de lazer o conteúdo cultural proposto por Dumazedier (1980) que é o lazer social, quando através do encontro e do convívio com as demais conversam, brincam, contam piadas e se divertem, lhes proporcionando alegria, felicidade e prazer.

Vale ressaltar que as atividades corporais acontecem sempre de forma muito alegre e descontraída e concomitantemente o diálogo acontece de forma que essas atividades se configuram como coadjuvantes de uma fruição de lazer calcada no encontro e no diálogo entre as pessoas.

Observou-se, também, que do ponto de vista do lazer, encontram-se diversos fatores que fazem emergir o *todo inibidor*, proposto por Marcellino (1983), dificultando o acesso e a fruição plena do lazer: a localização afastada do bairro, dificultando o acesso a outros espaços de lazer da cidade, comum em bairros periféricos, fatores financeiros, pois não tem condições de pagar transporte para acessar outros espaços. Um exemplo disso é o desejo de muitas em fazer hidroginástica, mas como o local da aula é muito distante e ficaria oneroso pagar quatro passagens de ônibus para ida e volta até o local, elas acabam desistindo.

Outro elemento inibidor de uma fruição plena do lazer é o tempo livre, pois mesmo a grande maioria sendo aposentadas, necessitam assumir responsabilidades no cuidado de seus netos, para seus filhos e filhas trabalharem, auxiliando assim na renda da família.

Para o grupo, identificam como espaço público destinado a fruição do lazer, naquele bairro a quadra, e que, embora muitas vezes esteja com a manutenção inadequada, ainda assim, o local é importante para elas e para toda a comunidade, pois além dos encontros que elas realizam lá, há o atendimento de crianças que praticam handebol e futsal, além da utilização do espaço aos finais de semana pelos ex-alunos já adultos para jogarem, eventos de igrejas. Valorizam muito o espaço tanto para elas

como para a comunidade e ali desencadeiam diferentes processos educativos não só no convívio com o grupo de mulheres, mas em diferentes atividades promovidas no local.

Assim, dentro da perspectiva de uma educação dialógica, na qual há o respeito entre aquele que ensina e aquele que aprende, envolvendo a comunidade como um todo, processos educativos foram desencadeados por todo os envolvidos.

Segundo elas, as reflexões, os diálogos mantidos durante o período da pesquisa, contribuíram para que elas despertassem um sentimento ainda maior de pertencimento ao grupo. Alegam que passaram a conversar mais dentro de casa e a valorizar a utilização do tempo nos momentos com os familiares e amigos. Sentem-se mais fortes para continuarem cobrando melhorias tanto para o Ginásio Poliesportivo como para o bairro.

Este estudo apresentou também algumas limitações, como um maior aprofundamento sobre as políticas públicas para o lazer, principalmente nas áreas periféricas da cidade, aprofundamento esse que enriqueceria o estudo e colocado em discussão junto ao grupo de mulheres poderiam trazer à tona propostas de melhoria e ou direcionamentos para essas políticas. Poderiam ser contemplados também, estudos sobre a associação de moradores do bairro, e a luta que ela trava em busca de melhorar a qualidade da vida e respeito daqueles que ali convivem.

Este estudo propiciou grande aprendizado que pode ser estendido a todas as áreas, dentre elas a escola. Aprendemos muito sobre a importância do toque, do abraço, de como enfrentar as adversidades, principalmente do ponto de vista econômico, com bom humor e confiança. As instituições escolares têm deixado muito a desejar nas relações entre as pessoas. São cobrados dos alunos o *ter* mais, ter conhecimento, o qual lhes é depositado como se fossem recipientes vazios.

Na ânsia de levar os conteúdos aos alunos, são deixados de lado vários processos educativos que emergem das trocas, discussões e convivência que infelizmente foram deixadas à margem em grande parte das instituições escolares, os alunos estão ali juntos por cinco horas diárias, porém envoltos em tanto conteúdo e informação que não tem tempo para experienciar por exemplo o toque, o diálogo e outras tantas trocas que contribuiriam para a construção de uma sociedade mais humana, onde o que aprendi sobre a importância do partilhar e do compartilhar de forma a que todos possam ser mais, possa fazer parte do cotidiano escolar.

Finalizando, não poderia deixar de destacar o carinho e o afeto que recebo das participantes, mesmo quando passei por situação de dificuldade, como quando contrai dengue, se encontravam e me ligavam para saber como estava passando.

Os abraços, os beijos, algumas frases dirigidas com amor e carinho, reforçaram meu sentimento de que fazia parte do bairro e da vida daquelas mulheres. São pessoas que embora enfrentem tantas adversidades em seu dia a dia, transmitem muita alegria e vontade de viver e contagiam a todos com algo muito especial, indispensável às nossas vidas e que vem se desgastando nos dias atuais que é o amor.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo; D'ANDREA, Tiarajú; DE LUCCA, Daniel. **Situações periféricas**: etnografia comparada de pobreza urbanas. *Novos Estudos CEBRAP*, v.82, nov, p.109-130, 2008.
- ALVES JUNIOR, Edmundo. D.; MELO, Victor A. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.
- ANDRADE, Oswald de. **Obras completas**, volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- ARAUJO-OLIVERA, Sonia S. Exterioridade, o outro como critério, in: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. de (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos, EdUFSCar, 2014, p.47-112.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRESERVAÇÃO FERROVIÁRIA. História das ferrovias paulistas. Disponível em: <http://www.abpfsp.com.br/ferrovias.htm>, acesso em jun/2015.
- AYRES, José R.C.M.; FRANÇA JUNIOR, I; CALAZANS, G. J.; SALETTI FILHO, H.C. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos M. **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p.117-139
- BATISTA, Simone M. L.; FERNANDES, Emanuella F. B.; LEITE, Maria C. T.; SANTOS, Tulani C. S. S.; ARAÚJO NETO, Vitor. Extensão popular em fitoterapia: realidade em Sergipe. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, **II Caderno de educação popular em saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. São Paulo: Martins Fonte, 1995.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BELMONTE, Mauricio M. **Vivências em atividades diversificadas de lazer**: processos educativos decorrentes de uma práxis dialógica em construção. 2014. 313f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2014.
- BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória. H. C. (Org.) **Pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

BOCAYUVA, Pedro C.C. A potência da periferia no planeta urbano: desigualdade e diversidade. **Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio** - edição dupla, nº 12, jan/dez, p. 91-110, 2013.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

BRAMANTE, Antônio C. Lazer: concepções e significados. **Licere: revista do CELAR/EEF/UFMG**. Belo Horizonte, v.1, nº 1, p.9-17, 1998.

BRANDÃO, Carlos R. **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo. Contexto, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada em 5 de outubro de 1988.

CAMARGO, Luiz O. L. **O que é lazer?** 7.reimp. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CAMPOS, Marcio D. **SULear vs. NORTEar: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia**. S/D. Disponível em <<http://www.sulear.com.br/texto03.pdf>> Acesso em 15/jun/2014.

DEWEY, John. Ter uma experiência. In: _____. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 109-141.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. _____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

DUSSEL, Enrique. Meditações anti-cartesianas. In: SANTOS, Boaventura de S; MENEZES, Maria P. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p.283-336.

FELTRAN, Gabriel S. **Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: EdUNESP/ CEM/ Cebrap, 2011.

FERREIRA, Aurino. L.; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar**, Curitiba, n. 36, p.21-38, 2010.

FIESP/CIESP, Departamento Técnico: **Cadastro das Indústrias da Cidade de Rio Claro** – SP. Informação verbal. Junho/ 2015.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, **II Caderno de educação popular em saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da humanização**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

GÄELZER, Lenea. **Coletânea de textos sobre recreação e lazer**. Organização de Silvana Vilodre Goellner e Christiane Garcia Macedo. Porto Alegre: Centro de memória da escola de Educação Física da UFRGS, 2013.

GARNICA, Antonio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface: comunicação, saúde, educação**. São Paulo, v.1, n.1, p.109-122, 1997.

GLOBO.COM. **G1, portal de notícias de São Carlos e região**: Prefeitura altera jornada de trabalho para reduzir gastos em Rio Claro, SP. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/07/prefeitura-altera-jornada-de-trabalho-para-reduzir-gastos-em-rio-claro-sp.html>>. Acesso em 15 ago 2015.

GNECCO, José R.; VALDANHA NETO, Américo. In: DA COSTA, Lamartine P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

GOMES, Christianne L. Lazer - concepções. In: _____. (Org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.119-126.

GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. Horizontes latino-americanos do lazer/ Horizontes Latinoamericanos del ocio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SANTOS, Matheus O. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PUCPR - PRAXIS, 6, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006. p. 1543 – 1555

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: _____. (Org.). **Interfaces do lazer: educação, trabalho e urbanização**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008, p.54-108.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CARMO; Clayton da S.; COLLOCA, Edson A.; CORRÊA, Denise A. Projeto de educação ambiental e lazer (PEDAL): dialogando a

partir do cicloturismo na escola. **Licere** (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online). v.14, nº4, p.1-16, 2011.

GONÇALVES, Marta K. **Mulheres idosas ressignificam o envelhecimento:** contribuições da educomunicação. 2013. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>. Acesso em: 06/mar/ 2015.

JARAMILLO-ECHEVERY, Luis G. Investigación y subjetividad: des-sedimentando a partir de lo indecible. In: _____ (Editor). **Simientes de la motricidad humana:** primeros brotes de investigación. (Colección en-acción, no. 7). Cauca: Editorial Universidad del Cauca, 2013. p.239-270.

LEMOS, Fábio R. M. **Compreensões de trabalhadores em transnacionais de São Carlos acerca da prática social lazer:** processos educativos envolvidos. 2007. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

MACHADO, Ozaneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria A. V.; ESPOSITO, Vitória H. C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação:** um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994, p.35-46.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e educação.** 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

_____. **Lazer e humanização.** 2. ed. Campinas: Papyrus, 1983.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia:** fundamentos e recursos básicos. 2. ed. São Paulo: Moraes/ EDUC, 1994.

MELO, Victor A. de. **Lazer e minorias sociais.** São Paulo: IBRASA, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Notes de cours 1959-1961.** Paris: Gallimard, 1996.

_____. **O olho e o espírito.** Rio de Janeiro: Grifo, 1969.

MORIN, Edgar, BOCCHI, Gianluca e CERUTTI, Mauro. **Os problemas do fim do século.** Tradução de Cascais Franco. Lisboa: Editorial Notícias, 1991.

MUSEU DA ENERGIA, histórico da usina de Corumbataí, disponível em <www.energiaesaneamento.org.br/unidades/rede-museu-da-energia/museu-da-energia-de-rio-claro.aspx>. Acesso, abr 2015.

ÓCIOS do ofício. Direção de Valquíria Padilha. São Carlos: UFSCar, 2004. 1 dvd (34 min.), son, color. ACIEPE Lazer em Debate.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha, B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L., 2014. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais”. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (orgs). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, p. 29-46, 2014.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G. Leituras de artigo de Fiori, com a intenção de despertar outras leituras. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, **II Caderno de educação popular em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa.** – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

OLIVEIRA, Maria W.; STOTZ, Eduardo N. Perspectivas de diálogo entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. In: 27ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu – Minas Gerais. **Anais...** 2004 Disponível em <<http://www.processoseducativos.ufscar.br/anped2004.pdf>>. Acesso em 05/set/2013.

PINTO, Leila, M. S. M. Lazer: concepções e significados. **Licere**: revista do CELAR/EEF/UFMG. Belo Horizonte: Celar, v.1, n 1, p.18-27,1998.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENEZES, Maria P. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, 73-118.

RAMOSE, Mogobe B. Globalização e ubuntu. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.175-220. RICOUEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: EdUNICAMP, 2007. p.40-70.

RIO CLARO (Município). Prefeitura Municipal. Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente (SEPLADEMA). Informação verbal. Rio Claro, 2015.

RIO CLARO (Município). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Esportes (SEME). Arquivo da secretaria anos de 2002, 2003. Rio Claro, 2015. RODRIGUES, Cae; LEMOS, Fábio R. M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Teorias do lazer: contribuições da fenomenologia. In: PIMENTEL, Giuliano G. A. (Org.). **Teorias do lazer**. Maringá, Eduem, 2010, p.73-102.

SANT’ANA, René S.; LOOS, Helga; CEBULSKI, Márcia. C. **Afetividade, cognição e educação**: ensaio acerca da demarcação de fronteiras entre os conceitos e a dificuldade de ser do homem. Educar, Curitiba, n. 36, p. 109-124, 2010. Editora UFPR

SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SANTOS, Matheus O. **Ludicidade, animação cultural e educação**: um olhar para o projeto “Vivências em atividades diversificadas de lazer”. 2008. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

SCHWARTZ, Gisele M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**: Revista do CELAR/EEF/UFMG. Belo Horizonte, v.2, n.6, p.23-31, 2003.

STAMATTO, Maria I. S. Um olhar na história: a mulher na escola Brasil 1549-1910. In: II Congresso Brasileiro de História e Educação - relações de gênero e educação brasileira. Natal. **Anais...** 2002, p.1-11. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/>>. Acesso em: 20/ago/2015.

TELLES, Vera da S. **Pobreza e cidadania**. São Paulo: Editora 34, 2001.

VAZ, Leopoldo G. D. **Atlas do esporte do Maranhão**, 22/julho/2012. Disponível em: <<http://cev.org.br/comunidade/maranhao/debate/atlas-esporte-maranhao-2>>. Acesso em 10/mar/2014.

WERNECK, Christianne L. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: UFMG; CELAR-DEF/UFMG, 2000.

Apêndice

Apêndice1 – Diários de Campo

Os encontros receberam a identificação Diário de Campo, seguidos da numeração em algarismos romanos (I a XIII), na sequência um número arábico que identifica a sequência numérica dos registros. Por fim uma letra (A, B, C) que identificam sua categorização.

DIÁRIO DE CAMPO I

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Onze – Mirian, Juliana, Bela, Esmeralda, Fátima, Raquel, Débora, Isabel, Ester, Tita e Flor do Campo.

Iniciando minha (re)apresentação ao grupo, digo reapresentação pois fui professor de ginástica e atividades lúdicas desse grupo por oito anos e me afastei para assumir a coordenação na Secretaria Municipal de Esportes de Rio Claro, e retorno agora com outros olhares. Cheguei à quadra do Panorama (como é chamado o local pelos moradores) para nosso primeiro encontro, agora como pesquisador. Comentei com elas sobre o trabalho que estaríamos desenvolvendo e que para tanto utilizarei as aulas das quartas feiras onde um professor as acompanha, pois assim poderei dar uma atenção maior aos discursos e acontecimentos que ocorrem dentro dos tempos de pré aula, aula e pós aula. Infelizmente elas comunicaram que esse professor não estava mais acompanhando o grupo. Perguntei então como estavam acontecendo os encontros e elas me disseram que iam espontaneamente ao local às segundas e quartas para realizarem caminhadas e alguns alongamentos, afinal não é porque não havia um professor que elas iriam abandonar as atividades, embora estivesse fazendo bastante falta pois elas caminhavam e faziam apenas alguns alongamentos, sem saber ao certo se estava correto o que faziam, porém para elas era importante. **1A** afinal era uma forma de manter seu espaço na quadra. Propus-me então de estar novamente acompanhando o grupo em alguns exercícios, mas que meu enfoque maior seria para o trabalho de mestrado. Inicialmente elas ficaram muito felizes por saberem que agora eu estava fazendo mestrado, embora algumas não tivessem noção exata do se trata, mas mesmo assim sabiam que era algo bom. Juliana, a mais extrovertida e simples delas perguntou a Fátima: o que é esse tal mestrado. Em sua simplicidade Fátima respondeu que era um tipo de curso que as pessoas fazem. Conversamos um pouco mais e elas se sentiram importantes em participar de um trabalho que virá a se tornar um trabalho escrito. Débora sempre presente comentava com sua irmã: Flor do Campo como isso pode melhorar a quadra aqui prá nós? Flor do Campo respondeu que não sabia, mas que achava que isso seria bom para elas, afinal era uma forma de mostrar a situação do espaço para outras pessoas. As conversas que se seguiram nesse primeiro contato estavam cercadas de olhares apreensivos e desconfiados. **2B** Num grupo de onze

mulheres presentes nesse dia poucas falaram, mas todas estavam muito atentas e curiosas, notei que Tita estava meio abatida e também algumas conversas de “pé de ouvido”¹⁸ depois que a aula teve início, houve também perguntas de como eu estava pois fazia algum tempo que não me encontravam. Expliquei o motivo de minha ausência, mas que sempre estive envolvido com as atividades dali. Ester disse que o grupo se mantinha ali em grande parte por minha causa pois o tempo que estivemos juntos foi muito importante para elas. Podiam fazer atividades, mas que o mais legal eram as conversas, os desabafos e o carinho e afeto que recebiam umas das outras. Disse a elas que realmente sempre foi assim e que isso fazia muito bem e que era um ponto importante para elas pois o compartilhar hoje em dia é algo muito raro. 3A Um incidente também marcou esse nosso primeiro encontro, já próximo ao final da aula alguns meninos que estavam do lado de fora da quadra, aguardando o final para jogar, entraram rapidamente e sentaram nos bancos. Curiosas elas ficaram se entreolhando sem entender. Pouco depois ouviu-se um estampido, achávamos que era uma bomba, porém logo em seguida mais cinco foram ouvidos. Assustados todos foram próximos ao portão com cuidado onde nos deparamos com um policial que estava atirando em direção ao matagal nos fundos da quadra. Elas ficaram assustadas, e decidiram ir embora juntas. Tentei acalmá-las e pedi que esperassem, porém, Raquel rezando disse que preferia ir embora, solidariamente todo o grupo saiu junto apreensivo e receoso, porém solidário a colega. 4B Lentamente nos retiramos do local, os meninos que haviam entrado se colocaram entre as mulheres e juntos também deixaram o local. Elas estavam indignadas. Bela disse que fazem isso só na periferia vê se nos bairros onde mora gente do dinheiro eles fazem esse tipo de coisa. 5B Juliana irritada dizia em voz baixa: Ao invés de prenderem ladrão ficam aí assustando a gente. Débora concordou comentando que nos colocaram em perigo pois ele atirou num local onde várias crianças brincam. 6B Ester sempre quieta estava de cabeça baixa e olhando para o chão e assim permaneceu até se afastar do local. Fátima, que tem um filho ex-detento comentou: Depois querem que a gente confie neles, não respeitam nem nosso local de aula, precisavam assustar a gente e os meninos. Notei que como águias que protegem suas crias elas se colocaram ao redor dos meninos e protegendo-os subiram a rua e os deixaram em segurança. Percebi que o cuidado com o outro e inclusive com aqueles que são do bairro é algo muito presente e importante para elas dentro da comunidade. 7B Assim, mesmo de forma conturbada, terminamos nosso primeiro encontro nos despedindo longe da quadra, mas como era quando dava aula regularmente, com abraços e desejos de saúde e paz.

DIÁRIO DE CAMPO II

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

¹⁸ Expressão popular que significa: dizer em voz baixa, em segredo. Fonte: Dicionário Informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/ao%20p%C3%A9%20do%20ouvido/>, acesso em 10/maio/2015.

Participantes presentes: Nove – Juliana, Mirian, Fátima, Raquel, Débora, Isabel, Thelma, Tita e Flor do Campo.

Era uma tarde ensolarada e quente e quando cheguei à quadra, notei que o grupo já estava reunido do lado de fora, conversando. Percebi que estavam presentes oito das onze participantes, mas que havia alguém que já fez parte do grupo por muitos anos que estava ali novamente. A tônica das conversas girava em torno do grande aumento de casos de dengue na cidade, em especial do bairro vizinho, o Santa Elisa com grande número de pessoas infectadas. O grupo comentava que há muitas pessoas dos arredores da quadra que já ficaram doentes, inclusive o professor de handebol das crianças. Fátima trouxe para as demais uma receita de repelente caseiro e me perguntou-me se eu poderia tirar cópia para todas. As demais participantes ficaram curiosas sobre a receita que é basicamente formada por cravo da índia e álcool. Ficaram questionando como utilizar e se realmente era eficaz. Fátima disse que sim e eu se utiliza passando o líquido no corpo, evitando picadas, pois o odor repele os mosquitos da dengue.**1A** O grupo estava muito contente pela volta da Thelma. Ela foi companheira do grupo por muitos anos e em 2014 afastou-se do grupo. Ela retornou e todas estavam preocupadas em recebê-la com muita atenção e carinho. Vim, a saber, por Luiza que ela é irmã do pai do aluno de handebol que faleceu no fim do ano com a doença do carrapato (febre maculosa), além disso, dois meses antes havia perdido o marido e pouco antes da virada do ano perdeu o pai. Percebi então que todo o cuidado e atenção que estavam lhe dedicando era uma forma de coloca-la par cima, para compensar um pouco todo o sofrimento que passou. Débora sempre alegre procurou o tempo todo da conversa e durante a aula falar de coisas agradáveis e palavras de positividade.**2A** Elas aproveitaram a conversa para mostrar que estão inquietas com a nova infestação de pombas na quadra e que devido a isso o chão está acumulando as fezes desses pombos e que podem prejudicar a saúde de todos ali, principalmente das crianças.**3B** Iniciamos as atividades caminhando e durante a caminhada elas comentaram sobre a possibilidade de se agendar uma limpeza no local e que se não haveria problema em lavar o local, pois devido à seca estão recomendando que não se desperdice água. Depois passaram a realizar alguns exercícios localizados, tradicionalmente se trabalham exercícios de pernas, braços, abdome e alongamentos. Juliana pediu para que se realizasse algum exercício para o bumbum, pois achava que o dela está meio caído. As demais deram risada, mas comentaram que isso é bom, afinal para as mulheres o que mais preocupa é ficar com o bumbum caído e os braços moles.**4A** Durante um exercício para membros superiores, o polichinelo, Raquel disse que não iria fazer, pois estava com muita dor nos ombros e na cervical por ter costurado demais, segundo ela, varou a noite costurando para entregar um pedido. Débora chamou sua atenção dizendo que isso não é bom pois além de prejudicar o corpo ela perdeu uma noite inteira de sono correndo o risco de se machucar na máquina de costura.**5A** Raquel que não gosta muito de ser chamada a atenção se calou, porém, notei em sua fisionomia que fez uma expressão de não ter gostado do que a amiga falou. Os momentos das atividades são levados muito a sério por elas, mas com bastante alegria e descontração, Raquel que tem um jeito sério

quando se junta com Juliana fazem piadas, dão risadas e ficam vermelhas com algumas besteiras que soltam para o grupo, e segundo elas isso muito bom para a saúde e o espírito delas pois no dia a dia não tem tempo para se divertirem. **6A** Ao final realizamos uma série de alongamentos de braços, pernas, cervical e Débora disse que essa parte é muito boa, pois parece que tira as dores do corpo, Thelma que ficou muito tempo afastada reclamou um pouco disse que talvez estivesse sentindo dor ao se alongar por estar “enferrujada”. Fátima reforçou o pedido para que eu traga a receita do repelente para todas e que todas se cuidem, pois, a dengue é uma doença muito séria. **7A** O grupo que contou nesse dia com dez participantes conversou sobre chamar mais “meninas”, segundo Flor do Campo, “é importante que todas estejam juntas”. As demais concordaram com a colocação dela e disseram que vão conversar com as ausentes. Isabel que chegou um pouco atrasada comentou que demorou em chegar porque estava no médico cuidando de um “esporão” (calcaneodinia) no pé direito e da coluna lombar que a estão incomodando muito, ela acha que pode ser devido ao longo período que carregou seu filho para fisioterapias (Isabel tem um filho que ficou paraplégico aos 15 anos, porém devido a sua persistência e determinação hoje já com 30 anos, seu filho embora com algumas limitações voltou a andar). **8A** Comentou que mesmo com dor não falta aos encontros pois esse é um horário o qual reserva para ela, pois no convívio com as colegas consegue se sentir bem, pode falar e ser ouvida e trocar ideias e informações. **9A** Ao final do encontro decidiram pedir se seria possível realizar atividades com colchonete, combinando com todas para trazerem seus colchonetes. **10B** Como sempre se despediram de forma muito carinhosa com abraços e muitos beijos e pedindo a Deus que cuidasse de todas, cobrando que na quarta ninguém faltasse ao encontro. **11A**

DIÁRIO DE CAMPO III

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Dez – Juliana, Bela, Mirian, Fátima, Raquel, Débora, Ester, Isabel, Esmeralda e Flor do Campo.

Como de costume cheguei um pouco mais cedo do horário previsto, era uma tarde quente e abafada. Quando cheguei Fátima, Flor do Campo e Débora já estavam aguardando na quadra esperando o final do treino do handebol para se sentarem nos bancos. Faltava ainda alguns minutos e elas começaram a falar da importância que esse trabalho do handebol tem feito com as crianças do bairro. Nesse momento chega Isabel e entra na conversa confirmando o que ouviu do grupo, afinal seu neto é um dos atletas mirins do handebol. Ao fim da aula de handebol, todas as crianças e o professor Gustavo passaram pelas mulheres conversando e ouvindo os elogios delas para com eles. Quando o restante do grupo chegou, elas já tinham mudado de assunto, comentando ainda sobre os problemas com a dengue. Comentaram sobre Tita que ficaria afastada uns dias devido a uma cirurgia de catarata, mas o que as estava deixando preocupadas é que além da cirurgia ficaram sabendo que Tita havia contraído dengue e devido a sua idade e constituição física, que segundo Flor do Campo “é bem fraquinha e

que poderia ficar bem ruinzinha”. As demais se solidarizaram e combinaram que depois da aula iriam fazer uma visita a Tita.**1A** Fátima veio me cobrar sobre a cópia das receitas caseiras que elas haviam passado, argumentei que havia deixado para tirar xerox, porém o atendente da Secretaria Municipal de Esportes não teve tempo para tirar as cópias, mas me prometeu que para a próxima aula estaria com as cópias feitas.**2B** Elas entenderam e pediram para acrescentar uma receita de álcool, iodo, cânfora e arnica que haviam comentado ser muito boa para tirar dor nas pernas. Raquel que sugeriu a receita disse que sempre que tem dores nas pernas usa essa mistura e que é muito boa para relaxar.**3A** Mirian agradeceu a amiga pelo ensinamento e disse que ia aguardar a receita impressa, pois tinha medo de fazer errado em casa, mas que seria muito bom, pois tem muitas dores nas pernas depois de um dia de faxina.

Iniciamos então alguns alongamentos, para pernas e braços, tocar a ponta dos pés, tríceps e trapézio, pois já contávamos com 10 meninas (uso bastante a expressão meninas inclusive nas falas, pois elas se sentem elogiadas com isso) e uma das coisas que elas presam é o respeito aos horários ou seja início às dezessete horas e cinco sem falta. Estávamos alongando quando Juliana chegou, ela que é sempre brincalhona disse que estava um pouco chateada porque seu vizinho havia provocado um acidente de carro ao entrar na garagem e atropelou sua mulher prensando-a na parede e ela estava bem incomodada com tal. As demais tentaram lhe animar um pouco, mas notei que isso a deixou bem apreensiva.**4A** Durante a caminhada Débora, Flor do Campo e Thelma, cobraram das demais colegas o colchonete, visto que só elas haviam trazido e que elas haviam combinado que todas trariam, assim ficou acertado ao final do nosso encontro que na próxima segunda todas trariam e que deveriam no fim de semana lembrar a todas que se encontrassem para reforçar a lembrança.**5B** Já dentro dos exercícios localizados, flexão e extensão de pernas, braços, dentre outros, elas comentaram notícias que ouviram no rádio sobre o abandono da cidade por parte do prefeito e que a culpa dessa epidemia se deve em grande parte a esse descaso do prefeito que preferiu em fevereiro fazer carnaval ao invés de investir na prevenção da dengue.**6B** Flor do Campo me pergunta o que eu penso sobre isso. Respondo a ela que embora muitas cidades da região não tenham feito carnaval de rua devido em sua maioria a problemas financeiros, Rio Claro tem tradição nessa festa e assim seria difícil o prefeito tivesse cancelado. Quanto a dengue não só Rio Claro, mas toda região, está tomando as providências necessárias com campanhas, dedetizações e tudo que é possível de se fazer. Isabel entra na conversa e fala que realmente grande parte da culpa é do próprio povo, pois é só ver nos bairros do entorno, Santa Elisa, Boa Vista e no próprio Panorama a quantidade de lixo que fica jogada na rua, a prefeitura limpa dois dias depois tá cheio de lixo novamente. Isabel comentou também que seu neto lhe disse que o professor de handebol, Gustavo estava indignado com a sujeira dos pombos pois isso poderia provocar doenças. Ela me pediu se não poderia intervir nessa situação. Expliquei a ela que estamos com número reduzido de funcionários, mas que dentro do possível iria pedir que agendassem a limpeza. Ao final das atividades, realizamos alongamentos para as pernas, braços, tríceps, laterais e elas se despediram com beijos e abraços desejando

um bom resto de semana e fim de semana, pois muitas só vão se encontrar novamente na próxima segunda feira, mas que não se esquecessem do combinado sobre o colchonete. 7A

DIÁRIO DE CAMPO IV

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Dez – Juliana, Bela, Esmeralda, Fátima, Raquel, Débora, Ester, Isabel, Thelma e Flor do Campo.

Estava uma tarde ensolarada e quente com grandes possibilidades de chuva. Levando em consideração as falas de nosso encontro anterior, resolvi mudar meu caminho vindo por dentro do bairro Santa Elisa, muito comentado pelas alunas pelos casos de dengue e sujeira. Pelo trajeto, cruzei com uma quantidade muito grande de lixo e sujeira, não só no bairro Santa Elisa, mas também nas ruas paralelas à quadra. Quando entrei na quadra, já se encontravam ali dez alunas conversando com Adriana a responsável pelo local, questionando de onde havia vindo tanto lixo que estava jogado ali. **1A** Adriana comentou que com a chuva do fim de semana muitos sacos de lixo tinham decido com a enxurrada, porém já havia pedido para que a prefeitura retirasse esse entulho do local. Isabel reafirma: “é, a prefeitura tira, mas pode ter certeza que no dia seguinte tem lixo novamente”. Outra queixa das alunas, aproveitando que Adriana estava com tempo foi sobre o corte do mato ao lado de toda a quadra, mato esse que já gerava o aparecimento de aranhas, escorpiões e Juliana, que mora em frente à quadra disse ter visto sair uma cobra dos fundos do ginásio. 2B Por outro lado, notei que elas estavam bem contentes, elas disseram que isso se deve ao fato de saberem pela Adriana que havia sido prometido que lavariam a quadra para elas para a próxima aula, fato que elas esperam que aconteça visto que devido a ser um local aberto a grande quantidade de sujeira de pombos, gera inquietação nas alunas afinal pode trazer doenças. Elas antes de qualquer atividade, me perguntaram sobre as receitas que eu havia combinado de trazer, falei para elas que ao final do encontro entregaria, pois assim não correriam o risco de sujar as folhas.3B Elas me cobraram de pedir que se corte o mato e se lave a quadra regularmente, pois a Adriana já tinha dito que isso seria feito, porém não aconteceu. Expliquei novamente que a Adriana não tem culpa direta sobre isso, afinal a limpeza é feita pela Secretaria de Esportes, e devido a diversos funcionários estarem com dengue o número de pessoas trabalhando está bem reduzido, atrasando toda a programação de limpeza. Elas entenderam e esperam uma solução. Raquel, que já passou por uma dengue disse para terem paciência, pois essa doença é muito ruim e que não dá mesmo para trabalhar. Vamos alongar disse Débora, já é mais de dezessete e cinco e não podemos começar atrasados. Durante a caminhada, em relação a limpeza Flor do Campo sempre otimista disse “vamos tocando assim mesmo, quando der eles vêm limpar”, já prometeram limpeza para a próxima aula, está bom. Juliana ainda estava um pouco apreensiva com o ocorrido com sua vizinha, e comentou que ela ainda estava internada e que o marido havia ficado em choque pelo fato de atropelar a mulher. As outras alunas mais uma vez deram uma força para ela dizendo que tudo dará certo e que

vão orar pela recuperação da moça. Ao passarmos para os exercícios, pudemos realizar os mesmos deitados, afinal elas se lembraram de trazer seus colchonetes fato que contentou grande parte do grupo, em especial as que haviam proposto o combinado. **4B.** Durante a execução das atividades Fátima Flor do Campo e Débora comentaram que ainda não tinham tido tempo de visitar Tita, mas que sem falta iriam até a casa dela, tiveram notícias de uma vizinha dela que ela ficou bem debilitada e que teve que ir várias vezes a “tenda” (local improvisado pela Secretaria da Saúde para atendimento exclusivo dos pacientes de dengue) para tomar soro. **5A** As demais alunas também se comprometeram de ir, porém ficaram preocupadas se um número tão grande de pessoas não iria incomodar Tita. Durante uma conversa já ao final das atividades, Flor do campo comenta que se sente um pouco isolada no bairro pois tem poucas opções de lazer, Esmeralda diz que é bobagem pois o bairro está repleto de coisas que ela pode fazer, **6C** aproveitando o diálogo, coloquei a elas para pensarem e dialogarem em casa sobre suas ideias do que seria lazer e que no próximo encontro conversaríamos mais sobre o assunto. Ao final das atividades realizamos alongamentos para braços, pernas, laterais e cervical e entreguei as apostilas, lemos juntos e descobri que Juliana realmente não saber ler, assim explicamos juntos, como deveriam ser feitas as fórmulas para que ela entendesse como fazer o repelente e a mistura para dor nas pernas. Fátima disse que caso ela tivesse alguma dúvida para ir à casa dela que ela ajudaria a fazer as receitas. **7A** Quando terminamos elas comentaram que foi bom realizar as atividades no colchonete, mas que com o chão empoeirado daquele jeito não se sentiram confortáveis. Se despediram com abraços e eu pedi que quando fossem visitar Tita que dessem um grande beijo nela por mim. Elas disseram que seria dado de coração.

DIÁRIO DE CAMPO V

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Nove – Juliana, Bela, Esmeralda, Fátima, Raquel, Débora, Isabel, Thelma e Flor do Campo.

Era uma tarde abafada e de sol encoberto quando cheguei para o encontro e 5 alunas do grupo Raquel, Débora, Flor do Campo, Isabel, e Fátima já estavam no local, percebi que estavam contentes e falantes, assim que entrei elas me explicaram o motivo dessa alegria, haviam lavado a quadra e estava até mais fresco o ar lá dentro. Fátima me perguntou se eu tinha algo a ver com a limpeza, disse a elas que eu apenas havia reforçado a necessidade dessa limpeza e que haviam me dito que lavariam o mais breve possível, porém não sabia que seria tão rápido. Devido ao adiantado da hora já era mais de dezessete e cinco iniciamos os alongamentos **1B.** Nesse interim chegaram Bela e Esmeralda, Thelma e Juliana, ficando o grupo com nove alunas nesse encontro. Durante a caminhada elas aproveitaram para comentar novamente sobre o lixo que vem se acumulando nas ruas próximas e a preocupação com doenças como leptospirose devido aos ratos, escorpiões e claro a dengue **2B.** Outra preocupação que vem afligindo os moradores do bairro é que tem aumentado muito o número de barracos na rua que desce da quadra. Elas estão bastante preocupadas. Isabel que mora próximo ao local disse que

os moradores têm roubado energia dos fios, o famoso gato, e que outro dia viu um adolescente escalando o poste para pendurar um fio na rede e que se ele tomasse um choque poderia ser perigoso. Juliana alertou que não tinha certeza mas acha que viu um dos moradores fazendo uma ligação clandestina nos canos de água da própria quadra para levar água para o barraco.**3B** Essa situação foi informada por mim para a Adriana que ainda se encontrava no local e que me disse que iria investigar. Quanto ao lixo, expliquei a elas que realmente há uma quantidade bem grande de lixo e entulho, que deveriam ser retirados, mas há também materiais e sucatas que são comprados pelo dono de um ferro velho próximo aos barracos, e que infelizmente esse material não pode ser removido, deve sim haver uma fiscalização para que ele acomode esse material de forma adequada, e não o jogar de qualquer forma na rua. Bela comenta que existe ainda um morador que cercou o local e ali cria bois e porcos, provocando um mau cheiro muito grande. Elas reclamaram bastante, com ele, mas ele disse que nada pode fazer afinal porco cheira porco. Elas disseram que o morador é meio sem educação quando alguém fala come ele. Iniciamos hoje direto com a caminhada pois Isabel disse que seu marido não gosta que ela atrase, assim horário é horário. Dentro da caminhada elas informaram que conversaram em casa sobre o que seria o lazer, propus então que ao final da caminhada expusessem suas ideias. Ainda durante a caminhada notou-se uma grande preocupação do grupo é se esses moradores invadirem a quadra, como elas ficarão se isso acontecer? Discutimos bastante a questão levando em consideração que existe um grupo que ajuda a tomar conta do local, chegamos a um consenso de que por mais que eles estejam se aproximando, a quadra é um local seguro e privilegiado pois atende o dia todo moradores do bairro e é respeitada por toda a comunidade.**4B** Flor do Campo levou um vidrinho spray com a fórmula de repelente e disse que está dando resultado e que aproveitou para colocar também no chão da casa, pois além de espantar os pernilongos, espanta as moscas. Todas trouxeram novamente seus colchonetes e disseram que num chão limpo como esse dava até gosto de fazer atividades sentadas, sendo assim passamos a realização de alguns exercícios. Passei para elas alguns exercícios como equilibrar-se em uma das pernas, depois na outra, abdominais em prancha, agachamento, dentre outros e elas ficaram bem animadas. Durante a execução elas começaram a expor suas concepções de lazer, para Juliana, “lazer é uma forma que ela tem de poder encontrar com minhas amigas e conversa, caminha e bate papo. É um tempo só pra mim.”**5C**, já Isabel a que concordou com Juliana, diz que para ela além disso acha que “fazer meus bolinhos e passear no Lago Azul onde fico sentada olhando o povo caminhar e as vezes até caminho junto e uso os aparelhos de ginástica do Lago” é lazer.**6C** Notei que várias mulheres concordaram com Juliana, umas com falas outras apenas com os olhares. Perguntei se acham que o Lago Azul não seria um tanto longe para elas, mas Fátima e Débora responderam que acham que não muito, pois quando tem disponibilidade de tempo costumam ir até lá, porém para as demais concordaram que fica bem fora de mão. **7C** Para Fátima lazer é descer na quadra e conversar e ver as crianças treinando. Ela diz que “curte muito assistir os treinos dos meninos e que tem netos que frequentam o local”. Porém conversou com o marido e ele acha que lazer “é

jogar futebol e ir pescar de domingo, tomar cerveja com os amigos depois do trabalho, (segundo ela ritual sagrado do marido) ”, afinal já trabalha muito a semana toda. 8C Raquel opinou que lazer para ela é “estar com a família, os amigos, é poder estar junto com as pessoas com as quais me sinto bem, é poder ir junto na quadra, fazer passeios, ir as compras” 9C Flor do Campo disse que tem como lazer “fazer aula e cuidar da minha horta que tenho no fundo do quintal da minha casa. Outro dia pinte a casa inteira acho que para mim também foi lazer, pois me diverti muito” 10C. Débora a mais idosa do grupo disse que para ela “lazer é quando sai passear, fazer aula na quadra e está com as amigas pois os netos já estão grandes e não ligam mais para ela” 11C. Isabel disse “Fio pra mim lazer é quando reúno todos meus netos em casa e passo o dia com a família inteira e quando estou aqui” 12C. Notamos que elas concordaram com essas colocações das colegas e algumas preferiram não se manifestar, deixei a possibilidade de fazer suas colocações nos próximos encontros e de pensarem um pouco sobre os espaços destinados ao lazer existentes no bairro. Perguntei sobre Tita e elas comentaram que Fátima, Flor do Campo e Débora, foram visitar Tita que está em fase de recuperação da dengue. Elas ficaram bem animadas pois Tita disse que está bem melhor, porém com muita fraqueza, mas que ficou muito feliz com a visita das amigas e que também retribuía o beijo que eu havia mandado para ela. 13A Fátima disse que passou a receita de uma sopa que ajuda a recuperar rápido esse mal-estar. Thelma que está se levantando de grandes adversidades comentou que sua vizinha tomou sopa de inhame e que ajudou bastante a se recuperar dos sintomas da dengue. 14A Elas fizeram as atividades mais motivadas, talvez incentivadas pela limpeza do espaço e aproveitando que o professor de handebol havia desenhado retângulos no chão elas brincaram de pular amarelinha, pareciam crianças se divertindo. 15A Realizamos um alongamento final e antes de nos despedirmos Débora a mais idosa do grupo, agradeceu em nome de todas a limpeza do espaço e que se fosse necessário em algumas ocasiões elas poderiam ajudar nessa limpeza, afinal é para o benefício delas mesmas, as demais reforçaram essa sugestão e o agradecimento e com muitos beijos e abraços o grupo se despediu. 16B

DIÁRIO DE CAMPO VI

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Dez – Bela, Mirian, Fátima, Raquel, Débora, Ester, Isabel, Esmeralda, Thelma e Flor do Campo.

Era uma tarde de Sol quente quando cheguei à quadra. A maior parte do grupo já se encontrava conversando no local, como de costume e aguardando a liberação do espaço pelos alunos do handebol. As conversas que pude observar giravam em torno da manifestação que havia ocorrido no domingo dia 15. Uma preocupação de Flor do Campo era se as colegas achavam que poderia haver alguma coisa que as afetasse devido a essas manifestações. Débora a mais experiente do grupo, irmã de Flor do Campo disse a mim que ela era boba, onde já se viu um problema lá em Brasília atrapalhar a quadra, a Dilma nem sabe que elas existem e que ela achava que não teriam

problemas com isso, afinal a manifestação foi longe, lá em Brasília e São Paulo, porém Raquel lembrou que não era bem assim, que houve também manifestação em Rio Claro e que inclusive seu neto participou. As demais ficaram um pouco receosas e não tinham certeza se realmente haveria algum problema para elas. **1B** Devido à polêmica do tema e o fim das atividades do handebol, sugeri darmos continuidade à conversa durante a aula, afinal elas cobram que os horários sejam cumpridos. **2B** Assim iniciamos os alongamentos para pernas e braços como sempre e Mirian reclamou bastante para realizar os movimentos, ela disse que estava com bastante dor, pois havia feito uma faxina de derrubar a casa no dia anterior e que hoje estava bem dolorida. **3A** Expliquei a ela que fizesse o que fosse possível e que o importante era ela não sentir mais dor. Iniciamos a caminhada e Thelma retomou as conversas sobre as manifestações, ela estava apreensiva, pois ouviu dizer que a Dilma ia mexer na aposentadoria e na poupança das pessoas, e que ela já tinha feito mudanças na lei sobre a pensão. Flor do Campo pede um aparte e reclama também sobre as mudanças no seguro desemprego e que isso iria prejudicar muitos trabalhadores. Isabel retruca que isso aconteceu porque muitos trabalhadores estavam abusando desse seguro e que para ela foi certo o que aconteceu. E comentou que para ela não é só culpa da Dilma ou do PT, que ela leu num jornal que esses problemas de corrupção já vêm de longa data, mas que só agora foram descobertos. Bela, Fátima e Esmeralda concordaram com ela, e disseram que na política infelizmente é sempre assim eles começam como santos e depois de eleitos viram a casaca para o povo. **4B** Enquanto fazíamos as atividades localizadas, retomou-se o assunto que tem sido a tônica de nossos encontros, o grande número de casos de dengue que estão assolando a cidade e que no bairro como elas já haviam comentado anteriormente cresceu muito o número de casos esta semana. Elas acham que o número crescente de barracos é um dos motivadores do acúmulo de sujeira. Fátima complementa que a maior preocupação para ela continua sendo a grande quantidade de lixo que eles estão jogando na rua e que não adianta nada elas cuidarem das casas se esse lixo todo permanecer ali como criadouro do mosquito, **5B** ela também justificou que a Juliana não iria comparecer no encontro de hoje pois seu marido havia derrubado o portão de entrada da casa no pé e necessitou ser internado com fratura exposta, assim ela estava acompanhando o marido hoje. As que não sabiam do acontecido ficaram inquietas, pois para elas foi algo grave que aconteceu. Elas estavam preocupadas também se a prefeitura vai reformar as telas de proteção lateral do espaço pois está tendo um aumento do número de pombos no local o que prejudica bastante a higiene e a saúde no local. **6A** Elas perguntaram qual minha opinião sobre as manifestações, eu disse que toda reivindicação realizada de forma pacífica e organizada faz parte da democracia, nesse momento Fátima faz um aparte de que fazia muitos anos que havia visto isso acontecer mas que não podiam se manifestar pois quando era jovem os militares não permitiam que se falasse nada nas ruas. Comentou ainda que as pessoas que falam da volta do militarismo são as pessoas que não passaram as dificuldades daquela época, foram tempos bem duros com muito medo nas ruas principalmente em São Paulo onde eu morava. As demais ouviram e concordaram com ela afinal disseram

ter sentido na pele as consequências do militarismo. Essa concordância acredito se deva pelo fato de que todas estão dentro de uma faixa etária aproximada, Bela que é mais nova não chegou a vivenciar o militarismo mas disse que também concordava afinal pelo que havia estudado o militarismo não foi uma boa época para o país. **7B** Conversamos ainda sobre os possíveis locais para lazer que o bairro proporciona, todas foram categóricas em afirmar que para elas o único espaço que consideram de lazer no bairro é a quadra, pois os outros locais como o lago Azul que algumas já haviam dito ser uma opção e o Centro Social João Rehder ficam muito fora de mão para elas e não pertencem ao bairro. **8C** Reclamaram que poderiam colocar uma academia ao ar livre ao lado da quadra, mas que como é bairro afastado acham difícil pois tudo que é colocado acaba sendo abandonado e se deteriora, segundo Flor do Campo “mal da periferia” **9C.** Comentei sobre o campo de futebol que existe no bairro, elas comentaram que é um espaço de lazer, mas somente para os homens que se reúnem aos finais de semana para jogar, beber e assistir futebol na TV, e que durante a semana vive trancado. Thelma disse que passa por lá e que durante a semana os manos invadem o espaço para utilizar drogas, afastando assim as pessoas do local. Esmeralda complementa que antes há muito tempo o local onde ficavam era a quadra, mas depois que passaram a ter atividades diárias ali os manos saíram para o campo de futebol. **10C** Partimos para os alongamentos finais trabalhando as pernas, braços e cervical e Mirian comentou que estava se sentindo melhor e me perguntou qual seria meu trajeto e se não poderia lhe dar uma carona, pois estava receosa de ficar sozinha com os novos moradores dos barracos aguardando o ônibus. Como meu trajeto ficava próximo a sua casa que se localiza no Wenzel, bairro um pouco distante do Panorama, disse que lhe dava carona sem problemas, mas que todos os meninos que estavam na praça são ex-alunos da quadra e que ela, caso precise pode esperar o ônibus tranquilamente pois esses meninos na verdade protegem todos que frequentam a quadra. Fátima reafirma minha fala dizendo a Mirian que ali todas estão em segurança pois a “comunidade” (entendi a palavra comunidade como a proteção que é oferecida a quem é do bairro) cuida da quadra e de quem dela usufrui. Ao final se despediram com abraços e beijos.

DIÁRIO DE CAMPO VII

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Um – Raquel.

Quando eram quase quinze horas, caiu uma chuva que parecia que o céu ia desabar, fiquei, preocupado, pois as alunas sabem que quando há uma chuva muito forte a quadra fica alagada, porém sempre uma ou outra comparece. Fui até a quadra esperando que poucas alunas iriam comparecer, porém só Raquel veio, conversou um pouco sobre como é ruim quando chove, pois, a quadra fica alagada e só nos resta um espacinho no meio dela para execução de alguma atividade, além disso Raquel explica que a maioria não vem porque é praticamente impossível atravessar as ruas de baixo devido a enxurrada muito forte. Concordei com ela pois tentei vir até a quadra cortando caminho pelo bairro Santa Elisa, porém um córrego que passa nesse bairro havia enchido e

parecia um rio, forçando-me a retornar e fazer um caminho bem mais longo. Ela comentou que está preocupada pois quando chove assim se acumula muito lixo nos quarteirões próximos a quadra e com esse surto de dengue ela nem imagina o que vai ser. **1B** Disse a ela que infelizmente quando chove dessa maneira é muito difícil prever alguma coisa pois a quantidade de água é muito grande e provoca estragos. Conversamos um pouco com Adriana que ainda estava no local pois não havia conseguido sair devido à chuva. Ela lembrou que há muitos anos (especificamente 2005) foi contratada uma prestadora de serviços para construir uma canaleta na volta toda da quadra para escoamento de água de limpeza e chuva, porém a empreiteira terminou o serviço de manutenção do espaço sem sequer iniciar essa melhoria. **2B** Raquel disse que iria embora pois estava preocupada de que pudesse entrar água em sua casa e que seu marido não daria conta se isso ocorresse. Disse a ela que tomasse cuidado na rua pois a chuva estava forte e era perigoso escorregar e se machucar. Ela agradeceu a preocupação e abraçando a Adriana e a mim se despediu. E aguardei mais alguns minutos até que Domingos, marido de Adriana chegasse para leva-la embora, nesse interim Adriana se lembrou de me avisar que Fátima e Flor do Campo e Débora haviam ligado dizendo que não viriam. Quando ele chegou uns vinte minutos depois de Raquel ter saído cumprimentei Domingos que sem descer do carro levou Adriana embora.

DIÁRIO DE CAMPO VIII

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Dez – Juliana, Mirian, Bela, Esmeralda, Fátima, Raquel, Débora, Isabel, Thelma e Flor do Campo.

Estava um dia bem quente e abafado com grandes probabilidades de chuva à noite. Cheguei à quadra com alguns minutos de atraso devido a uma reunião convocada pelo secretário de esportes de última hora. Quando cheguei com cerca de oito minutos de atraso, já estavam no espaço dez meninas realizando caminhada, perguntei como tinham se organizado e Débora disse que como eu não havia dito que não iria ela tinha certeza que eu estava chegando, mas que como horário é horário, assim que deu dezessete e cinco pediu as meninas que iniciassem um alongamento. **1B** Elas concordaram e coletivamente cada uma executou um exercício seguida pelas demais. Depois disso, elas iniciaram a caminhada e logo na primeira volta eu cheguei. Pedi mil desculpas pelo ocorrido, mas como foi de última hora não tive nem tempo de ligar para elas, elas entenderam e disseram que ficam preocupadas pois eu não costumo faltar. Fátima comentou sobre a ausência do dia anterior e se haviam me avisado que ela ligou. Respondi que a Adriana havia me dito que ela ligou comunicando que devido à quantidade de chuva não tinha mesmo como descer até a quadra. Mirian disse que seu vizinho teve grandes problemas pois a chuva destelhou parte de sua casa e que ele teve bastante prejuízo e que esse prejuízo só não foi maior porque ela e sua menina junto com mais dois vizinhos de frente ajudaram a tirar as coisas da casa. **2B** Quando

iniciamos os exercícios localizados, Raquel, que notou a ausência de Juliana na aula, pediu notícias sobre o marido dela, afinal desde que ficou sabendo do acidente dele não viu mais a Juliana. Débora e Bela disseram para Raquel que ele estava melhor, mas que precisou fazer cirurgia no pé e que estava indo todo dia ao médico para fazer curativos, sendo Juliana com a ajuda de um vizinho que tem carro que estavam nesse leva e traz. **3B** Raquel ficou mais tranquila. Isabel comenta que está preocupada com “meu véio” forma carinhosa como chama seu marido pois ele está com muitas dores no corpo e enjoado, ela está com medo que seja dengue. Thelma e Débora disseram a ela que de bastante água para ele, independentemente de ser ou não dengue, pois caso seja a água vai ajudar ele a não ficar muito ruim. **4A** Perguntei onde elas ouviram falar da importância da hidratação elas comentaram que no programa do “Jugurta” (nome de um radialista da cidade) estão falando a todo o momento sobre a importância de se tomar muito líquido e se evitar comidas de difícil digestão. **5A** Percebi que principalmente Isabel estava inquieta quanto ao tempo, tanto que eu ia propor um acréscimo na aula devido ao meu atraso, mas nem o fiz, pois sua inquietude contaminou a todas para que acabássemos a aula no horário e como elas dizem horário é horário, assim começamos uns alongamentos e em seguida nos despedimos com abraços e beijos e um fato comum entre elas, todas ofereceram ajuda à Isabel caso ela tenha alguma dificuldade em sua casa, (lembrando que Isabel é mãe de um rapaz em recuperação de paraplegia). Antes de sair mais uma vez pedi desculpas pelo atraso e assim partimos.

DIÁRIO DE CAMPO IX

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Onze – Juliana, Bela, Ester, Esmeralda, Fátima, Raquel, Débora, Isabel, Mirian, Thelma e Flor do Campo.

Estava um tempo com nuvens bem carregadas quando cheguei à quadra, porém as mulheres já estavam na quadra para o encontro. Nesse dia estavam presentes onze alunas. Começamos os alongamentos e Thelma reclamou dizendo estava com bastante dor no braço, atribuiu essa dor devido a uma limpeza mais pesada que fez em sua casa. Isabel estava ainda em alerta com seu marido, pois até o momento não sabia se era ou não dengue **1A**. Fátima comentou que numa farmácia do centro da cidade estão aplicando uma vacina contra a dengue que tem que tomar essa injeção a cada 20 dias. Comentei que estou meio apreensivo com isso pois a vacina para a dengue ainda está em fase de testes, porém ela insistiu que era vacina, mas não quis me dizer onde era a tal farmácia. Quando começamos a caminhar notei que todas as alunas ficaram bem interessadas, então coloquei a elas que havia passado na tevê uma matéria que o Instituto Butantã estava cadastrando voluntários para testar a vacina da dengue em caráter emergencial e que só em 2016 ela seria disponibilizada para a população. **2A** Flor do Campo disse que viu essa reportagem e que se é assim como podem estar vendendo vacina? Débora concorda e disse que achou muito estranho isso. Isabel disse que iria tomar mesmo assim, afinal se seu marido estiver mesmo com dengue ela corre o risco de pegar. Juliana que retornou hoje aos encontros e agora assumiu o papel de dona de

casa e enfermeira está preocupada se seu marido vier a pegar dengue pois ele está bem debilitado devido ao problema no pé. Fátima comenta que vai tomar também pois não quer ficar como Tita que segundo ficou sabendo emagreceu e está fraca devido a dengue.**3B** Enquanto fazíamos os exercícios de pernas, braços e abdome, Bela comenta que está preocupada com sua filha Esmeralda, pois com toda a dificuldade que ela tem (Esmeralda é PCD – Pessoa Com Deficiência) se pegar dengue pode ser bem perigoso, todas concordaram e pediram que ela tome bastante cuidado. **4A** Durante as atividades todas queriam saber como foi que o marido de Juliana derrubou o portão no pé, ela com toda sua simplicidade disse que ele estava pintando o portão e para isso tirou as dobradiças e que na hora de colocar de volta pediu ajuda a ela, mas que não sabe como o portão escapou e para não cair de uma vez ele colocou o pé para tentar segurar, momento em que o trinco transpassou seu pé. Elas ficaram espantadas e perguntaram o que foi feito depois. Juliana disse que chamou seu filho, mas o mesmo ao ver o sangue no pé do pai desmaiou assim seu vizinho foi quem lhe socorreu levando ela e o marido ao hospital. Ela disse que ele foi operado e que terá que andar uns dias de muleta, mas que se Deus quiser não há de ser nada. Sua maior preocupação, porém, é o fato de que o machucado já está com certo tempo e não cicatriza. Perguntei a ela se por acaso seu marido tomava algum medicamento e ela me disse que ele toma remédio para diabetes. Informei que os diabéticos têm problemas de cicatrização, principalmente nos pés (aprendi do modo mais difícil, recomendações a meu pai que era diabético) assim, ela deveria alertar os médicos sobre isso e ficar bem atenta ao fazer os curativos. Na parte final da aula enquanto estávamos realizando os alongamentos de pernas e braços, notou-se novamente a preocupação delas com a dengue, insistimos para que usem o repelente que passamos na receita e que tomem bastante água. Assim, o grupo estava bastante dividido em relação a remédios para a dengue mas unanime em tomar medidas para evita-la. Elas comentaram também que se tudo der certo vão visitar no dia 08 de abril a floresta do Horto, pois receberam um convite para ir com a igreja. Aproveitei para perguntar o porquê elas tinham tido interesse em ir até o Horto, Mirian comentou que quase não sai do bairro e que essa chance de ir ao Horto seria uma forma de lazer. Fátima complementa que é forma de passar um dia diferente, longe dos problemas da casa e da rotina do bairro. Achei interessantes as respostas e fomentei para que todas procurassem ir ao passeio, pois seria uma experiência diferente para elas. Elas estavam empolgadas com a ideia, mas disseram depender de organizar suas atividades para irem ao passeio.**5C**

DIÁRIO DE CAMPO X

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Dez – Juliana, Bela, Esmeralda, Fátima, Raquel, Débora, Isabel, Ester, Thelma e Flor do Campo.

Era uma tarde bem quente quando cheguei à quadra, as mulheres já estavam no local para o encontro. Nesse dia estavam presentes onze alunas. Como já eram mais de 17:00 e os meninos do handebol já haviam saído elas foram iniciando, pois Isabel não abria

mão de ir nos encontros, porém não pode demorar pois seu “véio” ainda não estava muito bom e agora que tinha sido confirmada a dengue ela precisava dar uma atenção maior para ele. 1A Durante os alongamentos, enquanto tentavam alcançar a ponta dos pés, elas tocaram novamente no assunto do passeio ao Horto com a igreja. Elas estavam especulando quem realmente iria, pois gostariam que todas fossem inclusive estenderam o convite a mim, porém por se tratar de um dia de semana informei que seria inviável. Thelma se mostrou ansiosa, pois sempre quis conhecer o local, mas nunca teve oportunidade. Débora e Flor do Campo disseram que pelo que ouviram falar que o espaço é muito bom, Flor do Campo disse até que dava para pescar lá e que se isso fosse verdade seria muito bom, pois ela gosta de pescar, mas faz muitos anos que não faz isso e embora o local seja dentro da cidade, para elas que moram no outro extremo fica muito fora de mão, por isso nunca foi ao Horto. 2C Durante os exercícios localizados a tônica das conversas era sobre o que poderiam fazer no Horto, porém Raquel levanta a dúvida se esse passeio não seria perigoso devido ao surto de dengue. Fátima disse que achava que não, pois deve haver muito mosquito, mas que não deve ser da dengue. Como meu filho frequenta o Clube dos Cavaleiros que se localiza dentro do Horto, expliquei a elas que Fátima tinha razão, que existe uma grande quantidade de mosquitos no local, mas são mosquitos de mato. Expliquei também que é importante o uso do repelente, pois as muriçocas picam bem doído. 3B Elas me perguntaram se nesse passeio elas iriam ver os cavalos. Eu respondi que não saberia informar, mas que seria bem interessante se isso ocorresse. Juliana estava apreensiva, pois para poder ir teria que encontrar alguém para tomar conta do seu marido, ele estava em casa, porém com restrições devido à cirurgia no pé. Juliana comentou que falou para o médico sobre a diabetes como eu havia lhe dito, o médico disse ser um dado importante e que como a cirurgia foi emergencial eles nem haviam atentado para esse fato, mas que iria ter mais atenção com isso. 4B Débora estava preocupada, pois agora além de Tita doente, o marido de Isabel e Juliana também estão em tratamento médico. Ela disse que é um ano muito difícil, muita gente doente tanta desgraça. Já entrando nos alongamentos finais Ester diz para Débora que não é bem assim que essas coisas acontecem e que não devemos ficar achando que é desgraça, são coisas que ocorrem e que são provocadas em grande parte pelo próprio homem. Elas dialogavam sobre como se organizarem e que tentariam encontrar ajuda para que todas pudessem ir, assim se despediram com abraços e beijos cobrando que todas estejam presentes no próximo encontro. 5B

DIÁRIO DE CAMPO XI

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Dez – Juliana, Bela, Esmeralda, Fátima, Raquel, Débora, Isabel, Tita, Mirian, Thelma e Flor do Campo.

Cheguei à quadra as 16:40, fazia calor, mas com bastantes nuvens escuras. Os alunos do handebol ainda estavam em aula e notei que Fátima e Isabel já estavam acomodadas no banco da pracinha próximo à quadra. Quando me viram chegar desceram em minha

direção e começamos a conversar. Isabel reclamou da correria, pois além de cuidar de seu filho (semi paraplégico) e seu marido com dengue, agora estava com dois netos em casa pelo fato da nora também ter pego dengue e não ter como cuidar das crianças. Ela sempre de bom astral disse que é assim mesmo, que sabe que é importante sua ajuda e que não reclama, pois gosta muito quando está com os netos. **1A** Fátima que tem sete netos disse que gosta muito das crianças, mas que já disse para seu filho que só fica com as crianças de fim de semana afinal as mães (são três mães diferentes) não trabalham e podem muito bem cuidar de seus filhos. Nesse interim foram chegando Débora, Flor do Campo, Tita, Bela e Esmeralda, Thelma, Raquel, Mirian e Juliana, assim nosso grupo ficou com onze alunas para esta data. Os alunos do handebol já estavam saindo da quadra, se despediram do professor e cumprimentaram as meninas da ginástica. Um dos meninos foi até Isabel e com um forte abraço e beijo a cumprimentou, era seu neto. Perguntei a elas o que achavam dessa relação dos alunos do handebol para com elas. Juliana respondeu que gosta bastante pois depois que começaram as aulas e os meninos começaram a treinar eles fazem menos bagunça, disse que seu vizinho parou de “atentar” e que agora está com outro comportamento na escola, segundo a mãe dele. **2B** Comentei que essa é uma das funções do esporte e com a ajuda do professor Gustavo certamente essa criançada vai descobrir novos mundos e possibilidades. Enquanto já iniciávamos os alongamentos Raquel disse que para ela foi muito bom isso, pois as crianças puderam sair da droga, seu vizinho que vivia na rua fumando com os colegas estava “outra criança” e que isso ajuda para melhorar a forma como o bairro é visto. **3B** Fátima lembrou a fala do Sr. Vicente, falecido há mais ou menos um mês, um dos moradores mais antigos e que morava defronte à quadra e que sempre lutou para a melhoria que dizia “moramos numa periferia se não lutarmos para melhorar nosso bairro e nosso espaço, ninguém fará isso por nós”. Concordamos com ela pois realmente “seu Vicente” como era carinhosamente chamado muitas vezes foi chamado de “véio chato”, louco, por chamar a atenção de alguns meninos e lutar por manter o espaço sempre em ordem e arrumado. **4B** Já dentro da caminhada, elas mudaram o rumo das conversas para como seria a logística para irem até o Horto no dia, pois tinham que confirmar o passeio e estavam inquietas se todas poderiam ir. Tita informou que não tinha ainda condições e que Mirian que já estava faltando há alguns dias não estava vindo porque sua filha estava com alguns problemas em casa e ela estava ajudando. Realmente falei que estava sentindo falta dela, mas achei que ela estava com dengue. Começamos os exercícios e passei alguns exercícios de corrida e lateralidade aproveitando uma escada de coordenação deixada no local pelos alunos do handebol e Fátima e Flor do Campo disseram que já tinham acertado e perguntou quem mais já havia se programado. Juliana disse que tinha pedido ao seu filho para tomar conta de seu pai e que iria também, Débora e Thelma também confirmaram presença, Isabel ainda não tinha certeza, mas que podiam deixar o lugar dela reservado até sexta feira que ela iria confirmar se sim ou se não. Tita disse que não iria, pois era muito tempo fora de casa, Bela estava propensa a ir mais disse que dependeria da disposição de Esmeralda, porém achava que daria para ir. Raquel falou que iria também, pois achava

legal poder se divertir em novos ares. Percebi que era quase unanime a decisão, Tita completa que não vai, mas que viria caminhar na quadra, Bela também disse que caso não desse para ir viria fazer caminhada. Estávamos iniciando os alongamentos finais de braços e pernas quando passa pela quadra Tita, com aparência bem debilitada e cansada. As meninas se apressaram em terminar os alongamentos e foram todas ao encontro de Tita e abraçando-a fortemente queriam saber como ela estava se sentindo. 5A Isabel pediu licença para sair, pois estava com compromisso em casa, assim as demais ficaram um tempinho a mais com Tita dando conselhos sobre como recobrar as energias mais rapidamente, sobre cuidados pós dengue como repouso de exercícios físicos, evitar comidas pesadas e bebidas alcóolicas. Ela se emocionou com o carinho das colegas e veio agradecer minha preocupação com ela. Após se despediram como de costume com abraços e beijos e contentes por terem visto a colega já um pouco melhor. 6A

DIÁRIO DE CAMPO XII

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Onze – Juliana, Bela, Esmeralda, Fátima, Raquel, Débora, Ester, Isabel, Mirian, Thelma e Flor do Campo.

Era uma tarde com bastante vento e sol encoberto quando cheguei na quadra. Faltavam ainda alguns minutos para as 17:00 e Débora, Flor do Campo, Thelma, Fátima e Juliana já estavam no portão. Os alunos do Handebol já haviam saído, pois o professor teria uma reunião e dispensou-os cinco minutos mais cedo. Elas vieram me falar que talvez no dia oito não teríamos encontro pois só Mirian e Bela não iriam ao passeio. Enquanto conversávamos, chegou o restante do grupo, assim estávamos novamente em onze pessoas. Aproveitando o momento do alongamento e a euforia do passeio e que Flor do Campo disse que gosta muito de pescaria perguntei novamente a elas sobre os espaços de lazer que são oferecidos a elas. Raquel reafirma de pronto que o único espaço que ela vê para lazer no bairro é a quadra. 1C Juliana pergunta então, mas o que é lazer? Pedi às meninas que lhe dessem a resposta e que eu seria o último a me pronunciar Fátima responde que para ela “lazer é alguma coisa que fazemos quando não estamos trabalhando, por exemplo viajar” outras participantes concordaram com a fala dela e deram como exemplos passear, pescar, dançar. 2C Enquanto caminhávamos me perguntaram se estava certo e eu disse que mais tarde iria me pronunciar. Já dentro das atividades localizadas Bela completa que a gente só tem a quadra porque o bairro é meio abandonado, moramos na periferia e os políticos só se lembram da gente quando é época de eleição. Se tivesse mais lazer para as crianças e para as famílias seria melhor, pois as crianças não mexeriam com droga ou roubo. 3B Juliana e Isabel concordaram com ela e Débora complementa: moro aqui há muito tempo, gosto muito do bairro e tem mais coisa, lá em cima tem o campo de futebol, o irmão do Carlão (presidente da associação de moradores) tem uma chacinha que de vez em quando ele faz festa para as crianças. 4C Raquel me pergunta se fazer um bolo seria lazer, ela disse: “fazer um bolo no fim da tarde para mim é lazer, é algo que eu gosto de fazer”. Nem todas concordaram que isso seria lazer, pois se assim fosse Débora disse que gosta de pintar a casa uma vez

por ano então seria lazer? Ela achava que não, lazer seria passear no lago azul, viajar, pescar aí sim. **5C** Fiz uma pergunta marota ao grupo, perguntei se elas achavam que: jogar futebol seria lazer? Elas disseram rapidamente que sim então questionei, para o Neymar jogar futebol seria lazer ou trabalho? Elas se entreolharam e responderam que seria trabalho, Juliana perguntou se não podia ser os dois**6C**, então coloquei ao grupo que para os meninos ou adultos que se reúnem para brincar trata-se de uma forma de lazer mas para os jogadores profissionais ele deixa de ser lazer e se torna trabalho, ou seja tudo depende da intenção. Pedi que refletissem também sobre a quadra, eu não poderia caminhar nas calçadas do bairro? Elas concordaram que sim, mas justificaram a segurança de estar na quadra**7C**. Quanto ao questionamento de Débora sobre a resposta de Raquel, coloquei que tanto a confecção do bolo como a pintura que ela faz poderia ser sim considerada formas de lazer, afinal isso lhes dá prazer. Fátima pergunta se assistir televisão entraria nisso pois seu marido adora ficar na frente da tevê e diz que isso lhe dá prazer e que só muda sua rotina quando os netos estão em casa. **8C** Coloquei a ela que tanto assistir à tevê como cuidar dos netos poderiam ser considerados uma forma de lazer pois são atividades que lhe trazem prazer. Elas acharam interessante isso e disseram que vão prestar mais atenção aos espaços e aquilo que pode ser lazer, e aproveitando perguntaram se então o passeio no Horto seria lazer, eu coloquei que certamente seria uma forma de lazer, afinal é algo que elas estão esperando com ansiedade e que provavelmente vai lhes trazer muita alegria e prazer. Entrando na parte final nos alongamentos, elas mais uma vez me perguntaram se eu não iria com elas. Repeti o que já havia dito que por ser um dia de semana não poderia me ausentar tanto tempo, mas que agradecia novamente o convite. Elas disseram então que não haveria o encontro da próxima quarta e que somente Mirian e Bela que ficariam para caminhar. Elas disseram que se eu quisesse podia ir somente na próxima segunda e que elas caminhariam e fariam atividades sozinhas. **9B** Disse que iria pensar no assunto e que entrava em contato. Elas se despediram com os abraços de costume e me desejaram uma boa semana.

DIÁRIO DE CAMPO XIII

Local: Ginásio Poliesportivo do Jardim Panorama

Participantes presentes: Dez – Juliana, Bela, Esmeralda, Fátima, Raquel, Débora, Isabel, Mirian, Thelma e Flor do Campo.

Era uma tarde com bastante vento e calor quando eu finalmente pude retornar à quadra devido a ter contraído dengue. Faltavam ainda alguns minutos para as 17:00 e Débora, Flor do Campo, Fátima Juliana e Isabel já estavam no portão. Elas estavam ansiosas em me ver afinal, foram comunicadas de meu problema e várias vezes durante esses quinze dias me ligaram perguntando sobre minha saúde.**1A** Eu também estava ansioso e preocupado em revê-las, pois, o grupo já tem um comprometimento assumido. Perguntei a elas sobre as atividades durante as duas semanas que estive ausente. Fátima me disse que no dia 13 ela reuniu as presentes Juliana, Bela, Esmeralda, Raquel, Débora, Isabel, Thelma e Flor do Campo (um total de nove alunas) e disse que enquanto

eu não pudesse retornar, elas junto com Débora e Flor do Campo iriam direcionar alguns exercícios para que o grupo não ficasse sem atividades e que contava com a presença de todas, afinal todas tinham conhecimento de algum exercício que pudesse ser feito. **2B** Nesse dia, conta Fátima, “fizemos uma caminhada por um período maior e alguns alongamentos de pernas e braços que realizamos sempre”, depois conversaram novamente sobre os problemas da dengue do qual nem o professor havia escapado e que elas estavam preocupadas em ficar doentes. Enquanto fazíamos os alongamentos Flor do Campo comentou que no encontro seguinte do dia 15, que contou com a presença de todas as alunas, ela iniciou realizando alongamentos e em seguida fez uma caminhada em torno de 15 minutos e a seguir realizou exercícios de “braço”, (pelo movimento demonstrado por ela foi realizado foi trabalhada a flexão e extensão do braço para bíceps e tríceps, depois disse que fez exercícios para o bumbum e abdominais, e para encerrar realizaram novamente os alongamentos). Ela conta que todas ajudaram a lembrar dos movimentos e as repetições e que uma corrigia a outra quando notavam algo diferente do que estavam acostumadas a fazer. **3B** Flor do Campo disse que no dia 20 levou para o grupo um texto que recebeu pela internet sobre qualidade de vida na melhor idade¹⁹, assim com a presença de onze alunas ela propôs ao grupo realizarem alguns alongamentos e caminhada e em seguida fazerem a leitura desse texto e discutiram sobre ele. Com exceção de Raquel que segundo elas ficou emburrada com a proposta, mas ao ver que todas concordaram aceitou participar, todas gostaram da ideia e segundo Flor do Campo discutiram bastante sobre de que forma as atividades que elas realizam ali na quadra e em outros grupos, contribuem para a melhoria da qualidade de vida delas. Tita cita como exemplo o caso de Isabel que depois de um longo tempo tratando de uma calcaneodinia, comumente chamada “esporão” ao retornar as atividades vem sentindo melhora dia após dia, fato que foi confirmado por ela. Outro exemplo que surgiu durante essa conversa foi o de Thelma que devido aos problemas familiares que enfrentou no final do ano passado e início deste ano, estava tomando uma quantidade considerável de remédios antidepressivos e que depois que retornou ao grupo, acha que não só as atividades físicas, mas o reencontro com as amigas e o carinho que recebe contribuiu para a redução da quantidade desses medicamentos. Flor do Campo disse que ficou muito contente com o que ouviu e que sugeriu que elas façam mais vezes essas atividades de leitura e conversa. **4B**. No dia 22 novamente todas estavam presentes e Débora informou a todas que havia ligado para o professor e que ele poderia retornar já no dia 27, próxima aula, ela conta que todas ficaram felizes e começaram uma caminhada muito falantes dizendo que não viam a hora do retorno do professor, afinal elas sabiam o que fazer, mas não se sentiam plenamente seguras, “vai que a gente faz alguma coisa errada e se machuca”, comentou Raquel. Elas caminharam por quinze minutos e depois de realizarem alguns alongamentos fizeram uma série de exercícios, sendo que cada uma propôs o movimento e as repetições. **5B** Flor do Campo que é muito observadora, disse que ficou atenta para que nenhuma delas fizesse algo que

¹⁹ Texto: Qualidade de Vida na Terceira Idade, Olga Inês Tessari, disponível em <http://www.riototal.com.br/feliz-idade/psicologia04.htm>, acesso em 05/jun/2015.

pudesse machucar, principalmente a Esmeralda que necessita de uma atenção especial. **6A** Fizeram exercícios para as pernas, braço e barriga e ao final alongaram. Segundo Fátima todas participaram contentes e estavam felizes pelo retorno do professor na próxima aula e por não terem deixado o grupo se dispersar, afinal aquele espaço é delas e para elas, disse Flor do Campo, e elas não podem abandonar afinal umas precisam das outras. **7B** Despediram-se e retornaram as suas casas. Assim, esse diário do dia 27 acabou sendo uma recuperação do acontecido nas semanas anteriores, pois a grande emoção misturada com ansiedade delas era em me contar como sozinhas conseguiram manter as atividades e os encontros do grupo. **8B**

Apêndice2 – Modelo de Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356

CEP 13 565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@power.ufscar.br

PP
GE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você, _____, está sendo convidado para participar da pesquisa de mestrado sob o título provisório "**Lazer e vida de qualidade: dialogando com um grupo de mulheres do Jardim Panorama - Rio Claro - SP**". Você poderá desistir de participar desta pesquisa e retirar seu consentimento a qualquer momento antes da sua conclusão, sendo que sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O objetivo central deste estudo é compreender os processos educativos vivenciados pelas participantes do grupo de mulheres do Jardim Panorama localizado num bairro periférico de Rio Claro/SP, em seus encontros semanais para as atividades de lazer. Sua participação neste estudo consistirá em conceder entrevistas gravadas e autorizar a utilização das observações registradas pelo pesquisador em diários de campo. Todos os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, possibilitando a divulgação dos resultados desta pesquisa em congressos, palestras e outros eventos científicos. O risco de sua participação é de eventual constrangimento durante a coleta de dados, mas cuidados como a discrição, o respeito e o sigilo estão sendo e serão tomados para evitá-lo. Poderá haver benefícios com sua participação na pesquisa no sentido de evidenciar novos elementos para debates sobre o processo de conhecimento popular construído num contexto diverso dos espaços institucionais do sistema educacional. Salientamos que as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e que os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, assegurando o sigilo sobre sua participação. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

Silvino Marques da Cunha Junior

(RG: 13.646.881/ CPF: 02788791879/ Tel.: (19)991593379/ aluno regular do PPGE/UFSCar, orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br.

Assinatura

Rio Claro, ___ / ___ / ____.

(RG: 00.000.000-0 / CPF: 000.000.000/00 / Tel.: 00 00000000)

Anexo - Parecer do Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Lazer e vida de qualidade: dialogando com um grupo de mulheres do Jardim Panorama ¿ Rio Claro ¿ SP

Pesquisador: Silvino Marques da Cunha Junior

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 44641615.3.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.174.326

Data da Relatoria: 12/05/2015

Apresentação do Projeto:

Adequada.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo central desta pesquisa consiste em caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados em um grupo específico e senhoras que realizam atividades físicas e de lazer.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e bem delimitado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

Solicitamos a adequação do cronograma. A pesquisa só poderá ter início após a expedição do parecer substanciado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há inadequações.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 1.174.326

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 06 de Agosto de 2015

Assinado por:
Ricardo Carneiro Borra
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br